



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

WENDEL DE OLIVEIRA

**O ENSINO DE LIBRAS NO JOGO EDUCACIONAL:
Estratégia do ensino de LIBRAS na Educação infantil e
Anos Iniciais do ensino fundamental**

Dissertação submetida à Universidade Federal Fluminense visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Regina e Souza Campello



NITERÓI

2020

WENDEL DE OLIVEIRA

**O ENSINO DE LIBRAS NO JOGO EDUCACIONAL:
Estratégia do ensino de LIBRAS na Educação infantil e
Anos Iniciais do ensino fundamental**

Trabalho desenvolvido no Projeto de Extensão Escola Bilíngue Porto Velho, em parceria com a UNIR (Universidade Federal de Rondônia)

Dissertação submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial, visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Regina e Souza Campello

048e Oliveira, Wendel de

O Ensino de Libras no Jogo Educacional: Estratégia do ensino de Libras na Educação Infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental / Wendel de Oliveira; Ana Regina e Souza Campello, Orientadora. Niterói, 2020.

133 f. : il.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PGCTIn.2020.mp.04531519736>

1. LIBRAS. 2. Jogo. 3. Estratégica Pedagógica. 4. Educação Infantil. 5. Produção Intelectual. I. Campello, Ana Regina e Souza, Orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Biologia. III. Título.

CDD -

WENDEL DE OLIVEIRA

O ENSINO DE LIBRAS NO JOGO EDUCACIONAL: Estratégia do ensino de LIBRAS na Educação infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental

Dissertação submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Aprovado em 05/02/2020

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ana Regina e Souza Campello – CMPI/UFF
Orientadora/Presidente da Banca

Profa. Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz - UFF
Membro Titular

Prof. Drº Nelson Pimenta de Castro – INES
Membro Suplente

Profa. Dra. Ediclea Mascarenhas Fernandes - UFF
Membro Externo

Profa. Dra. Neuza Rejane Wille Lima – UFF
Revisora da Dissertação

À Comunidade Surda Brasileira;
Aos meus amigos;
Aos alunos surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

AGRADECIMENTOS

O sucesso deste projeto só foi possível primordialmente pela confiança e fé que deposito em Deus e a colaboração dos meus alunos que ajudaram a tornar realidade àquilo que até então eram minhas suposições.

Agradeço em primeiro lugar, as pessoas que acreditaram neste projeto quando apenas era uma ideia e não um ideal, aos amigos a confiança e participação de vocês foram fundamentais para a concretização desse trabalho. Dentre eles cito Rosilene Vilarinho que está em Portugal, e me ajudou lembrar como eu ministrava aula nas escolas municipais no ano de 2007, parecido com o método da mãozinha e método fônico para crianças surdas e ouvintes. Também agradeço Ozineide Alves Miranda Oliveira que mora em Porto Velho-RO. Pois foi com ela que fiz um teste usando o “Jogo da Procura”, no qual percebi diversas possibilidades na criação de frases em língua de sinais e outras formas de escritas. O apoio dos professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Bilíngue Porto Velho, INES, UFRJ, UFRGS e UFF que foram especiais e permitiram viabilizar o projeto, assim como a participação de todos os surdos da Escola Bilíngue Porto Velho e os meus ex alunos do INES que me inspiraram.

Quero agradecer também a Ana Regina Campello, cuja orientação foi decisiva para o encaminhamento do trabalho. E a revisora desse projeto, Neuza Rejane Wille Lima, que mesmo estando doente aceitou me ajudar na finalização do mesmo. Em especial agradeço ao Doutor Cláudio Henrique Mourão, Doutora Valeria Nunes e amigos da igreja que me apoiaram sempre para fundamentar essa pesquisa e idealizar esse trabalho.

Agradeço a minha amiga de infância designer Aline Silva, pela coragem de enfrentar esse desafio de desenhar o “Jogo da Procura”, conforme solicitado.

Não posso deixar de agradecer minha mãe Maria Sorlene que lutou para me levar nos lugares certos onde eu pude ter aprendido na educação de surdo e principalmente acesso a LIBRAS. Aos professores do INES dos anos 90 por ter me confiado e acreditado em mim como profissional na educação de surdos, iniciando minha carreira com apenas 17 anos de idade.

Por último, agradeço ao empenho e eficiência de todos aqueles que estiveram na retaguarda como colaboradores para o êxito deste trabalho.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações (Figuras, Gráficos, Quadros)	IX
Lista de abreviaturas (Siglas e símbolos)	XIII
Resumo	XIV
Abstract	XV
1.Introdução	01
1.1 Apresentação	01
1.2 Revisão Bibliográfica	04
1.2.1 Aspectos primórdios da história do ensino de línguas de sinais	04
1.2.2 Não há maior barreira que a comunicação	09
1.2.3 Propriedades das línguas humanas nas línguas de sinais flexibilidade e versatilidade	15
1.2.4 Signos linguísticos da língua portuguesa e da língua de sinais	17
1.2.5 A Origem das línguas de sinais	21
1.2.6 Assumir o bilinguismo como fator primordial na alfabetização do surdo	28
1.2.7 Práticas de alfabetização e letramento para o aluno surdo	30
1.2.8 Alfabetização em LIBRAS	35
1.2.9 A Importância do jogo na construção da aprendizagem do aluno surdo	45
1.2.10 O jogo promove a aquisição da leitura e escrita	50
2.Objetivos	54
2.1 Objetivo geral	54
2.2 Objetivos específicos	54
3.Material e Métodos	55
3.1 Metodologia	55
3.1.1 Pesquisa de campo: métodos, procedimentos e materiais	56
3.1.1.1 Local da Pesquisa	58
3.1.2 Gestão	69
3.1.3 Estrutura Administrativa	69
3.1.4 Cronograma do curso	72
3.1.5 Apresentação do Produto “Jogo da Procura”	73
3.1.5.1 Estrutura do “Jogo da Procura”	74
3.1.5.2 Regras do “Jogo da Procura”	77
4.Resultados e Discussão	81
4.1 – Resultados da ficha de avaliação dos participantes do curso de extensão em relação ao palestrante e ao curso	88
4.1.1 Itens a serem avaliados: Apresentação do Palestrante	88
4.1.2 Itens a serem avaliados: Material didático	89
4.1.3 Itens a serem avaliados: Curso/Organização	90
4.1.4 Itens a serem avaliados: Expectativas do Evento	91
4.1.4 Itens a serem avaliados: Expectativas foram atendidas	92
4.1.6 Itens a serem avaliados: Você consegue aplicar o conteúdo na prática?	93
4.2 Análise de Dados	94
4.2.1 Pontos Positivos e Negativos destacados no “Jogo da Procura”	94

4.2.1.1 Pontos Positivos	94
4.2.1.1 Pontos Negativos	96
5. Considerações Finais	100
5.1 Conclusão	100
5.2 Perspectivas	102
6.Referências	104
6.1 Obras citadas	104
6.2 Obras consultadas	108
7. Apêndices e Anexos	110
7.1 Termo de cessão de imagem	110
7.1.1 Ficha Técnica	112
7.2 Anexos	113
7.2.1 Formulários do Curso de Extensão/Autorização da UNIR	113
7.2.2 Cópia dos questionários	115
7.2.3 Cópia das Autorizações dos Pais	131
7.2.4 Cópia do Certificado	133

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

	Páginas
Figura 1: As 46 Configurações de mão da LIBRAS	02
Figura 2 Alfabeto Manual	04
Figura 3: Configurações de mão	26
Figura 4: Cartaz informativo do Curso de Extensão	57
Figura 5: Layout da caixa. Arquivo do Autor elaborado por Designer SilvAline Silva	74
Figura 6: Layout do tabuleiro. Arquivo do Autor elaborado por Designer SilvAline Silva	74
Figura 7: Layout de cartas azuis – para o usuário que está aprendendo LIBRAS ou tem dificuldade. Arquivo do Autor elaborado por Designer SilvAline Silva	75
Figura 8: Layout de cartas amarelas – para o usuário que está aprendendo LIBRAS ou tem dificuldade. Arquivo do Autor elaborado por Designer SilvAline Silva	75
Figura 9: Layout de cartas cinzas – para o usuário que não sabe nada de LIBRAS. Arquivo do Autor elaborado por Designer SilvAline Silva	75
Figura 10: Manual de instruções “Jogo da Procura”. Arquivo do Autor elaborado por Designer SilvAline Silva.....	76
Figura 11: Alfabeto manual do bondinho de Santa Tereza com o uso da configuração de mão. Arquivo do Autor elaborado por Designer SilvAline Silva.....	76
Figura 12: Apresentação do Jogo Pedagógico ao público do curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. Arquivo do autor.....	77
Figura 13: Demonstração das Regras do Jogo Pedagógico ao público do curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo	

educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. 81
Arquivo do autor.....

Figura 14: Participação de 03 (três) ouvintes no jogo, que estavam no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. 82
Obs.: Uma participante está com tarja no rosto devido os pais não apresentarem em tempo hábil a autorização de imagem). Arquivo do Autor.....

Figura 15: Participação de um aluno ouvinte e uma aluna surda no jogo pedagógico, no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos – E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. Arquivo do autor 85

Figura 16: Participação de 02 (duas) alunas surdas no jogo pedagógico, no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. 86
Obs. (uma aluna está com faixa no rosto devido os pais não apresentarem em tempo hábil a autorização de imagem). Arquivo do Autor

Figura 17: Participação de 02 (dois) alunos ouvintes no jogo pedagógico, no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. Obs.: Os dois estão com tarja no rosto devido os pais não apresentarem em tempo hábil a autorização de imagem. Arquivo do Autor 87
.....

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
Gráfico 1: Apresentação do Palestrante.....	89
Gráfico 2: Material didático.....	90
Gráfico 3: Curso/Organização.....	91
Gráfico 4: Expectativas do Evento	92
Gráfico 5: Expectativas foram atendidas.....	93
Gráfico 6: Você consegue aplicar o conteúdo a prática?	94

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1: Materiais Didáticos da Abordagem Comunicativa.....	06
Quadro 2: Materiais Didáticos em situações comunicativas.....	08
Quadro 3: Método fônico adaptado por Capovilla, 2007. (Método da abelhinha)	11
Quadro 4: Método fônico adaptado para alunos surdos, utilizando a configuração de mão. (Método da mãozinha)	13
Quadro 5: Distinções na forma de comunicação entre a Língua Portuguesa e a LIBRAS	19

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

A-P-P – Apresentação, Prática e Produção

A-P-P-E – Apresentação, Prática, Produção e Escrita

ASL - American Sign Language

CORDE – Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência

EMEIEF – Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LGP – Língua de Sinais Portuguesa

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LSF - Língua de Sinais Francesa

MEC – Ministério da Educação

SEESP – Secretária de Educação Especial

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

Este estudo tem por objetivo pesquisar, analisar e desenvolver recursos didáticos para o ensino da Língua Brasileira de Sinais associada concomitantemente aos signos da Língua Portuguesa - para crianças surdas dos anos finais da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esta pesquisa se justifica porque muitas crianças surdas, quando não mantém contato com outros surdos, têm chegado à escola com pouco ou nenhum conhecimento da LIBRAS, usando apenas gestos e basicamente nenhum conhecimento dos signos escritos da Língua Portuguesa. A problemática do estudo busca responder a algumas perguntas apoiadas em hipóteses, tais como: O aprendizado de LIBRAS pode possibilitar uma melhor compreensão do mundo por crianças surdas? Existem jogos pedagógicos dirigidos especificamente para o ensino de LIBRAS destinado a alfabetização? A fim de responder esses questionamentos iniciais, por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, este estudo visa à orientação que possam aprimorar o processo de ensino-aprendizagem da LIBRAS pelo público surdo da Educação infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Com base nos estudos linguísticos sobre a LIBRAS, propõe-se recursos didáticos através da criação de um jogo didático, para o ensino, com proposta em APPE- Apresentação, Prática, Produção e Escrita, para que a criança alcance a escrita da Língua Portuguesa pelo método da mãozinha. Assim, apresentam-se sinais e questões gramaticais da Língua Portuguesa através de recursos visuais, em seguida, aplica-se a prática, por meio de exercícios guiados, como uso de perguntas e respostas, e, finalmente, a produção, momento em que o aluno, com seu conhecimento prévio sobre sinais e signos da escrita portuguesa, incorporam novos conhecimentos ministrado em aula e produz diálogos comunicativos e escrita básica dos sinais aprendidos. Dessa forma, esta pesquisa propõe caminhos para o estudo e o desenvolvimento de atividades didáticas que possam contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de LIBRAS e dos signos da escrita da Língua Portuguesa por crianças surdas através de jogos pedagógicos.

Palavras chave: LIBRAS, Jogo, Estratégia pedagógica, Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental

ABSTRACT

This study aims to research, analyze and develop didactic resources for teaching the Brazilian Sign Language associated with the signs of the Portuguese Language - for deaf children in the final years of Early Childhood Education and the Early Years of Elementary Education. This research is justified because many deaf children, when not in contact with other deaf children, have come to school with little or no knowledge of LIBRAS, using only gestures and basically no knowledge of written signs of the Portuguese language. The problematic of the study seeks to answer some hypothesis-based questions, such as: Can the learning of LIBRAS enable a better understanding of the world by deaf children? Are there educational games specifically aimed at teaching LIBRAS for literacy? In order to answer these initial questions, by means of a bibliographic and field research, this study aims at the orientation that can improve the teaching-learning process of LIBRAS by deaf children Years of Elementary Education. Based on the linguistic studies on LIBRAS, didactic resources are proposed through the creation of a didactic game, for teaching, with proposal APPE- Presentation, Practice, Production, so that the child reaches the writing of the Portuguese language by the hand method. Thus, we present signs and grammatical questions of the Portuguese Language through visual aids, then apply the practice through guided exercises, such as the use of questions and answers, and, finally, the production, when the student, with his previous knowledge of signs and signs of Portuguese writing, incorporates new knowledge taught in class and produces communicative dialogues and basic writing of learned signs. Thus, this research proposes ways for the study and development of didactic activities that can contribute to the process of teaching and learning of LIBRAS and the signs of Portuguese language writing by deaf children through pedagogical games.

Keywords: LIBRAS, Game, Pedagogical Strategy, Child Education, Initial Years of elementary.

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Este estudo é justificado porque se faz necessário o desenvolvimento de pesquisas para o ensino de LIBRAS - português que compreendam o caráter cultural do surdo e busquem estratégias didáticas (LIBÂNIO, 1994) que valorizem as línguas de sinais e possibilite que as crianças surdas tenham referencial sobre a sua língua e sua cultura, simultaneamente com os signos da Língua Portuguesa. Para falar da história do ensino das línguas de sinais e do ensino de LIBRAS no Brasil, faz-se necessário abordar os aspectos da história do ensino da Língua de Sinais Americana (ASL), fazendo um paralelo entre as duas, pressupondo que as pesquisas sobre as línguas de sinais iniciaram com a ASL.

Durante muitos anos o ensino de línguas de sinais, como por exemplo, a American Sign Language - ASL (WILCOX; WILCOX, 2005), e a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (ALBRES, 2008; 2012; ALMEIDA, 2010; FELIPE, 2009; FERREIRA 1995; GESSER, 2010; KARNOPP, 2004; NEVES, 2011; QUADROS, 2006) foram ensinadas nas universidades e curso de Letras LIBRAS sobre a língua de sinais.

Visto que, nos leva a observar que, questões da cultura surda e aspectos da gramática não eram contemplados, pois se ensinava um vocabulário básico de sinais (palavras descontextualizadas) e a elaboração de sentenças e diálogos deveriam ser construídas pelos alunos. Segundo Gesser (2009), no Brasil, a discussão sobre metodologias aplicadas ao ensino de LIBRAS ainda é muito inicial, o que me incita persistir em minhas pesquisas, através de experiências profissionais construídas durante 25 anos atuando como professor na educação de crianças surdas no Instituto Nacional de Educação – INES observei a real necessidade de materiais pedagógicos concretos de apoio educacional para atender no aprendizado de alunos surdos, crianças até idosos na Educação de Jovens e Adultos. No entanto, nunca tinha pensado em fazer mestrado, porém, o que me fez ingressar em pesquisas, foram as crianças fluentes em LIBRAS do INES, que reclamavam que os jogos que eu comprava tinham o ensino de LIBRAS errado. Por esse motivo, certo dia uma criança surda de 11 anos me questionou, pra eu fazer um jogo de LIBRAS. Logo pensei, onde farei um estudo para desenvolver um jogo? Foi a partir desse

momento, decidi fazer mestrado, para aprofundar minhas pesquisas e deu certo, consegui desenvolver um jogo Pedagógico para os alunos surdos e ouvintes aprender de forma lúdica os signos linguísticos da língua de sinais brasileira, através do primeiro parâmetro fonológico de LIBRAS denominado de Configuração de Mão (CM) no qual foram catalogadas 46 CMs conforme Ferreira Brito (2010).

Figura 1: As 46 Configurações de mão da LIBRAS



Fonte: (FERREIRA BRITO, 2010, P. 220)

Segundo ORTEGA e GASSET (1961, p. 367)” A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem...”

Dessa forma, é proposto que o ensino de LIBRAS possa privilegiar atividades comunicativas. Segundo Richards (2006), uma das importantes contribuições da abordagem comunicativa foi distinguir entre duas competências que devem ser adquiridas pelos estudantes de uma língua: a competência gramatical (estrutura de uma língua: fonologia, morfologia, sintaxe) e a competência comunicativa (uso da língua em situações reais de comunicação: graus de formalidade, diferentes gêneros textuais etc.) e dar à competência comunicativa um papel central no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Diante do conceito de multiculturalismo¹, o grupo de surdos se apoia em sua cultura enfatizando a LIBRAS como sua língua natural e o português como sua segunda língua, pois se faz necessária para a aquisição da escrita. O bilinguismo tem como pressuposto básico a necessidade do surdo ser bilíngue, adquirindo este a Língua de Sinais que é considerada a língua natural dos surdos como L1 e a oral utilizada em seu país, que no nosso caso seria o português de forma escrita como L2. Essas duas línguas devem ser utilizadas simultaneamente para que suas estruturas sejam preservadas, desta forma a comunidade surda não faz uso do oralismo. Segundo Oliveira e Walter (2016), o Bilinguismo é a melhor maneira encontrada até os dias atuais para a inclusão e a alfabetização de surdos.

Refletindo sobre esses aspectos, marcadamente na interiorização da cultura² que contribui para a manutenção do conservadorismo e práticas alfabetizadoras na escola, o presente estudo busca através da crítica dialética, tencionar, problematizar e trazer à tona as condições objetivas materiais e didáticas das práticas alfabetizadoras em uma escola bilíngue e inclusiva. Assim, podemos dizer que nossa pesquisa está organizada da seguinte maneira: na criação da situação causadora do problema, o objeto de estudo é proposto e justificado, baseados no bilinguismo, na educação e na inclusão escolar, continuamente relacionadas às questões investigadas e aos objetivos do estudo.

No primeiro e segundo capítulos serão discutidos os aspectos da história da língua de sinais sob o prisma que há um paralelo entre a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e ASL (Língua de Sinais Americana), a luz do pensamento de Neves (2011) que aborda e destaca matérias específicos para a aquisição da ASL. Resgatando aspectos históricos sobre o bilinguismo e suas contextualizações dentro do ensino especial e regular no Brasil, ao longo dos últimos anos. Contando com o apoio dos pensamentos de Stokoe (1960), para discussão e análise do ensino de

¹ Multiculturalismo, ou pluralismo cultural, é um termo que descreve a existência de muitas culturas numa região, cidade ou país, com no mínimo uma predominante. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Multiculturalismo>, acesso em 23/03/2019.

² Processo pelo qual o indivíduo adota inconscientemente concepções, ideias, valores, regras, hábitos, práticas etc. provenientes de outras pessoas ou grupo social; internalização, introjeção Disponível em www.dicio.com.br/interiorizacoes acesso em:20/03/2019.

uma segunda língua em sala de aula regular, pois ele passou a ver a língua de sinais como realmente uma língua e não apenas meros gestos.

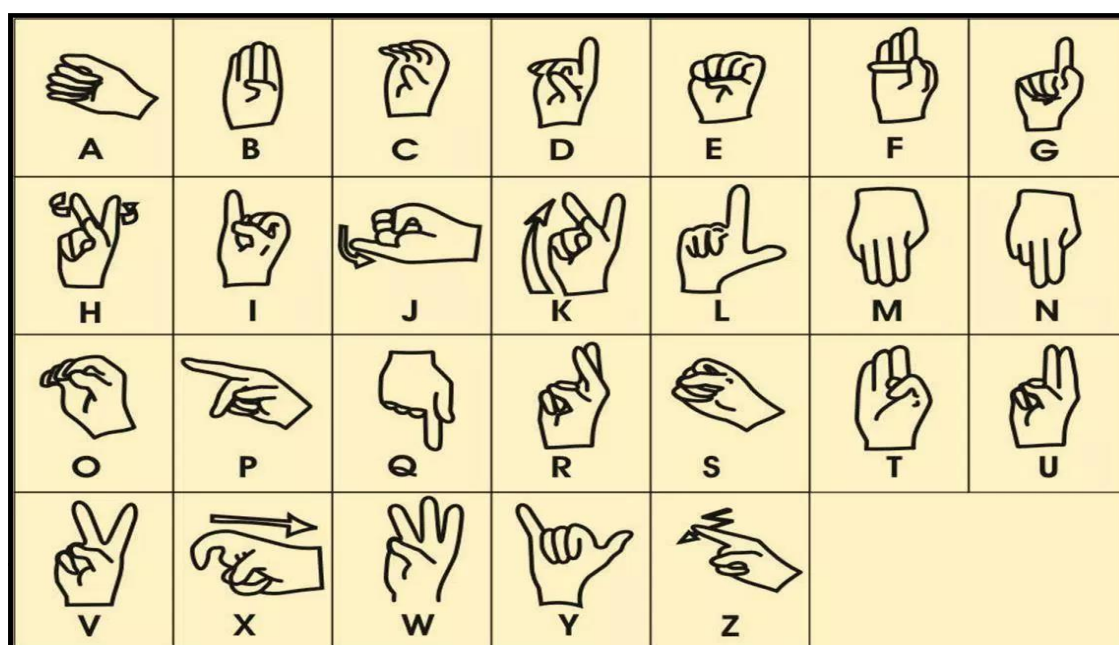
Nas Considerações Finais contemplarei as impressões dos estudos, articuladas às experiências educacionais e resultados obtidos durante a pesquisa no Curso de Extensão realizada na instituição de ensino regular.

1.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.2.1 ASPECTOS PRIMÓRDIOS DA HISTÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUAS DE SINAIS

Os aspectos primórdios da língua de sinais não podem deixar de citar a contribuição que foi dada pelo médico americano Orion Cornett³, no ano de 1966 quando uniu sinais a leitura labial. Porém o início de tudo se deu através do francês Charles Michel na metade do século XVII, que elaborou um sistema de sinais para alfabetizar crianças surdas que perpetua até os anos atuais. Nessa época as crianças surdas não eram alfabetizadas e em 1755 Charles Michel fundou a primeira escola para surdos, utilizando seu método que foi aperfeiçoado ao longo do século. Adotado por vários países o método chegou ao Brasil no ano de 1856 através do conde francês Eduard Huet, que era surdo. Dessa forma, sabemos que a primeira língua de sinais que o Brasil adotou foi à francesa.

Figura 2: Alfabeto Manual



Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-criou-a-linguagem-de-sinais-para-surdos>.
Acesso em: 17/10/2018.

No entanto, os aspectos primórdios da língua de sinais através dos tempos nos propõem um paralelo entre duas histórias do ensino das línguas de sinais, e, especificamente, o ensino da LIBRAS no Brasil e a (Língua Americana de Sinais). Segundo Neves (2011), o ensino da ASL, da década de 1960 a 1980, era promovido por setores de educação especial ou departamentos de distúrbios da comunicação dentro das instituições educacionais e médicas nos Estados Unidos, o que fazia com que os estudos da cultura surda e os aspectos da gramática da ASL deixassem muito a desejar. Isso ocorria devido à visão clínica, que existia na época, sobre surdez, que restringia o ensino de sinais a recursos rudimentares entre surdos e ouvintes. Tudo começou a mudar a partir da década de 1990, quando os departamentos de linguística, línguas clássicas e modernas passaram a aceitar a ASL. O ensino da língua passou a ser na perspectiva do ensino de línguas orais estrangeiras e as metodologias de ensino passaram a ser utilizadas. Os cursos línguas estrangeiras e os ASL deixam de ser apenas de curta duração, e passam a ser organizados e promovidos por vários semestres.

Os primeiros cursos de ASL, segundo Neves (2011), focavam apenas em ensinar um vocabulário básico de sinais referentes às palavras do inglês, construção das frases e diálogos se encontrava apenas em ANAIS de Congresso Internacional Seminário de Educação Bilíngue para Surdos (2005), conhecido pelos alunos, colaborando para que os aspectos da gramática da ASL fossem mal interpretados e passando por uma comunicação não-verbal.

Segundo NEVES (2011), as primeiras abordagens do ensino da ASL se deram através do método gramática-tradução. Segundo a autora, esse método foi utilizado nas décadas de 1950 e 1960, antes de ocorrerem às pesquisas linguísticas onde foram demonstrados que as línguas de sinais eram línguas naturais iguais às línguas orais. Os professores de ASL dessa época usavam o inglês como língua de instrução, não enfatizando o uso da língua-alvo para a comunicação, usadas nas aulas com o método gramática-tradução (Neves, 2011). Aulas essas que consistiam no ensino de listas de palavras sem nenhum contexto com métodos audiolinguais

para o ensino da ASL como segunda língua, que concebia o ensino da língua através da repetição de padrões, sendo influenciado por tendências mais modernas de ensino de segunda língua após a década de 1980, entre estas tendências se encontrava a abordagem comunicativa. Nessa época Neves (2011), destaca os seguintes materiais didáticos conforme o quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Materiais Didáticos da Abordagem Comunicativa

MATERIAL DIDÁTICO	AUTOR	ANO	MÉTODO
A Basic Course in American Sign Language (1º material didático para o ensino de ASL)	Humphries, Padden e O'Rourke	1980	Centralizava a aprendizagem consciente das estruturas gramaticais da ASL.
A Basic Course in Manual Communication		1980	Destacava o desenvolvimento das habilidades orais; Estudava distintamente a língua materna e a língua alvo
E Signing Naturally	Instrutores da Faculdade Comunitária de Vista	1980	Focava os objetivos comunicativos dos atos de fala; Exibia amostras de língua elaboradas por surdos de diferentes faixas etárias
The American Sign Language phrase book (Série de livros e vídeos)	Fant & Miller	1983	Demonstrava os conteúdos organizados em

			forma espiral, tornando mais complexos conforme o curso avançava.
--	--	--	---

Fonte: ALBRES, 2012

Segundo Neves (2011), mesmo na década de 1980 não ocorrendo conhecimento acerca da existência de materiais de ensino de ASL para ouvintes com base na abordagem comunicativa, essa abordagem foi sendo explorada por alguns instrutores surdos. Evidenciando quando levavam para a sala de aula outros surdos, onde os alunos passavam a interagir. Essa forma de comunicação ocorria preferencialmente nas igrejas e as pessoas as procuravam, na época, para manterem essa comunicação. Com a necessidade de um local específico em 1987 foi fundada a FENEIS, onde os cursos começaram a ser oferecidos de forma regular e sem vínculo religioso.

Segundo Neves (2011), nos primórdios, os cursos de LIBRAS no Brasil também não tinham materiais didáticos e muito menos um currículo sistematizado, os instrutores acabavam improvisando. No caso dos estudantes de nível básico, os instrutores ensinavam alguns sinais correspondentes a palavras isoladas da Língua Portuguesa, sem nenhuma contextualização e para que as aulas não ficassem monótonas, usavam jogos, diálogos e dramatizações. Isso dependia dos resultados obtidos em sua aplicação nas aulas dos cursos, e a cada ano reformulavam-se os conteúdos que seriam trabalhados. Isso ocorreu até a publicação do livro “LIBRAS em Contexto” de Tânia Amara Felipe (2009), passando a ser o currículo de nível básico do ensino da LIBRAS em todo o Brasil. Esse livro foi referencial para a publicação de outros livros como, os de Albres (2008) e Pimenta e Quadros (2006).

O Brasil oficializa e reconhece a LIBRAS, através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, chamada Lei de LIBRAS. A partir desse momento foi enfatizado o trabalho de autores como o de Felipe (1993), intitulado “Metodologia do ensino de LIBRAS para ouvintes”, para aquisição da LIBRAS como segunda língua.

Esse trabalho apresenta algumas orientações metodológicas para o ensino da LIBRAS onde é observado uma inclinação para os princípios da abordagem comunicativa. Gesser (2009) sinaliza que notadamente Felipe (2009) apresenta nas

orientações metodológicas de sua obra, preocupação com o desenvolvimento da comunicação na língua-alvo LIBRAS, por meio da diminuição das intervenções corretivas por parte professor e através da criação de situações comunicativas em que os sinais aprendidos são utilizados.

No Brasil, para o ensino de LIBRAS a partir de 2001, Neves (2011), descreve os seguintes materiais didáticos, conforme o quadro 2.

Quadro 2: Materiais Didáticos em situações comunicativas

MATERIAL DIDÁTICO	AUTOR	ANO	CARACTERÍSTICAS
LIBRAS – Contexto Curso Básico	Felipe	2001	Comunicativas da fala
Coleção Aprendendo LSB	Pimenta	2004, 2005, 2006	Destacava características dos atos da fala
Curso de LIBRAS I, II E III		2008, 2009, 2010	Destacava características dos atos da fala
De sinal em sinal: Curso Básico	Albres	2008	Destacava características dos atos da fala

Fonte: ALBRES, 2012

Entre todos esses materiais utilizados para o curso de LIBRAS, podemos destacar o mais utilizado “LIBRAS em Contexto – Curso Básico”, que segundo Almeida (2010) em sua primeira edição que foi publicada em 1997 sob responsabilidade do MEC/SEESP/FNDE, financiada pelo Ministério da Justiça/CORDE e usada no primeiro curso de capacitação de instrutores surdos no mesmo ano. Esse material passou a ser utilizado em cursos de LIBRAS como segunda língua para ouvintes, realizados pela FENEIS.

Atualmente, contamos com alguns materiais didáticos, como foi descrito, para a obtenção e aprimoramento da LIBRAS e principalmente, a capacitação de profissionais devidamente habilitados na língua brasileira de sinais.

1.2.2 NÃO HÁ MAIOR BARREIRA QUE A COMUNICAÇÃO

A comunicação tem que ser clara para que não haja barreiras. Quando a comunicação não é realizada entre as pessoas ou é mal interpretada, existe uma barreira neste processo. Essas barreiras podem ocorrer devido à mensagem recebida por parte, ter sido mal interpretada ou distorcida, também não ter sido captada ou interrompida no decorrer da comunicação. Tudo o que possa criar problemas, mal-entendidos, dificuldades na comunicação são chamadas de barreiras à comunicação.

Segundo Penteado (1991, p.25), comunicação é convivência; está na raiz de comunidade, agrupamento caracterizado por forte coesão, baseada no consenso espontâneo dos indivíduos. Consenso quer dizer acordo, consentimento, e essa acepção supõem a existência de um fator decisivo na Comunicação Humana: a compreensão que ela exige, para que se possam colocar, em 'comum', ideias, imagens e experiências. Seu grande objetivo é o entendimento entre os homens. Para que exista entendimento é necessário que se compreendam, mutuamente, os indivíduos que se comunicam.

Dessa forma, podemos partir do pressuposto que você é uma criança e quer dizer para sua mãe que sente algo, como fome, sem que ela entenda absolutamente nada, ou tem medo de baratas e ela ache que está com dor de barriga e te dê um remédio. Na verdade, o que você realmente quer é a sua companhia ou dizer o quanto a ama e isso lhe é impossível. Partindo desse exemplo, podemos visualizar a vida do surdo, repleta de momentos de incompreensão, repleta de falta de comunicação. Pelo simples fato da sociedade ainda não ter pleno conhecimento e acesso a língua de sinais.

A sociedade ainda usa o termo “deficiente” para os surdos, é assim que somos tratados pela sociedade, denotando para muitos que somos incapazes.

Conhecemos as necessidades de muitas pessoas com deficiência, porém para nós surdos, ainda existe uma deficiência nas condições de atendimento, principalmente em repartições públicas, hospitais, lojas e locais adaptados que lidam com questões de acessibilidade. Pois ainda não temos pessoas preparadas para nos atender na forma que necessitamos, através de nossa língua natural. O termo nos inclui na acessibilidade, porém não exclui ao acesso.

Agora questionamos o que você sabe sobre surdez. Aquele alfabeto brasileiro de sinais que você já deve ter comprado em ônibus? Você pensa que a comunicação do surdo se dá daquela forma? Às vezes interrogamos, será que os profissionais da área sabem sobre o surdo ou sobre surdez? Os pais e familiares precisam saber o que fazer, porque por fim nós não nascemos com manual de instruções ou botões para serem acionados. O nosso objetivo principal é conquistar a cidadania plena através do reconhecimento de nossa língua pela população e não somente pela legislação. Admito que a Lei 10.436/2002 foi uma vitória para nossa comunidade, pois a LIBRAS é uma língua, é a forma que nos comunicamos que interagimos, que questionamos e que nos colocamos como cidadãos. Teoricamente falando é a Língua Brasileira de Sinais é uma língua que vem gradativamente ganhando espaço na sociedade por conta dos movimentos que elaboramos em prol dos nossos direitos. Estamos em constante luta que se perpetua por anos onde caracteriza o surdo como um “povo cultural”, com língua própria. Sofremos a opressão de uma sociedade majoritária por anos que impõe padrões de cidadania e não levam em conta as nossas especificidades. Estamos efetivando nossa participação na sociedade através da nossa comunicação, através da nossa língua. Somos cidadãos em busca de cidadania, somos seres humanos em busca de humanidade, somos comunicativos em busca de comunicação.

Portanto, a fim de compreender como essa comunicação está relacionada, mostraremos um método de alfabetização que já vem sendo proposto na educação de alunos, denominado método fônico. Que segundo autor, (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2007), o alfabetizador ensina ao aluno os sons das letras do alfabeto que ficam acima do quadro branco, apontando individualmente cada letra juntamente com uma imagem e associa ao som de uma palavra. Outros recursos didáticos são utilizados para atingir esse método, tais como: textos desenvolvidos

por critérios semânticos, fichas e listas de palavras. A partir dessa construção o aluno consegue ler toda e qualquer palavra.


Tendo em vista essas especificidades os autores (Capovilla e Capovilla, 2007, p. 88), menciona em seu livro alfabetização: método fônico, que pesquisas internacionais conduzidas nos mais diversos países, comprovam a eficácia desse método. A partir daí, tais resultados dos estudos brasileiros e internacionais reforçam a importância do ensino fônico para alfabetização.

Relacionando esse método a prática de ensino em sala de aula partimos ao exemplo de modelo de plano de aula A-P-P (Apresentação, Prática e Produção) que é um modelo que já é usado a prática de alfabetização do ensino regular. Esse modelo vem de encontro ao método da abelhinha de autoria de Alzira Sampaio Brasil da Silva, Lucia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso, educadoras com ampla experiência de ensino e pesquisa em alfabetização.

A criação desse método foi inicialmente experimentada na Escola Guatemala, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1965. No qual evidencia na memorização do som das letras, em consonância a aprendizagem da leitura, foco principal do método. O uso desse método em estudo utilizou recursos fônicos e visuais, em que podem ser ensinados para alunos ouvintes, através do som que ouvem e aos surdos oralizados que não ouvem o som, mas fazem a leitura labial, quando falam com ele devagar e olhando direto em seus olhos. Todavia, esse método não serve para os surdos que não fazem o uso dessa comunicação oral. Segue abaixo o quadro 3 adaptado pelo autor Capovilla e Capovilla, 2007, P. 87 explicando esse método sonoro.

Quadro 3: Método Fônico adaptado por Capovilla, 2007. (Método da abelhinha)

A	P	P
APRESENTAÇÃO	PRÁTICA	PRODUÇÃO
Apresentação da imagem	Prática do som	Reprodução do som
O professor apresenta aos alunos as imagens que	O Professor faz o som e pede para os alunos	O professor reproduz o som de cada letra do

<p>iniciam com as letras do alfabeto.</p> 	<p>praticarem.</p>	<p>alfabeto para os alunos, apontando para cada letra.</p>
<p>O aluno observa o som da palavra e a imagem.</p> <p>Ex.: “A” de abelhinha</p>	<p>O aluno pratica a palavra através do som.</p>	<p>O aluno reproduz o som do apontamento do professor</p>

Fonte: Arquivo do Autor

Desse modo, quando me refiro ao ensino de LIBRAS-Português, venho propor uma estratégia baseada no modelo de aula A-P-P-E (Apresentação, Prática, Produção e Escrita), no qual corresponde à organização do processo de ensino em quatro estágios: no primeiro, a forma e a função de determinada estrutura gramatical são apresentadas; em seguida, passa-se à prática controlada e menos controlada do item gramatical apresentado; depois o professor promove uma atividade mais livre, na qual os alunos têm a oportunidade de fazer uso da nova estrutura e por último o aluno reproduz o item gramatical através de signos escritos da Língua Portuguesa. Esse método utiliza a configuração de mão, ensino ideal para alfabetização de alunos surdos.

O “método da mãozinha” é um método que pode ser usado em todos os estados do Brasil, no entanto, o alfabetizador precisa atentar-se os sinais com a configuração de mão porque cada estado do Brasil tem alguns sinais iguais e outros com variação linguística. Tal informação reforça que cada estado tem seus próprios sinais. Diferente de outros estados, alguns são iguais. Como por exemplo: A de apagar maioria dos estados do Brasil usa o mesmo sinal, com a mesma configuração de mão, outro exemplo diferente é o sinal de quem Q-U-M, no Norte faz a letra < R > do alfabeto manual, com movimento de dois lados.

Em outros países também tem seus sinais diferentes de outros países e alguns podem ser iguais.

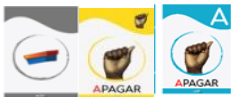

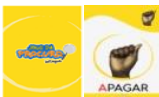

O “método da mãozinha” nasceu com a pesquisa da soletração e configuração de mão com uso de sinais juntamente com o alfabeto manual. O mesmo ajuda as crianças surdas diminuir as dificuldades quando elas estão numa escola de ouvintes. Ele é método bilíngue que pode ser usado nas escolas que tem alunos surdos e ouvintes na mesma sala de aula ou nas escolas bilíngues.

Esse método contribui para eliminar o fracasso escolar das crianças surdas no que se refere ao atraso da leitura e da escrita porque é um método de ensino eficaz que ajuda as crianças surdas aprender ao mesmo tempo que a criança ouvinte. No entanto, é necessário que o professor seja usuário da língua de sinais. Precisa ter fluência em LIBRAS e participar da comunidade surda.

O “Método da mãozinha”, também pode ser usado igual o método de alfabetização parecido com o método fônico. Em que, o Alfabetizador que ensina aos alunos ouvintes os sons das letras do alfabeto e seu som é captado para o canal auditivo e neles são gravadas em sua memória para ajudar a distinguir as diferenças das letras e seus sons que ficam expostos acima do quadro branco. Com crianças surdas o mesmo poderá substituir usando um Alfabeto manual, com sinais que estão no bondinho de Santa Teresa, que mostraremos neste trabalho na figura 11, (página 76). Porque as crianças surdas não precisam de som, e sim do visual da configuração de mão. Cada letra soletrada com as mãos são captadas pelos olhos e ficam gravadas em sua memória visual. Segue abaixo o modelo de Plano de Aula (A-P-P-E), elaborado pelo autor, conforme quadro 4.

Quadro 4: Método fônico adaptado para alunos surdos, utilizando a configuração de mão. (Método da mãozinha).

A	P	P	E
APRESENTAÇÃO	PRÁTICA	PRODUÇÃO	ESCRITA
Apresentação da imagem	Prática do sinal	Reprodução do sinal	Escrita do sinal
O professor apresenta ao aluno as imagens que iniciam com as	O Professor pergunta o sinal para o aluno, se ele não souber, o	O professor reproduz o sinal para o aluno.	O professor faz escrita do sinal com várias formas para o aprendizado do aluno que segue

<p>letras do alfabeto manual.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Carta Azul – Aluno que já é fluente em LIBRAS. • Carta Cinza – Aluno que não sabe LIBRAS ou primeira vez; • Carta Amarela – Aluno que está aprendendo LIBRAS ou tem dificuldade de aprender; 	<p>professor ensina fazer.</p>		<p>abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O Professor soletra e o aluno escreve; • Ou o professor mostra a imagem e o aluno soletra; • Ou o professor mostra a imagem e o aluno escreve no papel.
			
<p>O aluno observa o sinal apresentado pela letra inicial do alfabeto manual. Este sinal utiliza a configuração de mão. Ex.: “A” de apagar.</p>	<p>O aluno pratica o sinal junto com o professor, utilizando a configuração de mão da letra inicial do alfabeto manual. Ex.: “A” de apagar.</p>	<p>O aluno reproduz o sinal da figura que o professor apresentou anteriormente.</p> <p>Nesse momento, o aluno memoriza o sinal apresentado com a configuração de mão da letra inicial do alfabeto manual.</p>	<p>O aluno desenvolve a escrita do sinal em português.</p> <p>Nesse momento, o aluno memoriza a letra inicial do alfabeto e associa a palavra que ele observou da imagem apresentada anteriormente.</p> <p>Logo após, ele faz a escrita da palavra na língua portuguesa, no papel ou no</p>

			espaço neutro com a soletração.
--	--	--	---------------------------------

Fonte: Arquivo do Autor

1.2.3 PROPRIEDADES DAS LINGUAS HUMANAS NAS LINGUAS DE SINAIS FLEXIBILIDADE E VERSATILIDADE

As línguas apresentam diversas possibilidades de uso em diferentes contextos. Na língua de sinais corre da mesma forma, ela é usada para perpetuar e desempenhar diferentes funções. A sua flexibilidade nos permite argumentar em sinais, fazer poesia em sinais ou simplesmente informar, persuadir, dar ordens e também interrogar.

Observamos que algumas palavras na língua de sinais podem não apresentar relação direta entre a forma e o significado. Exemplificando uma frase em LIBRAS: CONHECER PESSOA TRABALHO. As diferenças mínimas entre as palavras e os seus significados são descontínuos pela forma que são apresentados os diferentes níveis linguísticos.

Podemos verificar que na língua de sinais que há uma descontinuidade entre o caráter formal, a forma e o significado. Pode-se ilustrar vários exemplos de sinais, tais como: o sinal de MORENO e SURDO, são realizados no mesmo local e com a mesma configuração de mão, mas com pequenas mudanças no movimento e não são confundidos ao serem produzidos dentro do contexto. Por esses sinais apresentarem uma distribuição semântica que não permite a confusão entre os significados apresentados dentro do contexto. Você pode dizer o que quiser e de diversas formas através da criatividade e produtividade de determinada informação, seguindo apenas um conjunto finito de regras. Iniciando por esse conjunto, pode-se produzir uma sentença infinita na língua humana. Tornando assim, a LIBRAS ou língua de sinais, uma língua completamente produtiva como qualquer outra língua.

Observamos que as línguas humanas apresentam duas articulações:

- Das unidades menores sem significado.

- Das unidades que combinadas formam unidades com significado.

A língua de sinais, especificamente a LIBRAS, por ser o meu material de estudo, também apresenta o nível da forma e o nível do significado, pois a configuração de mão por si só não apresenta significado, mas ao ser combinada forma sinais significativos.

Como toda língua, a LIBRAS também é repleta de regras compartilhadas por um grupo de pessoas, que neste caso somos nós os surdos. Dessa forma, os sinais não podem ser produzidos de qualquer maneira, sendo necessário obedecer e observar as regras, pois como qualquer língua tem regras de formação, no nosso caso regras de sinais e sentença que mantêm uma relação estrutural entre os elementos e sentenças da língua. A língua de sinais, podemos dizer que é uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos. Essa concepção está atrelada à ideia filosófica de que o mundo das ideias é abstrato e que o mundo dos gestos é concreto. O que leva a maioria equivocadamente, confundir os sinais como se fossem gestos.

Na verdade, os sinais são palavras, apesar de não serem orais auditivas e sim visuais. Como a língua falada, a língua gestual pode expressar ideias abstratas, falando sobre emoções e sentimentos como qualquer outra língua falada.

A língua de sinais não é universal, essa ideia é um mito, dá mesmo forma que língua falada, a língua de sinais tem diversas ramificações. A língua gestual francesa e inglesa vem como base dessas ramificações. Como citado anteriormente provavelmente, a LIBRAS pertence à linha das línguas de sinais que se originaram na língua de sinais francesa.

Podemos dizer que existe uma falha na organização gramatical da LIBRAS que seria derivada das línguas sinais, por não possuir estrutura própria e serem subordinadas e inferiores as línguas orais. As línguas consideradas gestuais poderiam não apresentar mesma complexidade das línguas faladas, mas apresentam; primeiro por serem línguas de fato, segundo por serem independentes das línguas faladas. Podemos citar a língua de sinais portuguesa que é de origem inglesa e a língua de sinais brasileira que é de origem francesa, mesmo sendo a

língua portuguesa a língua madre nos respectivos países, elas pertencem a linhas diferentes e são muito diferentes uma da outra. Partindo desse pressuposto podemos afirmar que a língua de sinais não tem relação com as línguas faladas do seu país. Sendo elas autônomas apesar de apresentarem o mesmo estatuto linguístico identificado nas línguas faladas, dispendo dos mesmos níveis linguísticos de análise e tão complexas quanto às línguas faladas.

A língua de sinais não é um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo apenas estética, expressiva ou linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral. A língua de sinais é tão complexa quanto às línguas faladas, por poderem ser utilizadas para as inúmeras funções identificadas na produção das línguas humanas, sendo utilizadas para produzir poemas, histórias, contos, informações ou até argumentos, persuadindo, criticando, aconselhando, entre tantas outras possibilidades que se apresentam a disposição de qualquer outra língua. Assim, a língua de sinais não é inferior a nenhuma outra língua, e sim linguisticamente tão reconhecida quanto qualquer outra língua.

1.2.4 Signos linguísticos da língua portuguesa e da língua de sinais

No decorrer da história o homem criou símbolos e signos de vários tipos como; linguísticos, pictóricos e gráficos, com a intenção de manter uma comunicação com o próximo. Sendo assim, toda língua é composta por signos linguísticos, que são as unidades de significação que possuem um significante, e um significado. Sendo o significante a forma de como é passada a informação e o significado é o conteúdo. Olhando por essa perspectiva, diferenciamos a representação dos códigos linguísticos entre sujeitos ouvintes e sujeitos surdos. No caso dos ouvintes o significante é a forma, uma imagem acústica e o significado é o conceito de características que definem as coisas. Para surdos o significante é a imagem cinética e o significado - o conceito de características que definem as coisas. Podemos observar que nem todo significante é uma imagem acústica. Pois existe uma diferença primordial entre as Línguas Orais-Auditivas e Línguas Visuais-espaciais que é a natureza do significante, pois a língua oral se manifesta por sons e a língua de sinais por gestos, nada além disso. Ao sinalizar por movimento 'cadeira' com as mãos, o surdo capta aquela imagem e o conceito subjetivo de cadeira que

possui registrado pelo cérebro, dando significado para aquele sinal. Os sinais são formados através de combinações feitas com as mãos em um determinado formato e em um lugar específico, podendo ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Podemos comparar as articulações das mãos para produção dos sinais que representam as palavras aos fonemas e às vezes aos morfemas, e são denominadas de parâmetros da Língua de Sinais. E foi o americano William Stokoe, o primeiro linguista a afirmar essa tese com respaldo científico, no início da década de 1960. A estrutura das LIBRAS é constituída a partir de parâmetros que se combinam, principalmente com base na simultaneidade. Esses parâmetros são, conforme Ferreira Brito (1995):

- Configurações das mãos: São as diversas formas que uma ou as duas mãos tomam na realização do sinal. Comparando-se as configurações utilizadas em LIBRAS e em ASL (American Sign Language), percebe-se que há um grande número de similaridades e algumas diferenças. Por essa divergência entre as duas línguas pode-se notar que cada língua possui seu sistema de configurações e que estas não se restringem apenas às nomeadas no alfabeto manual;
- Ponto de articulação: É o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo tocar alguma parte do corpo, como também estar em um espaço neutro vertical ou horizontal. É o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados. Os sinais articulados no espaço são de dois tipos: os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região do corpo, como, por exemplo, a cabeça, a cintura e os ombros;
- Movimento: É um parâmetro tão complexo que pode envolver uma grande quantidade de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, movimentos direcionais no espaço e até conjuntos de movimentos no mesmo sinal;
- Orientação e direcionalidade da mão: A orientação da palma da mão não foi considerada como um parâmetro distinto no trabalho inicial de Stokoe. Por definição, orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Ferreira Brito (1995, p. 41), na língua de sinais brasileira, e Marentette

(1995, p. 204), na ASL, enumeram seis tipos de orientações da palma da mão na língua de sinais brasileira: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para a esquerda.

➤ Expressão facial ou corporal: Acompanhando os parâmetros anteriores os sinais em sua configuração são acompanhados de expressões faciais e corporais, pois através das expressões faciais que revelamos nossas emoções de alegria, tristeza, frio, raiva, calor etc., e sentido que atribuímos a determinados fatos, situações e objetos. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.85)

Através da combinação destes cinco parâmetros formam-se os sinais. Que é a linguagem do surdo e que naturalmente de uma língua para outra pode acontecer mudanças nos significantes.

O conceito de um termo pode também ser diferente em duas línguas se fizermos uma comparação, mesmo que estejam se referindo a mesma coisa naturalmente. Pois bem, isso ocorre porque tudo na língua é representação, tudo se realiza culturalmente. Percebemos que a língua de sinais se distingue das línguas orais por utilizarem do canal comunicativo, enquanto as línguas orais utilizam canal oral-auditivo, as línguas de sinais utilizam canal gestual-visual, Segundo QUADROS e KARNOPP (2006, p. 35) a língua de sinais, "é uma língua espacial visual, pois utiliza a visão para captar as mensagens e os movimentos, principalmente das mãos, para transmiti-la. Descrevemos em forma de tabela as diferenças que existem entre a língua oral portuguesa e a língua gestual LIBRAS. (QUADROS, 2006).

Quadro 5 - Distinções na forma de comunicação entre a Língua Portuguesa e a LIBRAS

LÍNGUA PORTUGUESA	LIBRAS
Fonético/ fonológico	Configuração das mãos
Morfológico	Ponto de articulação

Sintaxe	Movimento
Semântico	Orientação
Textual / discursiva	Expressões

Fonte: Quadros (2006). Adaptado pelo autor

Na língua oral utilizamos fonemas que são substituídos na língua de sinais pelas quimeras, ou seja, sinais que correspondem ou se referem aos fonemas das línguas faladas que se constitui é a unidade formacional do sinal, ou seja, a parte visual da língua sinalizada. Quando ocorre a mudança do quirema do sinal ocorre também a mudança do significado do mesmo modo que na língua portuguesa a mudança do fonema faz o sentido da palavra. Na língua de sinais os fonemas podem ser articulados simultaneamente, assim como ocorre na língua oral, a língua de sinais organiza logicamente, as ideias dos surdos e reflete sua estrutura gramatical nos textos produzidos pelos surdos.

Durante uma entrevista com alunos surdos sobre problemas na leitura e escrita, Góes (2000) apresenta uma sugestão bastante plausível para essas produções corriqueiras. Ele afirma que a maioria dos surdos entrevistados, concebia a fala, escrita e sinais como se fossem modalidades de uma mesma categoria, como se produções orais, gráficas e gestuais fossem formas de produção de uma mesma língua. A autora ainda relata que, um sinal é com o se fosse gesto da fala; a fala, a sonorização do sinal; e a escrita o registro dos dois primeiros. Destacando assim, uma forma diferente de ver o mundo, percebeu que o sujeito acaba utilizando o ambiente que o cerca e que o refletindo na escrita.

Segundo Quadros (2006, p. 48) A Língua de Sinais destaca que esta forma de linguagem é rica, completa, coexiste com as línguas orais, porém é independente e possui estrutura gramatical própria e muito complexa, com algumas regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas. É uma linguagem lógica e serve para atingir todos os objetivos de forma rápida e eficiente na exposição de necessidades, sentimentos, desejos, servindo plenamente para

alimentar os processos mentais. Ainda acrescenta a autora: “contém os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais”, isto é, “as línguas de sinais é determinada pela gramática universal inata e pela interação entre a percepção visual e a produção gestual”. Lê-se gramática universal, segundo a autora, entendida de acordo com a Teoria Gerativa, proposta por Chomsky, em que a linguagem é uma característica inata e específica ao ser humano.

A criança, durante a aquisição da língua materna, acaba não aprendendo a língua, na verdade ela apenas desenvolve e adquire. Ao atribuímos a língua de sinais o status de “língua”, mesmo sendo uma modalidade diferente, ela possui características semelhantes à língua falada em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras.

1.2.5 A ORIGEM DAS LINGUAS DE SINAIS

A língua de sinais não é universal, ao contrário do que muitos pensam. Pois existem diversas línguas de sinais mundo a fora, como; a Língua de Sinais Americana (ASL), Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua de Sinais Portuguesa (LGP) e a nossa Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), entre outras.

As línguas de sinais originaram da comunicação gestual espontânea dos ouvintes, senso assim, as pessoas pensam que as línguas de sinais são de fácil aquisição, mas na realidade são tão difíceis de serem adquiridas quanto quaisquer outras línguas. São necessários anos de dedicação para aprender uma língua de sinais, diferente da comunicação gestual que é extremamente limitada e limitante. Para uma comunicação plena se faz necessário o uso de uma língua que no caso da comunicação com os surdos, você terá que utilizar a língua de sinais.

Segundo Felipe (2001, p.35) As Línguas de Sinais não são apenas um conjunto de gestos que explicam as línguas orais, são complexas e expressivas, permitindo aos seus usuários discutir sobre qualquer assunto, desde filosofia e política, até moda, poesia e teatro.

A língua de sinais é organizada espacialmente e está relacionada no hemisfério direito do cérebro, sendo esse hemisfério responsável pelo processamento de informação espacial e o hemisfério esquerdo pela linguagem. Algumas pesquisas

realizadas com surdos apresentam sempre lesões em um dos hemisférios, evidenciando que as línguas de sinais são processadas linguisticamente no hemisfério esquerdo da mesma forma que as línguas faladas. Porém, é certo que existe uma diferença entre as línguas, pois a língua de sinais além de ser processada no hemisfério esquerdo com informações linguísticas, é também processada no hemisfério direito quanto às informações de ordem espacial. Dessa forma se torna um processamento mais complexo do que observamos nas pessoas ouvintes que fazem uso da língua falada. Chegamos assim à conclusão que a língua de sinais é um sistema, que faz parte da linguagem humana, processado no hemisfério esquerdo e no hemisfério direito.

De acordo com QUADROS e KARNOPP (2004, p.36-37), “tais concepções equivocadas em relação às línguas de sinais compartilham traços comuns, assinalando um estatuto linguístico inferior em relação ao plano da superfície”.

Entretanto, as investigações relatam que as línguas de sinais, através do ponto de vista linguístico, são completas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise.

Conforme QUADROS e KARNOPP, (2004, p. 51) a língua de sinais brasileira, assim como as outras línguas de sinais, é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenham funções. Seus principais parâmetros fonológicos são locação, movimento e configuração de mão.

Não podemos analisar a LIBRAS com base na Língua portuguesa, pois ambas possuem estruturas gramaticais diferentes. A estrutura da LIBRAS vai de encontro à forma como é processada a ideia de acordo com o pensamento do surdo, baseando-se na perspectiva visual-espacial e na realidade do indivíduo.

De acordo com Ferreira Lucinda, (1995, p. 23), a LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos, e semânticos que apresentam também especificidades. Mas seguem também princípios gerais básicos. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificadas no léxico e na estrutura da LIBRAS e de

princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos, sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais.

Sua linguagem que é através de sinais, é representado através de um conjunto de configuração de mãos, dos pontos de articulação e dos movimentos que expressam significados próprio e pré-determinado, configurando assim uma forma de comunicação constituída como língua. Podemos classificar esses elementos como parâmetros principais da língua de sinais, que ainda possuem outros parâmetros secundários, que estão à disposição e orientação das mãos e região de contato.

Além desses parâmetros principais estão os “aspectos não-manuais (NM) – expressões faciais e corporais, BATTISON, (1974, 1978). Esses dois parâmetros foram, então, adicionados aos estudos da fonologia de sinais”. (QUADROS; KARNOPP; 2006, pag. 49).

Ainda como recurso temos os classificadores, segundo QUADROS e KARNOPP (2004) os classificadores são geralmente, usados para especificar o movimento e a posição de objetos ou para descrever o tamanho ou a forma de objetos. Os sinais que utilizam classificadores são considerados com léxico nativo, mas formam outro componente no léxico da línguas de sinais, pois essas formações podem violar restrições formacionais do núcleo lexical. Nestes, a configuração de mão, o movimento e a locação podem especificar atributos do predicado e as qualidades de um referente, ou seja, o classificador pode ser um predicado completo, contendo o verbo e o objeto em um único sinal.

Não existem relatos específicos sobre a origem da Língua de Sinais, porém existem alguns escritos que afirmam ter aparecido no início do ano de 1760 na cidade de Paris na França. Abade L'Epée, na época com aproximadamente sessenta anos fundou a primeira escola pública para surdos. Perlin (2002) ressalta que a fundação desta escola deu início à multiplicação de profissionais surdos e ouvintes espalhando pelo mundo e disseminando o uso da Língua de Sinais, foram criadas também a partir dessa, várias outras escolas, onde exploravam novos recursos na educação dos surdos, além da utilização da língua de sinais.

O Imperador do Brasil D. Pedro II, convidou o francês que ficou surdo aos doze anos Eduard Huet, para fundar a primeira escola para meninos surdos, chamada

Imperial Instituto de Surdos Mudos, atualmente o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

A Escola para surdos passou a funcionar em 1º de Janeiro de 1856, nas dependências do Colégio de M. De Vassimon, no modelo privado. Nessa mesma data, Huet apresentou seu programa de ensino que compreendia as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada (aos que tivessem aptidão) e Doutrina Cristã. (ROCHA, 2008 P. 30).

A partir da fundação da escola, os surdos brasileiros puderam criar a Língua Brasileira de Sinais, que se originou a partir da Língua de Sinais Francesa e das formas de comunicação utilizadas pelos surdos em vários países.

No decorrer da história existem vários relatos em relação à rejeição da língua de sinais. A falta de aceitação pelo uso da Língua de Sinais, fez com que surgisse os questionamentos e discussões sobre como educar os surdos, pois alguns se mostravam favoráveis ao método oralista e outros a língua de sinais. No Congresso Mundial de Professores Surdos ocorrido em Milão na Itália no ano de 1880, foi decidido que todos os surdos deveriam ser educados pelo método oral puro, abolindo assim o uso de qualquer sinal ou forma de comunicação gestual. Só no ano de 1896 a pedido do governo brasileiro, A.J. de Moura e Silva, que era professor de surdos no INES foi ao Instituto Francês de Surdos com a missão de reavaliar esta decisão e chegando à conclusão da ineficácia do método para os surdos.

No Brasil a LIBRAS é a língua própria dos surdos, sua língua madre, materna que é adquirida de forma natural, sendo considerada para o surdo como sua primeira língua.

Segundo QUADROS (2004, p. 65) ...As línguas de Sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui um caráter específico e as distingue dos demais meios de comunicação.

A Língua de Sinais por ser uma língua de modalidade *gestual-visual*, contendo em sua estrutura um diferencial em relação à estrutura da Língua Portuguesa, tem por base o campo *oral-auditivo*, pois os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e de parte do corpo ou no espaço em que esses

sinais são realizados. Com isso notamos que as línguas orais e a língua de sinais possuem uma particularidade própria na sua estrutura gramatical contemplando todos os requisitos para a sua oficialização como língua natural da comunidade surda, não sendo a língua de sinais uma língua universal, podendo variar de conforme com as diferentes regiões de um mesmo país.

No Brasil, a língua de sinais é denominada através da sigla LIBRAS. A LIBRAS é o ponto de partida para os surdos brasileiros adquirirem sua linguagem, assim como todos os ouvintes que vivem no Brasil construirão sua linguagem através da Língua portuguesa falada e escrita. A LIBRAS possuem algumas características peculiares a língua gestual, que segundo Brito (1995) e Quadros (2004) podem ser:

- **Léxico ou vocabulário de LIBRAS:** Palavras soletradas manualmente, podemos comparar a um empréstimo da Língua Portuguesa, um empréstimo linguístico. Essas formas são consideradas léxicos não-nativos, já o nativo corresponde aos sinais que utilizam classificadores.

- **Configuração de mãos:** Sua oficialização começou a ser formada com base nos dados coletados em algumas capitais do Brasil. Representa a forma que a mão assume durante a realização de um sinal. Atualmente, existem 79 configurações de mãos referente a LIBRAS, e elas podem ser diferenciadas pela extensão, pela contração e pelo contato ou divergência dos dedos, podendo variar, apresentando uma mão configurada ou uma mão configurada sobre a outra, lhe servindo de apoio, ou duas mãos configuradas de forma espelhada. Segundo Brito 2010 [1995], as mãos tomam as diversas formas na realização de sinais. Assim, entendemos as configurações de mão como as possíveis formas das mãos durante a produção de sinais. As formas podem ser realizadas tanto pela mão direita para os destros quanto para a mão esquerda para os canhotos. Segue abaixo o quadro referente às configurações de mãos.

Figura 3: Configurações de mão



Fonte: <http://dieselpardal.blogspot.com.br>. Acesso em: 17/10/2018.

- **Ponto de Articulação:** Na legalização da LIBRAS, o ponto de articulação e o local, no corpo da pessoa falante da língua ou na área definida pelo corpo, onde será realizado o sinal. Contudo, uma maior especificação da posição é necessária, podendo ter a região um espaço muito amplo. Apesar desse espaço ser limitado e medido desde o topo da cabeça até a cintura, deixando claro que alguns pontos de articulação são mais precisos. Essas especificações acabam por dividir o corpo das pessoas em cabeça, tronco, braços, mãos, e também em outras pequenas partes como olhos, pescoço, pulso, palmas, dedos, unhas e etc. Existem alguns adjetivos que explicam ainda mais o ponto, e afirmam serem aqueles que separam a subdivisão do corpo em questão e também aqueles que informam se tem o contato ou distância quando são executados.

- **Movimento:** É o deslocamento de uma ou de ambas as mãos no espaço, durante a realização do sinal, alcançando também o pulso e o antebraço. Marca o sinal conforme sua frequência, sendo ela marcada ou não por repetições, pela direção ou pelas diferentes formas de concretização do sinal, como também por ligação ou separação. É necessário que tenha um objeto e um espaço, para que ocorra o sinal. As mãos do enunciador representam o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza é a área que está envolvida do corpo dessa pessoa. O movimento acaba sendo analisado através da direção, do tipo, da maneira e da frequência em que está inserido esse sinal.

- **Orientação / Direcionalidade:** Nada mais é que a direção tomada pela mão na realização de determinado sinal. Podendo direcionar a palma da mão para cima, para baixo, para dentro, para fora, para a direita, para a esquerda ou na diagonal. Os sinais possuem uma direção, e a inversão desta pode significar ideia de oposição, de contrariedade ou

de concordância número-pessoal. Entretanto não são todos os sinais que possuem direcionalidade, na realidade existem alguns que até não a possuem.

- **Expressão facial ou corporal:** tanto a expressão facial, quanto o movimento realizado pelo corpo, podem ser considerados elementos não-manuais. Todos os parâmetros principais e secundários, os não-manuais participariam também da língua, sendo objetivada na diferenciação de significados e a marcação na construção sintática da língua. Os ouvintes usam a voz com tonalidades e sonoridades, da mesma forma os surdos usam a expressão facial. Para comunicação em LIBRAS, são usadas expressões faciais e corporais na estruturação das frases. Determinada palavra expressa afirmação, interrogação, exclamação ou negação, mas é necessário observar se existe uma expressão facial e, concomitantemente, uma expressão corporal que são utilizadas em determinados sinais e principalmente na realização da frase. São comuns na comunicação dos surdos as expressões, principalmente a facial fazendo assim parte da estrutura linguística.

1.2.6 ASSUMIR O BILINGUISMO COMO FATOR PRIMORDIAL NA ALFABETIZAÇÃO DO SURDO

Quando nos referimos ao bilinguismo, pressupomos basicamente que existe uma necessidade de todo surdo ser bilíngue, o que não é fato. Que na verdade o sujeito surdo deve adquirir a língua de sinais, que é a língua natural dos surdos, como língua materna e adquirir também, como segunda língua, a língua oral utilizada em seu país. O bilinguismo surgiu na década de 80 como proposta para a educação de surdo, com a proposta do aprendizado da língua de sinais preceda o aprendizado da língua oral. Afirmando que as duas línguas, não devem ser utilizadas simultaneamente para que assim as suas estruturas possam e sejam preservadas. Filosoficamente falando, os surdos formam uma comunidade, que possuem cultura e língua própria.

Segundo QUADROS, (1997, p. 27) “O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita”.

Foi a partir de Stokoe (1960), que se passou a ver a língua de sinais como realmente uma língua, não apenas como uma simples mímica ou gesto. As línguas de sinais são mundiais e estão enquadradas nas línguas naturais, que utilizam outros meios como o canal visual manual. Esse canal foi criado por comunidades surdas através de gerações e são diferentes em cada comunidade que estão inseridas. Elas possuem estruturas gramaticais próprias, independentes das línguas orais dos países em que são utilizados e possuem características das línguas como polissemia que possibilitam o uso de metáforas, piadas, jogos de linguagem, entre outros.

A LIBRAS possui uma morfologia bastante complexa que envolve relações de usos de localizações no espaço de sinalização para construção e manutenção da referência pronominal. Com isso, faz a troca de papéis da pessoa do discurso e para as relações de concordância dos verbos com seus argumentos, fazendo com que as línguas de sinais sejam completamente diferentes das orais devido basicamente à sua modalidade espaço visual. Modalidade essa, que faz com que sejam percebidas através da visão e produzidas através das mãos e das expressões faciais e corporais.

A criança surda para adquirir a LIBRAS, necessita de aulas de LIBRAS e principalmente de conviver com indivíduos que tenham fluência nessa língua, ao contrário da criança ouvinte que ocorre espontaneamente através do diálogo. Para o surdo é mais difícil aprender a língua oral, por esse aprendizado requerer uma sistematização e utilização de recursos e técnicas específicas que suprem a falta do órgão sensorial da audição.

O bilinguismo vem quebrar esse rotulo quando, acredita que dominando a língua de sinais fica mais fácil para o surdo perceber estes aspectos na língua oral,

pois ele tem exemplos na língua de sinais que podem guiá-los. A proposta bilíngue para a educação de surdos é apresentada como primordial para o acesso da criança com deficiência auditiva, à sua Língua materna, tendo preferencialmente a convivência e aprendizagem da língua estimulada através do contato com comunidade surda. O desenvolvimento desta criança surda na Língua materna é primordial para o aprendizado da segunda Língua, que é a língua oral, através da escrita que será apresentada na escola.

Como vimos anteriormente, a partir de 24 de abril de 2002, através da Lei nº 10.436, o governo federal passa a reconhecer a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão oficial da comunidade surda brasileira. Desta forma, a sua propagação passa a ser um dever do poder público, empresas concessionárias de serviços públicos e institucionalizados, compelindo também aos sistemas educacionais estaduais e municipais a inclusão nas grades curriculares pedagógicas, contribuindo com a propagação desta forma de comunicação, contando com que não ocorra discriminação e exclusão social. Pois como posso afirmar por conta própria, há anos os surdos vêm enfrentando uma série de preconceitos em nosso país, onde temos também o pleno direito de participação como cidadãos surdos.

1.2.7 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PARA O ALUNO SURDO

Soares, (1999, p.86), explica que o letramento pode ser, estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais da leitura e escrita, que circulam na sociedade em que vivem, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.

Dessa forma, o processo de alfabetização e letramento para os surdos deve contemplar a concepção de homem sujeito que estabelece com o mundo uma relação consciente de trocas significativas, concretizadas a partir da compreensão do papel social da escrita.

Contudo, a educação de sujeitos surdos não envolve apenas a necessidade do uso de duas línguas, como também dar espaço privilegiado e prioritário à língua natural dos surdos e torná-la fundamental. Góes (2000, P. 31) afirma que, “a produção de significados em relação ao mundo da cultura e a si próprio é um processo necessariamente mediado pelo outro, é efeito das relações sociais vivenciadas e através da linguagem”. Vemos claramente neste contexto a necessidade de implementação nas escolas, de uma pedagogia voltada para a diversidade e necessidades específicas do aluno surdo já que a sua fala é representada pela forma de sinais. Contudo, a escola não vem priorizando essa necessidade, onde a língua tem se tornado um grande obstáculo para o desenvolvimento cognitivo do aluno surdo, dando privilégio no cotidiano escolar das escolas formais a língua portuguesa na sua forma oral e escrita. Nesse caso, se faz necessário destacar o conceito de inclusão, que influencia diretamente na educação do surdo, pois atualmente as escolas normais estão, por Lei⁴, recebendo em suas salas de alfabetização alunos surdos.

A linguagem sempre é uma instituição social, independente da forma que se apresente, onde uma análise do discurso se inscreve num espaço linguístico mantendo vínculos peculiares com as condições sócio históricas, considerando a interação como uma relação entre o homem e a realidade sócio cultural. Evidenciando que a primeira língua não é definida pelo momento em que ocorre a aquisição da mesma, mas por uma identificação com o grupo social como forma de expressar e entender sentimentos, assim como tem o papel fundamental no desenvolvimento do pensamento, o que possibilita a produção de operações mentais complexas, aproximando e viabilizando a “construção social da mente” relatadas nas pesquisas de Vygotsky (1989). Segundo o autor, até chegarmos ao pensamento, temos que passar pelo processo dialógico, onde a criança desenvolve seus próprios conceitos e significações, onde alcança a sua própria identidade e constrói o seu mundo.

De acordo com QUADROS, (1997, p. 27), ... aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de

⁴ LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.

desenvolvimento, e está ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente.

De acordo com Mittler (2003, p. 25), conceito de inclusão envolve um pensar radical na sociedade de modo que isso reflète na prática e reflète um jeito de pensar diferente sobre as origens das dificuldades de comportamento. Estamos falando de uma mudança de ideia de “defeito” para um “modelo social”.

Mittler (2003) ressalva que o modelo social de deficiência se baseia na proposição de que a sociedade e suas instituições é que são opressivas, discriminadoras e incapacitantes e que, portanto, a atenção precisa ser direcionada para as mesmas, para a remoção desses obstáculos que ainda permeiam sejam corrompidos. Sendo assim, se pensarmos no processo de alfabetização e letramento para os surdos devemos levar em conta a superação dessas proposições.

Segundo o autor a educação inclusiva dá-se através da interação, socialização e própria construção do conhecimento. Soares (2010) ressalva que os conceitos de alfabetização e letramento são processos que se dão de forma simultânea e interdependente, pois enquanto alfabetizar significa a aquisição do sistema convencional de escrita, e letramento designa o desenvolvimento de comportamentos que envolvem práticas sociais de leitura e escrita.

Estar em um mundo caracterizado pela falta de som, ou mesmo por pouco som, significa que para se apropriar do conhecimento só através da língua visual-espacial e é exatamente isso que ocorre com as pessoas surdas que desconhecem o valor sonoro das palavras, que não são oralizadas. Dessa forma, no ensino do alfabeto como podemos exemplificar, o professor não deverá oferecer metodologias de alfabetização que incentivem o valor sonoro das letras, pois tal prática, está fundamentada no modo ouvinte de aprender, criando com isso para os surdos dificuldades e até mesmo incapacidade de fazer diferentes e qualificados usos tanto individual, quanto socialmente da língua escrita.

Conforme experiência própria como professor na educação de crianças no Instituto Nacional de Educação (INES), acreditamos que não há dificuldade para

sistema escolar oferecer as mesmas condições de alfabetização para alunos ouvintes e para alunos não ouvintes, pois apresentam especificidades distintas e potencialmente. Observamos que as regras na língua brasileira de sinais são completamente diferentes da língua portuguesa e essa diferença é refletida na forma de comunicação falada, sinalizada e escrita. Portanto, existem dificuldades aparentes no ensino da escrita na língua portuguesa para alunos surdos, principalmente em relação aos professores que ainda desconhecem a língua de sinais e por ainda não existir um método específico prático onde a aprendizagem da escrita para o surdo seja válida também para o aluno ouvinte. Dessa forma, notamos que o professor durante o processo de alfabetização tenha a necessidade de manter uma atitude diferenciada que não inicie das aparentes limitações iniciais apresentadas, mas das possibilidades que as especificidades dessa construção apresentam. Os erros que ainda são cometidos pelos alunos surdos na escrita do português devem e precisam ser considerados como decorrentes da aprendizagem de uma segunda língua, considerando o resultado da interferência da sua primeira língua e a sobreposição das regras da nova língua que está aprendendo. Sendo assim, observamos que há uma necessidade de se fazer um trabalho contextualizado, focando o conteúdo relacionado à prática da produção escrita, o conhecimento gramatical e seu efeito retórico deverão ser decorrentes do uso em atividades significativas de escrita. FERNANDES, (2006). Contudo, existe a necessidade de se viabilizar metodologias pedagógicas de alfabetização concomitantemente ao letramento, que se embasem através do respeito das singularidades do processo de aprendizagem dos alunos surdos de modo que possibilite uma verdadeira, efetiva e significativa inclusão social.

Será através desta perspectiva que o processo de aprendizagem para os surdos contemplará a concepção de homem-sujeito que se fará em relação ao mundo através de trocas significativas e consciente, concretizadas a partir da compreensão do seu papel social da escrita. Um dos maiores problemas que encontramos está na segregação das práticas de alfabetização no dia a dia escolar, que por vezes raramente se articulam com as demais áreas do conhecimento e acabam não legitimando as possibilidades das diferenciações cognitivistas que estão envolvidas a construção da leitura e da escrita. Observamos neste contexto

que uma concepção arcaica de que a alfabetização acaba restringindo o ato de dar acesso às letras ou apenas conhecendo seus nomes e juntando as letras para formar palavras. O que evidencia essa percepção como uma prática alfabetizadora onde o sentido comunicativo da linguagem não existe e a língua é vista apenas como um sistema estável, imutável e único. Prevalecendo a língua portuguesa como única, contrariando de forma completa o ambiente alfabetizador, que vem durante anos sendo priorizado na atualidade escolar. Onde as concepções acabam por pressupor que a palavra escrita, reflete, cria e apropria a língua portuguesa, para alfabetizar criando ou não condições significativas para que os alunos surdos tenham acesso a construir novos conhecimentos e maneiras de ler o mundo. Com isso notamos que os professores não conseguem entender da estrutura da LIBRAS e acabam restringindo a aprendizagem da leitura e escrita para alunos surdos em relação à concepção da língua portuguesa. As práticas escolares tornam-se inadequadas e acabam resumidas em práticas baseadas no oralismo, criando momentos vazios de aprendizagem da escrita. Fazendo com que ocorra nas inclusivas, a necessidade de intérpretes em salas de aula ao lado da Língua Portuguesa, o que cria uma ilusão de uma mera tradução dos conteúdos pedagógicos ministrados em português para a LIBRAS:

Segundo Lopes, (1996), que explana sobre essas práticas pedagógicas vêm demonstrando que mesmo surdos que chegam a acessar o Português oralizado continuam enfrentando problemas com a linearidade na escrita. Fato idêntico tem ocorrido com surdos usuários de Línguas de Sinais como primeira língua (L1), e temos ciência que para uma efetiva competência textual são necessários dois tipos de domínio: o sistêmico e o esquemático. Isto é, se faz necessário um domínio do sistema abstrato que regula a língua e a capacidade de transformar tudo o que existe em linguagem. As dificuldades que configuram essa teoria acaba se harmonizando com o fato que a população surda brasileira apresenta dificuldades linguísticas na aprendizagem e principalmente no uso da escrita da Língua Portuguesa. Os surdos brasileiros acabam ficando, reféns de barreiras linguísticas por conta da falta de um processo de alfabetização efetivamente junto ao letramento, fazendo com que encontrem barreiras significativas para a sua inserção no espaço social que estão diretamente inseridos. Podemos ligar essas concepções

erradas, diretamente ao processo de alfabetização estão ligadas à formação do professor. Ainda que a alfabetização e a concepção interdisciplinar na perspectiva da diversidade devam ser encaradas pelo professor como uma meta a ser explorada no processo mais amplo;

- No letramento do aluno;
- Sua identidade enquanto alfabetizador;
- Na sua formação, que é propriamente construída apenas em uma ou duas disciplinas;
- Nas técnicas de alfabetização.

Para que o aluno surdo tenha uma alfabetização funcional e que faça sentido para ele, se faz necessário que o professor envolvido nesta prática, creia que sua funcionalidade se dará isolada, principalmente ao que diz respeito à escrita do aluno surdo. Uma disciplina específica na alfabetização, onde foca apenas ao ensino da leitura e escrita da LIBRAS para o português, pode ser uma solução não só para o letramento e alfabetização de surdos, mas também para os demais alunos envolvidos nesse processo. Para tornar, significativo e funcional para o aluno surdo, é necessário em primeiro lugar, cuidar para que se torne significativo e funcional para o professor.

1.2.8 ALFABETIZAÇÃO EM LIBRAS

Podemos dizer que falamos agora de desafio, a alfabetização em LIBRAS é um grande desafio, não só para o aluno surdo como também para o professor, seja ele ouvinte ou surdo. Pois deparamos com práticas pedagógicas e metodologias que ainda não são especificamente para a alfabetização em LIBRAS. A decifração do código escrito nos remete a ideia de alfabetização, nome dado a esse processo talvez seja uma das causas de tal ideia. Portanto, temos como objetivo abordar o tema alfabetização e isso envolve um conceito muito mais amplo do que simplesmente o termo “alfabeto”, um processo direto da interação com a língua e o

meio. Referimos à língua e ao meio, não apenas como um artigo, mas na verdade ao meio que a criança surda interage, que é a LIBRAS.

Temos como exemplo, no “Jogo da Procura”, quando usamos a configuração de mão com a letra A – apagar e letra F – Feliz com a configuração de mão em F, podemos também usar configuração de A com outro tipo de brincadeira. Ex.: com diferentes sinais A – Amor, mas o sinal de amor não usa letra A, letra C – Casa, mas o sinal não é igual com a configuração de mão C.

Existem diversas formas errôneas de comunicação que envolvem os surdos, assim como:

- Português sinalizado;
- Mímica;
- Sinais criados pelo meio;
- E outras formas que são utilizadas para comunicação que estão longe de serem consideradas línguas ou linguagem.

Como por exemplo, a palavra BOLA:

- Português: soletra B-O-L-A;
- LIBRAS: faz sinal de BOLA;
- LIBRAS – classificador: imitando fazer a forma da BOLA, como ela é com as duas mãos.
- Mímica: Imitando joga vôlei ou basquete ou outras coisas com a bola.

A LIBRAS é a uma língua e vem sendo usada como meio e fim de interação social, cultural e científica pelos surdos. Os surdos nativos dessa língua conversam, planejam, sonham, brigam, contam histórias explorando meios riquíssimos e complexos que são próprios de uma língua de sinais.

Portanto, uma alfabetização de crianças surdos, enquanto processo, só passará a fazer sentido se acontecer através da LIBRAS. Assim, no Brasil a língua

que deve ser usada na escola para aquisição da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a língua é a LIBRAS. A questão primordial que surge é a seguinte, qual o nível de proficiência na própria língua das crianças surdas em fase escolar? O que nos impulsiona a discutir sobre o desenvolvimento da LIBRAS na crianças pré-escolares, pois não existe ainda produção científica suficiente sobre o processo de aquisição da LIBRAS. Assim como também, não dispomos de instrumentos que possam avaliar o estágio em que a criança se encontra na sua produção em sinais. Registramos alguns feitos quanto ao desenvolvimento da língua de sinais americana, que anteriormente vamos sintetizar a seguir.

Existem alguns estágios na aquisição da língua de sinais e eles começam a surgir na criança por volta dos 2 anos de idade, e é nesta idade que as crianças estão produzindo sinais usando um número restrito de configurações de mão, bem como simples combinações. As configurações de mãos formam um conjunto de unidades fonológicas mínimas das línguas de sinais que detalharemos no próximo subtítulo. As expressões faciais são marcas particulares e não formam manuais de funções gramaticais. Podemos dar como exemplo as expressões faciais associadas às interrogativas, às construções com foco, às construções relativas e condicionais QUADROS, (1999). O fato de estarmos citando os estágios de desenvolvimento da ASL não exclui a necessidade de verificarmos tal processo na LIBRAS, uma vez que se trata de línguas diferentes. As crianças na fase de alfabetização começam a marcar sentenças interrogativas com expressões faciais juntamente com o uso lexicais para expressar sentenças interrogativas. Nesse período, também podemos verificar o uso da negação através do movimento da cabeça. Assim como, o uso de marcação sim para confirmar expressões comuns aos adultos. Observamos também que a criança surda passa a introduzir classificadores nos seus vocábulos.

Entorno dos 3 anos de idade elas tentam usar configurações de mãos para a produção de sinais simples, embora os movimentos sejam simples, observamos que são executados de forma bem coerente. Os classificadores são utilizados para expressar formas de objetos, movimentos e trajetórias. As expressões faciais começam a serem incorporadas para expressar diferenças entre ações, a criança surda começa a entender marcas de negação sobre sentenças, como os adultos

fazem, incluindo o item lexical de negação e também utilizam estruturas interrogativas. As crianças surdas neste período começam a contar histórias que não necessariamente estejam relacionadas ao contexto em que vivem. Passam a comentar fatos ocorridos no seu cotidiano, criam coisas para concluir seu diálogo, e isso acaba dificultando o entendimento das histórias, por mais que eles se esforcem.

Na fase dos 4 anos de idade, as crianças surdas começam a apresentar condições melhores e são capazes de produzir configurações de mãos bem mais complexas e classificadores para representar objetos incorporados às ações. Os classificadores geralmente são gerais e independem dos sinais que identificam tais objetos, é um recurso bastante produtivo que faz parte das línguas de sinais, BRITO, 2010 [1995]. As crianças exploram os movimentos incorporados aos sinais de forma estruturada, explorando o meio em seu discurso. A partir desse período, elas começam a combinar unidades de significado menores para formar novas palavras de forma consistente. Passam a ser mais observadas a produção de sentenças mais complexas incluindo topicalizações. Nesse período as expressões faciais passam a ser usadas de acordo com a estrutura produzida, isto é, as produções não manuais das interrogativas, das topicalizações e negações são produzidas corretamente. Porém as crianças ainda não conseguem conservar os pontos estabelecidos no espaço quando contam suas histórias. Com o decorrer do desenvolvimento torna-se mais claro o uso da direção dos olhos para concordância com os argumentos, bem como o jogo de papéis desempenhado através da posição do corpo explorados para o relato de histórias.

Na verdade, foram observados nas análises de produção das crianças que adquiriram ASL e LSB, que a direção dos olhos é usada consistentemente por volta dos 2 anos de idade. O uso da concordância verbal através do olhar é uma das informações que garante a compreensão do discurso da criança durante esse período tão precoce. Todos esses fatores acabam sendo um dos Instrumentos mais valiosos no processo de alfabetização em LIBRAS.

A alfabetização se inicia naturalmente, isso se considerarmos essa evolução por parte da criança surda. Contamos nesse período com dois fatores primordiais no processo, o relato de histórias e a produção de literatura infantil em sinais. O relato

de estórias acaba incluindo a produção espontânea das crianças e do professor, como também a produção de estórias existentes na literatura infantil.

Partindo da hipótese que a criança surda esteja tendo acesso à língua de sinais brasileira, não existe nada que substitua a relação de comunicação sem estrutura. Uma característica da comunidade surda é a produção de estórias espontâneas, de contos e de piadas que passam de geração em geração relatadas por contadores de estórias em encontros informais, normalmente em associações de surdos. Essas estórias, contos e piadas que ainda não tiveram oportunidade de serem registradas, acabam passando de pai para filho. Pensando na alfabetização, esse tipo de abordagem é fundamental para que esse processo se estabeleça. A produção de contadores de estórias, de estórias espontâneas e de contos que passam de geração em geração são exemplos de literatura em sinais que precisam fazer parte do processo de alfabetização de crianças surdas. Essa produção em sinais artística, por enquanto não obteve a atenção merecida nas escolas especiais ou inclusivas, embora algumas ainda explorem através de atividades individuais alguma coisa. Sendo assim, podemos concluir que a produção literária da comunidade surda é algo eficaz no processo de alfabetização. A literatura em sinais é fundamental para esse processo e as escolas devem se preocupar com essa produção, bem como incentivar seu desenvolvimento e principalmente seu registro. Transformar o que os alunos produzem hoje espontaneamente, pode ser uma fonte de inspiração literária para os alunos amanhã.

A LIBRAS uma língua espacial-visual e existem muitas formas criativas que podemos estar explorando (QUADROS, 2007):

- Configurações de mão;
- Movimentos;
- Expressões faciais;
- Gramaticais;
- Localizações;
- Movimentos do corpo;

- Espaço de sinalização;
- Classificadores.

Esses são alguns dos recursos discursivos que a língua oferece e que devem ser explorados durante o desenvolvimento da criança surda e também serem explorados no processo de alfabetização para que obtenham sucesso.

Através de pesquisas em ambientes educacionais com crianças surdas durante o fazer pedagógico, podemos citar alguns aspectos que precisam e devem ser explorados em instituições educacionais:

- Estabelecer o olhar;
- Explorar as configurações de mãos;
- Explorar os movimentos dos sinais;
- Utilizar sinais com uma mão, duas mãos com movimentos simétricos, duas mãos com movimentos não simétricos, duas mãos com diferentes configurações de mãos;
- Uso de expressões não manuais gramaticalizadas (interrogativas, topicalização, foco e negação);
- Explorar as diferentes funções do apontar;
- Utilizar os classificadores com configurações de mãos apropriadas;
- Explorar as mudanças de perspectivas na produção de sinais;
- Explorar o alfabeto manual;
- Estabelecer as relações temporais através de marcação de tempo e de advérbios temporais (futuro, passado, presente);
- Explorar orientação da mão;
- Especificar o tipo de ação, duração, intensidade e repetição;
- Utilizar jogos de perguntas e respostas observando o uso dos itens lexicais e expressões não manuais correspondentes;
- Utilizar de "feedback" (sinais manuais e não-manuais);
- Explorar as relações gramaticais mais complexas;
- Estabelecer o que se refere e presentes e não presentes no discurso, com o uso de pronominais para retomada e tais referentes de forma consistente;

- Explorar a produção gramatical em sinais usando todos os recursos táticos, morfológicos, fonológicos próprios da LIBRAS.

Essa proposta de exploração da LIBRAS é para que não se torne tão complexa a sua utilização. Desta forma, as crianças através desses aspectos poderão explorar sua capacidade criativa com a sua língua nata, possibilitando o amadurecimento de suas capacidades lógicas, pois é através da linguagem que a criança descobre o mundo e o organiza. As histórias e literaturas são meios acessíveis as crianças de explorarem e serem exploradas por amigos, parentes, professores, familiares e o entorno. Nas relações cognitivas que se desenvolvem e organizam nossas ideias e é através da linguagem que mantemos uma relação de diálogo com as demais. Sendo assim, esse processo vem de encontro ao aluno surdo, suprimindo as suas necessidades e o incluindo diretamente no letramento. O processo de alfabetização vai sendo delineado com base na própria língua e nas relações estabelecidas através da diversidade de sinais.

A interação comunicativa, entre os alunos surdos, apresenta uma qualidade e quantidade de sinais que viabilizam o processo educacional e o tornam complexo. Passando a alfabetização ser não só valorizada, mas compreendida pela criança surda.

Segundo a explicação de FARIA e ASSIS, (2011), como os alunos expressam o reconhecimento do valor da própria língua no processo de aprendizagem? A base da expressão dos alunos se constituem na medida em que eles passam a ser autores do processo. Algumas sugestões são apresentadas a seguir:

- Apreciar a LIBRAS enquanto língua espacial-visual através de produções artísticas;
- Explorar o reconhecimento das funções da LIBRAS;
- Ampliar o vocabulário;
- Participar da comunidade surda enquanto membro crítico e criativo;
- Ajustar a produção de acordo com a audiência com o fim de comunicar efetivamente através da língua;

- Desenvolver a habilidade de reconhecer as variações e dialetos da própria língua, bem como, a habilidade de reconhecer padrões sociais e culturais associados a tais variações;
- Utilizar os estudos sobre a estrutura da língua, convenções sociolinguísticas, linguagem figurativa e técnicas de produção para criar, discutir e criticar em forma de texto escrito e não escrito;
- Reconhecer as relações gramaticais complexas no texto escrito e falar sobre elas.

Essas sugestões fazem com que o processo de alfabetização se torne mais acessível e continue através dos seus registros. Essas formas de registros são sempre iniciadas através de processos visuais e é preciso refletir a complexidade da LIBRAS. Outra forma de se dar esse processo é explorando a produção de vídeos, produções literárias de adultos, as próprias produções das crianças, garantindo assim registros da produção em sinais com mais qualidade. A filmagem de adultos produzindo estórias, bem como dos próprios alunos, são instrumentos valiosos no processo de reflexão e aprendizagem da língua. Contudo, se faz necessário uma forma escrita para a continuidade do processo de alfabetização, e é nesse momento que a L2 se faz presente, que no nosso caso é a língua portuguesa. A escrita se faz necessário e vem para sistematizar a língua de sinais, pois faz parte do processo de alfabetização e socialização do surdo com o mundo.

A escrita e seu sistema é uma porta que se abre no processo de alfabetização de crianças surdas que tem domínio da língua de sinais. Tal produção destacadas por pesquisas linguísticas de Quadros e Karnopp, (2013, P.74), acaba envolvendo a composição das “unidades mínimas (fonemas), que são CM, L, e M que constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas orais”.

Segundo Pereira, (2008, p.22), que mostra na educação bilíngue, [...] a Língua Portuguesa é considerada a segunda língua dos alunos surdos, o que significa que seu aprendizado vai se basear nas habilidades linguísticas adquiridas na Língua Brasileira de Sinais.

Através da experiência com a escrita passa a se relacionar com a língua em uso, passa criar hipóteses e automaticamente se alfabetizar. A leitura é a chave

principal para o processo de alfabetização e só é realizada através do conhecimento da L2. Certamente que esse processo deve fazer parte dos objetivos pedagógicos que se desenvolvem nas atividades, sendo elas lúdicas ou não.

Conforme Faria e Assis, (2011). Que citam, a seguir, alguns objetivos a serem trabalhados pelos professores em sinais:

- Desenvolver o uso de estratégias específicas para resolução de problemas;
- Exercitar o uso de jogos de inferência;
- Trabalhar com associações;
- Desenvolver as habilidades de discriminação visual;
- Explorar a comunicação espontânea;
- Ampliar constantemente o vocabulário;
- Oferecer constantemente literatura impressa;
- Proporcionar atividades para envolver a criança no processo de alfabetização como autora do próprio processo.

Considerando que a literatura impressa seja um dos pontos críticos do processo de alfabetização, sendo que a maioria dos livros está impresso na L2 e a criança está no processo de aquisição de sinais. Concomitantemente a criança estará em um processo de bilinguismo, onde sua língua nata é a L1 e sua segunda língua L2. A segunda língua que é a língua de origem do país em questão é de fundamental aquisição para o aluno surdo, pois será através dela que manterá uma interação com o seu entorno. As crianças que têm acesso precocemente com a LIBRAS, também apresentam alguns problemas no processo de alfabetização em relação às letras e palavras do português. A escrita alfabética ainda não tem capacidade de captar as relações de significação da língua de sinais, o que torna o processo de registro bastante complicado no que diz respeito ao aluno surdo, pois a criança estabelece relações com as letras e palavras do português e neste momento ocorre uma interrupção no processo do aluno surdo, pois a escrita e seu sistema não são expressados a língua em que a criança vem organizando seus pensamentos. Para entrar na relação que a criança estabelece com o mundo é necessário que exploremos um pouco mais a questão da sua interação comunicativa.

De acordo com Quadros, (2005, p.33), fato de passar a ter contato com a língua portuguesa trazendo conceitos adquiridos na sua própria língua, possibilitará um processo muito mais significativo. A leitura e a escrita podem passar a ter outro significado social se as crianças surdas se apropriarem da leitura e da escrita de sinais, isso potencializará a aquisição da leitura e da escrita do português.

As oportunidades que as crianças têm de expressar suas ideias, pensamentos e hipóteses sobre suas experiências com o mundo através da língua de sinais, são fundamentais no processo de aquisição da leitura e escrita. Diante os fatos, somos de acordo que os professores devam ser excelentes na língua de sinais, e terem habilidades de explorar as capacidades das crianças em relatar suas experiências diárias. Esse método além de ser os mais efetivos para o desenvolvimento da consciência sobre a sua própria língua é o que vem sendo usado por anos nas escolas especiais e que de certa forma tem dado resultado. É através das oportunidades intensas de expressão que se sustenta o conhecimento gramatical da língua e que dará suporte para o processo da escrita e a alfabetização da L2, no nosso caso o português.

De acordo com Pereira, (2008, p.22) De que a Língua Brasileira de Sinais tem, para as pessoas surdas, a mesma função que a Língua Portuguesa na modalidade oral tem para as ouvintes e é ela, portanto, que vai possibilitar às crianças surdas atingirem os objetivos propostos pela escola, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

É através da aquisição da L1 que o aluno surdo passará a compreender o mundo e a necessidade de adquirir uma segunda língua para que ocorra uma total interação. Quando a criança já registra suas ideias, histórias e reflexões através de textos suas produções tornam-se base para reflexão sobre as descobertas do mundo e da sua própria língua. O professor pode explorar ao máximo através das descobertas e utilizando-as como instrumento de interações sociais e culturais entre os colegas, as turmas e outras pessoas envolvidas com a criança surda neste processo. As produções significativas são instrumentos valiosos para auxiliarem na exploração da escrita. É de suma importância que a criança surda interaja com a escrita alfabética para auxiliar no seu processo de alfabetização em português acontecer de forma evidente. No entanto, para que esse processo ocorra é

necessário que a criança seja alfabetizada na sua própria língua juntamente com a língua de seu país de origem através das relações socioculturais que elas estabelecem. Sendo assim, propomos a necessidade de manter jogos pedagógicos bilíngue em sua em seu processo de aprendizagem, pois irá funcionar como um recurso de reflexão sobre a sua língua nata, podendo ser usado constantemente no processo de alfabetização como instrumento lúdico, didático e pedagógico.

1.2.9 A IMPORTÂNCIA DO JOGO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO

Os jogos fazem toda diferença na aprendizagem, por serem muitas vezes utilizados para provocar alegria e diversão, fazendo com que se tornem uma forma mais agradável de aprender. Atualmente, os jogos estão sendo levados à sala de aula para que o professor transcreva a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades apresentadas durante as aulas de uma forma mais lúdica. O jogo é colocado na aula e introduzido no conteúdo e neste momento deixa de fazer parte de uma brincadeira e se torna um material pedagógico com um valor imensurável.

Segundo Kishimoto, (1998, p.13) de que essas estratégias metodológicas podem exercer ambas as funções. Os jogos educacionais facilitam e estimulam a aprendizagem através da interação, desenvolvendo capacidades cognitivas e a coordenação motora.

Através dessa prática pensamos em criar um jogo bilíngue, que beneficie o aluno surdo na aquisição da sua língua natural e sua segunda língua. Sendo a escola o local educacional em que a criança deve adquirir conhecimentos e habilidades. Jogos educativos estimulam e favorecem o aprendizado e também no processo de socialização, além de contribuir para a formação da personalidade do aluno e na aquisição de uma segunda língua. Para que isso ocorra, os jogos educativos mobilizam esquemas mentais, estimulam o pensamento, a ordenação de tempo e de espaço. Eles também favorecem a aquisição de condutas cognitivas e desenvolvimento de habilidades como coordenação, destreza, rapidez, força e concentração.

Foi no período do Renascimento que o jogo foi visto pela concepção educativa no âmbito das instituições educacionais. Kishimoto (2002, p. 62), afirma que: o renascimento vê a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Por isso, foi adotada como instrumento de aprendizagem de conteúdos escolares. Para se contrapor aos processos verbalistas de ensino, à palmatória vigente, o pedagogo deveria dar forma lúdica aos conteúdos.

É muito importante que na aplicação dos jogos pedagógicos ocorra a mediação do professor para que a função lúdica não se sobreponha a função educativa. Para que isso ocorra de forma coerente, deve haver um equilíbrio entre o lúdico e o educativo gerando maior interesse nos alunos.

A palavra jogo é originária do latim: *iocus*, *iocare* e significa brinquedo, divertimento, passatempo sujeito a regras, entre outros.

De acordo com Leal, (2005, p.45), o jogo é uma atividade lúdica em que crianças e/ou adultos participam de uma situação de engajamento social num tempo e espaços determinados, como características próprias delimitadas pelas próprias regras de participação na situação “imaginária”.

De acordo com os estudos de Ribeiro e Souza (2011), os jogos infantis são classificados em dois grupos principais:

- Jogos de enredo
- Jogos de regras.

Segundo Ribeiro e Souza, (2011, p.15), mostram que os primeiros são chamados de jogo imaginativo como, por exemplo, as fábulas; essa modalidade estimula o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social da criança, pois elas vivenciam o comportamento do adulto. Quanto o segundo pode-se citar o jogo de dominó; neste a imaginação esta limitada, pois são as normas que norteiam o jogo, exigindo atenção para o seu desenvolvimento.

Podemos deixar como exemplo de jogos de regras, o xadrez. Nele a situação imaginária está subentendida e as normas orientam a brincadeira. Os participantes ficam atentos a finalidade do jogo e no atendimento aos códigos por eles compartilhados para que tenham um bom desempenho.

Podemos através dos jogos, fazer com que o aluno memorize de forma descontraída o conteúdo pedagógico aplicado naquele dia. Não esquecendo o fato de que a criança precisa brincar, os educadores poderão intervir durante a brincadeira para facilitar o aprendizado e sempre estabelecendo uma relação com o que foi estudado.

Contudo, brincar faz parte do dia-a-dia de qualquer criança, não só faz parte como é um fator muito importante para o seu pleno desenvolvimento cognitivo, social e físico. Para um educador certamente é um desafio, mas também será algo que vai fazer com que o seu trabalho seja mais divertido e prazeroso, fazendo com que traga melhores e maiores resultados a sua prática pedagógica.

Mesmo existindo tantas maneiras de se aprender e gravar o que foi estudado, o jogo vem descaracterizar rótulos fazendo com que o aluno adquira a aprendizagem de forma agradável. Com a tecnologia o jogo tem por muitas vezes ficado de lado e sendo substituídos por jogos computadorizados manuseados em celulares, tablets ou computadores. Criando de certa forma uma segregação em relação aos jogos e brincadeiras manuais, que acabam fazendo parte de projetos que resgatam as velhas brincadeiras de nossos pais e avós. Criar um jogo ou uma brincadeira manipulável e até mesmo com materiais recicláveis em um contexto escolar cria uma melhor interação deste aluno com seu entorno, evitando certa forma, a dependência e manipulação tecnológica. Criar estratégias de ensino através de jogos é gratificante tanto para quem ensina quanto para quem aprende, fazendo com que a aprendizagem seja mais lúdica, criativa e dinâmica. Através dos jogos podemos transformar a futura geração e resgatar potenciais que vem sendo soterrados pela tecnologia, sem contar com o prazer da disputa e interação que os jogos proporcionam.

Existem vários meios de favorecermos a criança na construção do conhecimento, procuramos usar o jogo como estratégia lúdica de ensino e de aprendizagem em sala de aula. Concluímos que o jogo utilizado em sala de aula como estratégia de ensino proporciona ao aluno a vivência de situações reais ou imaginárias, propondo desafios e instigando-a a buscar soluções para as situações que se apresentam no decorrer do processo, fazendo com que raciocinem, troquem ideias e tomem decisões. Podemos relacionar a brincadeira ou o jogo a um prazer,

sendo essa brincadeira criativa ou não, ela deve sempre proporcionar prazer à criança. É através da brincadeira que a criança aprende sobre a natureza, os eventos sociais, a dinâmica interna e a estrutura de seu corpo. A criança que brinca livremente, no seu nível, à sua maneira, não está apenas explorando o mundo ao seu redor, mas também comunicando sentimentos, ideias, fantasias, intercambiando o real e o imaginário, estimulando dessa forma o desenvolvimento intelectual da criança e criando formas estratégicas para o professor trabalhar em sala de aula.

Conforme destaca Santos, (1995, p.4), o brincar é, portanto, uma atividade natural, espontânea e necessária para criança, constituindo-se em uma peça importantíssima a sua formação seu papel transcende o mero controle de habilidades. É muito mais abrangente. Sua importância é notável, já que, por meio dessas atividades, a criança constrói o seu próprio mundo.

Dessa forma o jogo enquanto estimula o desenvolvimento intelectual da criança, também ensina de forma que ela não perceba, os hábitos necessários para o seu desenvolvimento como persistência, perseverança, raciocínio, companheirismo e outros.

Com os novos ideais de ensino e o movimento da escola nova, o jogo vem sendo cada vez mais utilizado com a finalidade de ajudar nas tarefas escolares. Educadores como Dewey, Decroly, Montessori consideram o jogo importante para o desenvolvimento físico, intelectual e social da criança.

De acordo com Château (1953, p.133-35), que mostra: “O comportamento escolar..., mas a educação tem em certos pontos de se separar do comportamento lúdico... uma educação que se limitasse ao jogo isolaria o homem da vida, fazendo-o viver num mundo ilusório”.

De acordo com Kishimoto, (1998 p. 37), de que ao utilizar de modo metafórico, a forma lúdica (objeto suporte de brincadeira) para estimular a construção do conhecimento, o brinquedo educativo conquistou espaço definitivo na educação infantil.

O professor faz o papel de mediador entre o aluno e o jogo, é propõe situações e problemas para que os alunos criem estratégias para alcançar a solução, considerando as formas de pensar de cada um. Contudo é de suma importância que

o professor faça uma ligação entre as atividades do jogo com o conteúdo pedagógico, no qual os alunos poderão aplicar os conhecimentos adquiridos em seu dia a dia. O professor também pode utilizar as atitudes aprendidas nos jogos e englobar nas situações do contexto escolar, através do respeito às regras, cooperação e resolução de situações e problemas.

Segundo Kishimoto, (2011, p.42), a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.

Piaget (1978) descreve que a criança ao longo da infância passa por três sistemas de jogos, sendo os jogos de exercícios, simbólicos e de regras. Os jogos de exercícios aparecem durante os dois primeiros anos de vida e o que predomina nessa fase é a repetição da sequência das ações, onde a criança reproduz movimentos para adaptar à realidade e a partir das ações adquiridas, passa a construir outras pelo prazer.

Os jogos contribuem, promovem o enriquecimento do processo de aprendizagem, através das suas inúmeras possibilidades de manipular, criar, recriar, inventar, onde o aluno passa a elaborar suas próprias estratégias, possibilitando desenvolver seu raciocínio, colaborando também para resolução das situações problemas que acontecem em seu cotidiano. Apropriando-se dos conteúdos curriculares, estimular o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, moral e linguístico.

De acordo com Macedo et. al. (2000), que: ...jogar favorece a aquisição de conhecimento, pois o sujeito aprende sobre si próprio (como age e pensa), sobre o próprio jogo (o que caracteriza, como vencer), sobre as relações sociais relativas ao jogar (tais como competir e cooperar) e, também, sobre conteúdos (semelhantes a certos temas trabalhados no contexto escolar).

Pode se tornar um grande desafio para os professores à escolha do jogo na sala de aula, pois ele se tornará seu aliado como ferramenta de ensino, propiciando aos seus alunos uma aprendizagem que irá além do conteúdo escolar favorecendo a

aprendizagem de procedimentos sobre os processos de apreensão e construção do conhecimento. Com isso, o professor poderá vivenciar a posição de aprendiz, pois através do jogo poderá ter a possibilidade de compreender como se estrutura o pensamento dos seus alunos, verificando quais os futuros desafios que poderão desencadear a construção de novos conhecimentos. É importante frisar que os benefícios e os limites do jogo não se resumem apenas ao grau de especialização, como também ao perfil dos sujeitos envolvidos. Posso acrescentar ainda, o perfil sociocultural e escolar dos alunos, as características da escola, a originalidade, a formação intelectual e pedagógica de cada aluno e os próprios conteúdos abordados.

Dessa forma, o jogar deve ser visto através de um patamar mais amplo pelo educador, como uma estratégia que ele utilizada para privilegiar o ensino dos conteúdos, colocando assim, o brincar em um lugar de destaque no planejamento pedagógico, tornando imprescindível a utilização deste valioso recurso em suas práticas educativas pedagógicas.

1.2.10 O JOGO PROMOVE A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

O mundo globalizado é letrado, tornando a aquisição da leitura e escrita de suma importância, pois contribui para maior socialização dos alunos surdos, possibilitando a troca de comunicação, acesso aos bens culturais e melhor interação nas diversas situações em que ocorra a leitura e escrita. Porém, a aquisição da leitura e escrita em algumas vezes ocorre de forma mecânica e descontextualizada, desconsiderando a verdadeira função social da escrita utilizada em funções fora do âmbito escolar, porém agindo como se fosse exclusivamente escolar.

Segundo Moura, (2011, P. 89), diz que o jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações de jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola, além de poder estar promovendo o desenvolvimento de novas estruturas cognitivas.

Introduzir o aluno surdo no mundo da escrita é algo desafiador, pois é necessário que as letras façam sentido para ele, sendo ele capaz de juntar as letras e identificar isso num folheto de propaganda, numa caixa de remédio, em um

outdoor ou qualquer outro vínculo de informação, transformando o que aprendeu em vivência e não necessariamente, realizando atividades sem significado. No momento em que o professor passa a utilizar estratégias pedagógicas desafiadoras, instigantes e situações que desenvolvam o pensar desse aluno, levantando hipóteses e resolvendo situações problemas, faz com que desperte o interesse do aluno contribuindo assim, para a superação de suas dificuldades. Encontrar respostas prontas nos textos não é a forma que esse aluno deve ser trabalhado, isso certamente não o estimula a pensar, sem falar das atividades desinteressantes e não estimuladoras que esse o aluno acaba deparando. O que vem ocasionar a permanência da falta de leitura, que conseqüentemente reflete diretamente na escrita desse aluno.

O jogo e o brincar fazem parte do ser humano desde os tempos primórdios, em toda e qualquer idade e são fundamentais para o desenvolvimento, possibilitando uma aprendizagem significativa.

...se para a criança a escrita é uma atividade complexa, o jogo, ao contrário, é um comportamento ativo, orientado, frequentemente vigoroso, manipulativo, cuja estrutura ajuda na apropriação motora necessária para a escrita. (ROSA e NISIO, 2006, p.44)

Criar espaços onde o aluno possa refletir sobre sua escrita se faz necessário, pois acaba possibilitando que a língua escrita se torne um objeto de ação, onde ele possa agir recriando e transformando todo o contexto. O professor que está no papel de mediador, deve compreender a importância das inúmeras tentativas, respeitando e valorizando cada descoberta que o aluno venha a fazer. Grossi (1990) afirma que, o aluno avança na escrita, resolvendo problemas, sendo estes, pela falta das estruturas que sustentaram a forma de pensar até o presente momento. Durante a vida escolar o aluno passa por processos e na alfabetização esse processo é chamado de psicogênese da alfabetização.

A psicogênese cria características sendo uma delas a sequência dos níveis de concepção referente às representações que ao aluno acaba fazendo em relação à leitura e escrita. Para Emília Ferreiro (1986), a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, tanto na escola quanto fora dela. Nesse contexto, não é a escola quem provoca a aprendizagem, mas a própria mente

da criança que aprende. E nesse processo o aluno passa por etapas, que podemos considerar como os principais, o pré-silábico, silábico e alfabético. Grossi (1990) acrescenta ainda ao processo, dois níveis intermediários:

- O intermediário I, entre o pré-silábico e o silábico;
- O intermediário II, entre o silábico e o alfabético.

No nível pré-silábico o aluno representa a escrita por meio de desenhos ou utiliza letras, entretendo a quantidade de letras vai variar de acordo com o tamanho da imagem, começa perceber que a escrita representa aquilo que é visto. Ela tenta se aventurar pela escrita e por meio da reprodução de rabiscos e desenhos. Ainda não consegue relacionar as letras, com as imagens que lhes são apresentadas. Na passagem do nível pré-silábico para o silábico, temos o nível intermediário I, onde o aluno passa distinguir as letras dos números e a desvincular a escrita da imagem. De acordo com Grossi (1990, vol.1, p.58), o que define o nível silábico é “A hipótese de que cada sílaba corresponde a uma letra é uma forma muito plausível a criança para resolver esse impasse”. No nível intermediário II, que é a passagem do nível silábico para o alfabético, o aluno percebe que o que ele escreve, não pode ser lido, pois até então utilizava uma letra para cada sílaba e a leitura para ele era desvinculada da escrita. No nível alfabético o aluno procura colocar cada sílaba às letras que lhes correspondem, nesse nível é comum escrever sem separar as palavras numa frase, ou separa em partes independentemente das palavras que constituem a frase. Cada aluno acaba assimilando a complexidade da psicogênese no qual entra em conflitos estabelecendo internamente novas hipóteses, não sendo a sequência dos níveis para o aluno surdo, uma ordem linear, pois existem problemas que perpassam vários níveis. Cada aluno surdo é único, tem seu próprio ritmo de conhecimento, com isso podemos concluir que na mesma sala de aula iremos ter vários níveis de aprendizagem.

Concluimos com isso que os jogos na alfabetização podem ser grandes aliados, dando ao aluno possibilidade de compreender o funcionamento do sistema alfabético, interagindo esse conhecimento com professor e seus colegas de turma. No momento em que o professor resolver trabalhar com jogos na sua turma, principalmente de alfabetização, necessita realizar uma pequena pesquisa para

averiguar as hipóteses de pensamento de cada aluno em relação à leitura e escrita para proporcionar jogos que irão de encontro ao aluno, rompendo as hipóteses construídas anteriormente, fazendo com que formulem novas estruturas.

Segundo Quevedo (1994), a criança que se encontra na etapa pré-silábica, dificilmente terá interesse em jogar memória só com palavras, ela vai necessitar da imagem. Principalmente o aluno surdo, pois ele adquire a leitura através do visual e essas figuras acabam se tornando fundamentais. O jogo estimula o aluno sentir a capacidade de realizar o que lhe foi proposto, sendo assim não devemos trabalhar com jogos em que o aluno não seja capaz de executar, por não estar no nível intelectual ou de aprendizagem correspondente, pois isso pode vir a frustrá-lo. Entretendo, os jogos contribuem para superação das frustrações de perda, pois é através dos jogos de competição que alguém sempre perde, o que faz com que a capacidade de superação das frustrações entre na aprendizagem, pois necessitamos compreender que erramos.

De acordo com Macedo, et. al. (2000), qualquer jogo serve para favorecer a aquisição do conhecimento, mas não de qualquer jeito. Sendo assim, existe a necessidade de um prévio planejamento, onde serão definidos os objetivos verificados as adaptações necessárias tanto para facilitar quanto para incluir maiores desafios, verificando também o tempo de realização do jogo aplicado. Sem esquecer que o conhecimento não está no material em si, mas ocorre a partir das intervenções do professor mediador durante as partidas.

Segundo Macedo, et. al. (2000), Quando a criança joga e é acompanhada por um profissional que propõe análises de sua ação, descobre a importância da antecipação, do planejamento e de pensar antes de agir. Por sentir-se desafiada a vencer, aprende a persistir, aprimora-se e melhora seu desempenho, não mais apenas como uma solicitação externa, mas principalmente como um desejo próprio de auto superação.

Assim, a atuação do professor mediador é fundamental durante o jogo, exercendo um papel ativo favorecendo a aquisição do conhecimento. Todos os jogos em sala de aula devem ter a intervenção e mediação do professor, onde estará orientando os alunos quanto às regras, estimulando as descobertas,

provocando reflexões, análises, auxiliando na busca de soluções para os possíveis conflitos cognitivos. Para ocorra a aprendizagem também se faz necessário estabelecer vínculos de afeto, respeito e confiança, onde irá favorecer, o desenvolvimento da autonomia, em uma situação tranquila, livre de pressões, para que assim o aluno possa interagir com o meio, possibilitando descobrir e construir o conhecimento. Cativar os alunos se faz necessário, para que ocorra uma melhor resposta por parte dele. Devendo, assim, o professor proporcionar um ambiente estimulador para que os alunos possam frequentar e participar das atividades propostas com entusiasmo. Alguns estudiosos por meio de suas pesquisas defendem que os jogos criam condições fundamentais para o desenvolvimento, pois promovem participações em ações tanto individuais quanto coletivas possibilitando desenvolver o cognitivo, o afetivo, o moral e o social.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Apresentar um jogo pedagógico denominado “jogo da procura”, interligando a leitura, produção de texto e análise linguística em LIBRAS.

2.2. Objetivos Específicos

1. Produzir um levantamento sobre quais são as orientações mais recorrentes para o ensino da LIBRAS e Língua Portuguesa de crianças surdas no primeiro ano do ensino fundamental que estão descritas em recentes pesquisas acadêmicas.

2. Analisar e produzir recursos didáticos em sinais através da configuração de mãos.

3. Desenvolver orientações e estratégias para o ensino de LIBRAS em sua amplitude e signos escritos da Língua Portuguesa para crianças da educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o intuito de promover uma

educação de base satisfatória, beneficiando não só a comunidade surda, como também todos que estão envolvidos direta ou indiretamente no processo.

4. Desenvolver estratégias no jogo educacional apropriadas e aprimoradas, de como ensinar as crianças surdas da educação infantil e do primeiro seguimento do ensino fundamental.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 METODOLOGIA

Para que todo o trabalho fosse executado, que culminou com a construção do material didático, conforme os objetivos específicos, foi necessário uma etapa inicial de pesquisa bibliográfica para que tais objetivos fossem alcançados.

Podemos descrever as escolhas metodológicas, segundo os estudos sobre metodologia científica de Gerhard e Silveira (2009). Em relação à abordagem, este estudo está caracterizado como uma pesquisa qualitativa, gerando ações que descrevem compreender e explicar características do ensino de LIBRAS. Para isso, algumas estratégias de ação se fizeram necessárias, tendo como propósito atingir os objetivos para fins educativos.

Os procedimentos deste estudo, podemos atribuir que é uma pesquisa bibliográfica onde utilizamos diversos autores como, Walter e Oliveira (2016), Penteadó (2013), Quadros (1994), Karnopp (2004), Santos (1995), entre outros feitos por intermédio de um levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas em livros e artigos científicos.

A etapa inicial será descrita a seguir e, posteriormente, os aspectos metodológicos da realização da pesquisa.

A escolha da escola para realização da pesquisa e testes com o produto, foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Bilíngue Porto Velho. A escolha da mesma, foi devido ser a única escola inclusiva do Município de Porto Velho-RO que tinha uma demanda satisfatória de alunos surdos e ouvintes para realização da pesquisa.

A princípio a escola seria o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INÊS, porém não foi possível.

3.1.1 PESQUISA DE CAMPO: MÉTODOS, PROCEDIMENTOS E MATERIAIS

A pesquisa de campo que constituiu a primeira etapa do estudo foi submetida à análise do Departamento (Dlibras – UNIR-RO) e aprovada no parecer segundo o parecer número 9991196203.000067: 2019-21 (Anexo 7.2.1 página 113) para a realização do CURSO DE EXTENSÃO denominado de “ESTRATÉGIA DO ENSINO DE LIBRAS DURANTE O JOGO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS”, realizado nos dias 23, 24 e 31 de agosto de 2019 na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Bilíngue Porto Velho. A escolha dessa Escola para realização desse estudo, foi devido ao público alvo de alunos surdos e ouvintes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Pois se trata da única escola do município de Porto Velho que tem essa clientela de alunos, que atende aos requisitos para realização da pesquisa.

Elaboração do projeto, planejamento do curso, divulgação do curso e inscrições, realização do curso e elaboração do relatório com certificação de 40 horas em (anexo 7.2.4 página 133).

Foi divulgado o Curso de Extensão nas Redes sociais e na Universidade de Rondônia – UNIR-RO.

Figura 4: Cartaz informativo do Curso de Extensão



curso de extensão

CURSO DE ESTRATÉGIA DO ENSINO DE LIBRAS DURANTE O JOGO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS

23/08/2019 - 18:30 à 22:00
PALESTRA

24/08/2019 - 08:00 à 18:00
Gramática de Libras;
Expressão facial e corporal;
Confeção de material,
jogo pedagógico em libras

31/08/2019 - 08:00 à 18:00
Tipos de frases em Libras
usando o jogo didático;

Wendel de Oliveira
Mestrando em Educação - UFF

GRATUITO

Escola Bilíngue Porto Velho - Rua Litorânea 4898
Bairro Flodoaldo Pontes Pinto, Porto Velho - RO

Público alvo: serão ofertadas 30 vagas. Sendo 20 para comunidade acadêmica e 10 para comunidade em geral surda ou ouvinte, pois o curso não terá intérprete.

LOCAL DE INSCRIÇÃO:
Departamento de Libras - DLIBRAS - Bloco 1H - Sala 205 ou Escola Bilíngue
Porto Velho - Rua Litorânea 4898 Bairro Flodoaldo Pontes Pinto, Porto Velho - RO

REALIZAÇÃO:  

APOIO: 

Fonte: Designer SilvAline Silva

Os parceiros para realização deste curso foram: O departamento de LIBRAS da Universidade Federal de Rondônia (Dlibras – UNIR-RO), UNIR e o local onde foi ministrado o curso (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Bilíngue Porto Velho).

A seguir seguirá as etapas da realização do projeto através do Curso de Extensão “**Estratégia do ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos**”:

- 3.1.1.1 Local da Pesquisa;
- 3.1.2 Gestão;
- 3.1.3 Estrutura Administrativa;
- 3.1.4 Cronograma
- 3.1.5 Apresentação do produto “Jogo da Procura”;
- 3.1.5.1 Estrutura do “Jogo da Procura”;
- 3.1.5.2 Regras do “Jogo da Procura”;
- 4 Resultados e Discussão

3.1.1.1 LOCAL DA PESQUISA

Todo Material que será apresentado sobre o local da pesquisa, foi retirado do Projeto Político Pedagógico da Escola Bilíngue Porto Velho – RO.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Bilíngue Porto Velho é uma escola pública regular e especializada na educação bilíngue (LIBRAS e Português escrito) e foi criada através da Lei Complementar nº 482 de 11 de abril de 2013, inaugurada em doze de abril de dois mil e treze (12/04/2013), em Porto Velho – RO. É em sua estrutura pedagógica, uma escola regular que se fundamenta na proposta político-pedagógica do Bilinguismo, Língua de Sinais brasileira como primeira língua e na segunda língua a Língua Portuguesa na forma escrita. Estrutura como fundamento primordial, fortalecer a Cultura Surda e suas identidades e protagonismo.

Essa é, a única escola bilíngue do Estado de Rondônia que surgiu através da necessidade de comunicação da Comunidade Surda Portovelhense, através da luta das associações (ASPVH) Associação dos Surdos de Porto Velho e (APPIS), Associação de Professores, Parentes, Amigos e Intérpretes de Surdos de RO. Seguramente apoiada no Plano Nacional de Educação que assegura as escolas bilíngues LIBRAS/Português, se tornando uma conquista para o Movimento Surdo em defesa da Educação e da Cultura Surda. Foi criada na gestão do prefeito Dr. Mauro Nazif, que a considerava a “menina dos olhos” em seu mandato.

A escolha do nome da escola ocorreu através de uma eleição, onde os membros das associações se reuniram e sugeriram alguns nomes, como: Escola Municipal Bilíngue Rio Madeira, Escola Municipal Bilíngue Madeira Mamoré, Escola Municipal Bilíngue Porto Velho, assim como também foram sugeridos nomes de personalidades de Porto Velho para preservar a história e homenagear aqueles que contribuíram positivamente para a educação de surdos. Entre tantas opções foi escolhido um nome para homenagear a capital de Rondônia, Porto Velho.

Sabemos que para que ocorra uma política de Educação Inclusiva para estudantes surdos é necessário levar em consideração suas especificidades linguísticas, culturais e identitárias. No espaço inclusivo da Escola Bilíngue, a

diversidade humana é considerada, e vem com a proposta de educar o estudante numa perspectiva integral de ensino utilizando os dois períodos de horário escolar.

A escola contempla projetos sociais e pedagógicos, obedecendo à Base Nacional Curricular, ao Plano Municipal de Educação, LDB Lei nº 9394/96, Diretrizes de Avaliação do Processo de Ensino e Aprendizagem para a Educação Básica, o Estatuto da criança e Adolescente e por fim o Regimento Interno da Semed.

O início de suas atividades pedagógicas ocorreu no ano de 2013, onde a prefeitura alugou um prédio na área central de Porto Velho, na Avenida Carlos Gomes, bairro São Cristovão, onde funcionava anteriormente a escola da Secretaria Estadual de Saúde - SESAU-RO. O processo de matrícula para o ano letivo de 2013, foi iniciado no final do mês de março, começando o ano letivo em 5 de abril do mesmo ano, com 05 turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental funcionando no período da manhã e tarde. A maioria das crianças matriculadas estudava em diferentes escolas da capital, porém não tinham um atendimento que abrangesse as suas necessidades específicas.

Foi com o apoio das associações APPIS e ASPVH, representadas na época pelas líderes Ariana Boaventura e Indira Moura e acompanhada por uma equipe da SEMED, que resolveram questões relativas à fundação da escola, pois havia necessidade de contratar professores bilíngues, ocorrendo desta forma a necessidade de solicitar a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) a transferência de professores da rede pública municipal que já tinham essa formação para compor o quadro de docentes dessa nova instituição de ensino. Ainda havia a necessidade de outros funcionários que foram sendo lotados conforme a priori, durante o decorrer do ano letivo em questão.

Mais tarde ocorreu à necessidade de contratar professores de LIBRAS e foi elaborado o primeiro concurso público para o cargo efetivo de professores de LIBRAS, que foi realizado pela Semed, dois anos após a inauguração, na época foram lotados quatro professores de LIBRAS. No decorrer do ano de 2015 a escola mudou de endereço e atualmente está fixada na Rua Litorânea.

Abaixo segue a lista de diretor e vice-diretor a partir da fundação da escola bilíngue até a atualidade:

Diretor	Vice-Diretor	Período
Ariana Boaventura Pereira	Carlos Alberto Ferreira da Silva	2013
Carlos Alberto Ferreira da Silva	Miguel Soares da Luz Filho	2013
Carlos Alberto Ferreira da Silva	Pedrolina França de Oliveira Neta	2013
Ana Carolina Lovo Viana	Carlos Alberto Ferreira da Silva	2014
Pedrolina França de Oliveira Neta	Edileide Marques Lima Coelho	2014
Ana Carolina Lovo Viana	Sirléia Barcelar Araújo da Silva	2014
Sirléia Barcelar Araújo da Silva	Itamar Braga Monteiro de Souza	2015/2019

Podemos dizer que a Escola Municipal Bilíngue Porto Velho conta como sócios fundadores as associações de surdos e interpretes, sendo a Associação de Surdos de Porto Velho – ASPVH, formada por pessoas surdas e a Associação de Professores, Parentes, Amigos e Interpretes de Surdos de RO – APPIS. Essa Escola foi criada na gestão do Prefeito Dr. Mauro Nazif, com a intenção de atender todos os anseios da comunidade surda do Estado de Rondônia.

Uma das exigências era que todos os alunos matriculados, principalmente no ano de fundação, possuísem laudo de surdez e outras especificidades, sendo que, a clientela local era advinda das diversas zonas da capital o que gerou necessidade de mudança. No ano de 2015, a escola mudou para um novo espaço sendo o atual localizado no bairro Flodoaldo Pontes Pinto. Esse espaço foi cedido pelo conselho da igreja São Vicente Palloti, com mais espaço e comodidade para os alunos.

Atualmente, o quadro de alunos da escola Bilíngue é composto por alunos surdos e ouvintes de diferentes classes sociais e multicultural, no quadro técnico escolar possui profissionais surdos e ouvintes sendo a maioria pessoas ouvintes especialista em educação de surdos – LIBRAS.

A grande maioria dos familiares responsáveis pelos alunos trabalha como autônomos em serviço de pedreiro, domésticas, vendas e outros e a escola vem auxiliar também de certa forma no orçamento doméstico, pois não há custo para a educação e alimentação desta criança que permanece durante o dia na escola.

A escola possui em seu quadro alunos surdos e ouvintes, sendo algumas crianças ouvintes familiares de pessoas surdas outras não, pois algumas famílias optam por matricular seus filhos na escola para aprender a metodologia bilíngue e ter no seu currículo de formação uma nova língua de instrução sendo a LIBRAS. Na atualidade a escola Bilíngue Porto Velho conta com uma clientela heterogênea que mora em diversas zonas da capital, pois é a única escola Bilíngue com a metodologia diferenciada tendo a Língua Brasileira de Sinais como metodologia para pessoas surdas.

Abaixo seguem estatísticas sobre os alunos matriculados na Escola Bilíngue no ano de 2019:

Educação Infantil

EDUCAÇÃO INFANTIL – 2019											
Etapa	Matutino		Vespertino		Integral		Total		Gênero		Anee*
	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos	Masculino	Feminino	
Creche I											
Creche II											
Pré I	Única		01	10							
Pré II	Única	06	01	14	-	-	-	-	04	02	-
TOTAL	Única	06	-	-	-	-	-	-	04	02	-
Ano	Matrícula Inicial	Afastados por Abandono		Afastados por Transferência		Matrícula Final	Taxa de transferência		Taxa de Abandono		
2019	104	-		06		-	-		-		

Ensino Fundamental

ENSINO FUNDAMENTAL - 2019											
Ano	Matutino		Vespertino		Integral		Total		Gênero		Ane e*
	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos	Mas c.	Fe m.	
1º	-	-	A	12	-	-	-	-	10	02	-
2º	A	-	A	16	-	-	-	-	07	07	08
3º	A	05	A	10	-	-	-	-	07	03	-
4º	A	08	-	-	-	-	-	-	04	04	-
4º	B	06	-	-	-	-	-	-	04	02	-
5º	A	09	-	-	-	-	-	-	05	04	-
5º	B	07	-	-	-	-	-	-	02	05	-
Turmas Especia is	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	-	39	29	68

Distorção Idade/ano

ENSINO FUNDAMENTAL – 2019											
----------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ANO	Matrícula Atual (A)	Até 7 anos	Até 8 anos	Até 9 anos	Até 10 anos	Até 11 anos	Até 12 anos	Até 13 anos	Até 14 anos	+ de 15 anos	Total de alunos com idade superior ao ano respectivo (B)	Taxa de Distorção (B/A) x 100
1º	12	12	-	01	-	-	-	-	-	-	01	-
2º	16	07	06	-	-	01	-	-	-	-	05	-
3º	10	-	-	04	06	02	01	-	01	-	09	-
4º	08	-	-	01	01	02	01	01	01	01	06	-
5º	12	-	-	-	01	01	06	01	-	03	10	-
Total	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	31	-

Dados socioeconômicos

Gênero					
Masculino			Feminino		
39			30		
Com quem mora					
Pai e Mãe	Com a Mãe	Com o Pai	Com Tios	Com Os Avós	Com outros
59	08	02	-	-	-
Mora com quantas pessoas					
01 A 03		04 A 06		Mais de Seis	
10		50		09	
Religião					
Evangélica		Católica		Outras	

28	41	-		
Localização da Residência				
No Bairro da Escola	Bairros Vizinhos	Bairros Distantes		
17	46	05		
Tipo de Residência				
Própria	Alugada	Cedida		
35	40	-		
Grau de Instrução dos Pais				
Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior		
10	45	15		
Meio de Locomoção				
A Pé	Bicicleta	Moto	Carro	Transporte Público
20	15	10	19	29
Naturalidade				
Rondônia	Outros Estados Da Região Norte	Estados Da Região Nordeste	Estados Da Região Sul	Estados Da Região Centro-Oeste
47	01	01	01	01

Professores

Gênero					
Masculino			Feminino		
01			09		
Tempo que Atua na Escola					
De 00 A 02	De 03 A 05	De 06 A 10	De 11 A 15	16 A 20	Acima De 20

Anos	Anos	Anos	Anos	Anos	Anos	
08	01	-	-	-	-	
Média de Idade						
20 À 30 ANOS		31 À 40		41 À 50		Acima De 50
-		07		02		-
Localização da Residência						
No Bairro da Escola		Bairros Vizinhos		Bairros Distantes		
-		-		09		
Grau de Instrução						
Magistério		Nível Superior		Pós-graduação		
-		-		09		
Especialização						
Latu Sensu			Strictu Sensu			
09			-			
Meio de Locomoção						
A Pé	Bicicleta	Moto	Carro	Transporte Público		
-	-	-	09	-		
Religião						
Evangélica		Católica		Outras		
05		03		-		
Naturalidade						
Rondônia	Outros Estados Da Região	Estados Da Região	Estados Da Região Sul e	Estados Da Região Centro-		

	Norte	Nordeste	Sudeste	Oeste
01	02	5	-	-

Direção, Corpo Técnico e Pessoal de Apoio Administrativo

Gênero							
Masculino			Feminino				
0			08				
Tempo em que atua na Escola							
De 00 A 02 Anos	De 03 A 05 Anos	De 06 A 10 Anos	De 11 A 15 Anos	16 A 20 Anos	Acima de 20 Anos		
04	04	-	-	-	-		
Média de Idade							
20 a 30 ANOS		31 a 40		41 À 50		Acima De 50	
-		06		02		-	
Localização da Residência							
No Bairro da escola		Bairros Vizinhos		Bairros Distantes			
-		02		06			
Grau de Instrução							
Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior		Especialização	
-		01		03		04	
Especialização							
Latu Sensu			Strictu Sensu				
04			-				

Meio de Locomoção				
A Pé	Bicicleta	Moto	Carro	Transporte Público
-	-	-	08	-
Religião				
Evangélica	Católica		Outras	
05	02		01	
Naturalidade				
Rondônia	Outros Estados Da Região Norte	Estados Da Região Nordeste	Estados Da Região Sul	Estados Da Região Centro-Oeste
02	02	3	01	01

Dimensão Administrativa da Estrutura Física

Dependências	Quantidade	Condições de utilização		O que está inadequado?
		Adequada	Inadequada	
Diretoria	01		X	Conjugada com a sala da direção
Secretaria	01		X	Conjugada com a sala da direção
Sala de coordenação pedagógica/supervisão	01	X		
Sala de Recursos	01	X		
Sala de aula	05	X		
Depósito material limpeza	01		X	
Dispensa de merenda	01		X	
Cozinha	01	X		

Banheiro masculino para dos alunos	01	X		
Banheiro masculino para dos alunos com necessidades especiais	01	X		
Banheiro feminino para alunas	01	X		

Do Patrimônio

Secretaria Escolar

Ordem	Materiais	Quantidade	Condições de uso		
			Bom	Regular	Ruim
01	Computador	01		X	
02	Impressora	02	X		
03	Nobrak	01	X		
04	Armários/arquivo	02	X		
05	Mesa e cadeira secretaria	01	X		
Sala da Direção					
01	Mesas e cadeiras	02	X		01
01	Impressora	01	X		01
Sala de Coordenação Pedagógica/Supervisão					
01	Mesa e cadeira	01	X		
02	Computador	01	X		
01	Armário	01	X		
Sala de Recursos					
01	Mesa e cadeira	01	X		
01	Quadro branco	01	X		

01	Armário	01	X		
Salas de Aula					
01	Mesas	60	X		
02	Cadeiras	60	X		
03	Armários	05	X		
04	TV	04	X		
Depósito					
01	Armários	01	X		
Depósito de Merenda					
01	Armário com prateleiras	02	X		

3.1.2 GESTÃO

A Escola está organizada baseando nos princípios da Gestão Democrática garantindo a participação da comunidade escolar na gestão do ensino, no pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, possibilitando autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira, assegurando um padrão de qualidade ao ensino.

A Escola conta com o apoio direto do Conselho Escolar constituído pela Direção e representantes dos segmentos da comunidade escolar, com estatuto próprio aprovado. A escolha do Diretor e Vice-Diretor da Escola ocorre através de eleições diretas sendo que Projeto Político Pedagógico é elaborado e executado pela comunidade escolar.

3.1.3 ESTRUTURA ADIMINISTRATIVA

A Escola é constituída por órgãos que possibilitam o gerenciamento racional das atividades administrativas e pedagógicas sendo; direção escolar, serviço técnico administrativo, corpo técnico pedagógico, corpo docente, órgãos colegiados, assistência complementar ao educando, órgãos colegiados.

A sua prática educativa está fundamentada no “**direito de aprender**” dos estudantes. O ensino oferecido pela Escola Bilíngue Porto Velho prioriza a modalidade regular, especificada e especializada da educação Bilíngue, com o mesmo currículo da rede pública de ensino municipal com adaptações a clientela atendida.

Segundo a Lei 10.436/2002 a Lei de LIBRAS o desenvolvimento das políticas públicas para educação de surdos deve ser realizado em escolas Bilíngues tendo a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua de instrução e o português ensinado da sua forma escrita como metodologia de segunda língua, no qual são ministradas todas as disciplinas curriculares assegurando a preservação dos mesmos componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, garantindo o componente curricular LIBRAS em todos os níveis de escolaridade e a substituição da disciplina de língua portuguesa como primeira língua, oferecida normalmente nas escolas convencionais, pela disciplina de Língua Portuguesa como segunda língua. Toda literatura surda é trabalhada em comum com a literatura universal através de projetos, sendo que a disciplina de LIBRAS torna o aluno surdo capaz de ser instruído na sua primeira língua para garantir seu desenvolvimento global e o desenvolvimento da cidadania, instituído no projeto de criação escolar assim como no regimento interno através do Parecer Técnico n. 008/2018-DE/DPE/SEMED.

O nascimento da Escola ocorreu através do compromisso de trazer em sua concepção de ensino a importância do convívio com as diferenças, sendo assim, procura desenvolver atividades pedagógicas que promovam uma integração entre os alunos. Abolindo a discriminação entre os seres humanos, realizando trabalhos de conscientização entre alunos e comunidade escolar a fim de que a convivência com as crianças “diferentes” seja pacífica, participativa e natural. A inclusão é um dos eixos norteadores da escola onde as práticas pedagógicas estão voltadas para o resgate dos valores sociais tais como: respeito, solidariedade, amizade, união, justiça e de um desenvolvimento humano sustentável.

A direção atual segue os princípios da Gestão Democrática do Sistema de Ensino Público do Município de Porto Velho - RO, focando os princípios de compromisso com a democracia, com a defesa dos direitos humanos, com a não discriminação e com a preservação do meio ambiente e a diversidade cultural,

priorizando a participação de todos os segmentos da escola nos processos e instâncias decisórias, trazendo consigo a transparência nos mecanismos administrativos, financeiros e pedagógicos. Procura garantir uma prática que faça o trabalho na escola acontecer de forma organizada e que cada profissional exerça a sua função com autonomia e respeito, formando um conjunto, onde cada um é valorizado pelo que faz e se sinta motivado e feliz. Atualmente, a direção prioriza a transparência, responsabilidade e qualidade da educação, buscando a participação de todos os segmentos que compõem o sistema público de ensino nas tomadas de decisões pedagógicas, administrativas e financeiras.

Centraliza sua ação no aluno e na aprendizagem no processo de formação e de construção do ser humano que se forma no ambiente social e pedagógico da escola. Com isso, se faz necessário o domínio do professor, propiciado através de estudos e trabalhos coletivos, aprimorando assim o saber, para ensinar com autonomia e didática. Existe também a necessidade de um trabalho contextualizado e interdisciplinar, em que utilizam a pedagogia de projetos, visando à interação homem mundo-natureza, na perspectiva sócio histórica.

A escola bilíngue sempre promove ações que oportunizam e estimulam à criatividade, a curiosidade, a emoção e as diversas manifestações artísticas e culturais, através de visitas a centros culturais, teatros, cinemas e a promoção de atividades nas quais as crianças atuam como coadjuvantes, como: mostra cultura surda, festa da família, projeto de literatura surda, etc.

O aluno é educação infantil é estimulado ao conhecimento do próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, valorizando os cuidados com a própria saúde, as relações sociais, respeitando o meio ambiente e a diversidade conscientizando-os de seus direitos e deveres, sempre respeitando sua etapa de desenvolvimento. A aquisição e percepção de si como pessoa única, inserida num grupo social, capaz de se relacionar com outras pessoas, tendo uma imagem positiva de si, sabendo expressar seus desejos e suas necessidades, tomando decisões, dentro de suas possibilidades, contribuindo assim para o desenvolvimento de sua autonomia. Elaborando produção e apreciação da arte como forma de expressão, desenvolvendo o gosto, o cuidado, o respeito e a valorização pela sua própria produção, pela produção dos colegas, de diferentes artistas, gêneros, estilos e épocas; Estimulando a compreensão das relações estabelecidas entre os códigos

linguísticos, entendendo a escrita como forma de expressão e registro e a leitura como instrumento para ampliar a visão de mundo. Desenvolvendo também o conhecimento dos conceitos de número, espaço e forma, grandezas e medidas, com a finalidade de solucionar situações do cotidiano, por meio da resolução de problemas.

A Escola trabalha com projetos, uma metodologia de trabalho educacional que tem por objetivo organizar a construção dos conhecimentos em torno de metas previamente definidas, de forma coletiva, entre alunos e professores, onde papel do educador, em suas intervenções, é o de estimular, observar e mediar, criando situações de aprendizagem significativas que contemplem os conteúdos programáticos, com foco na melhoria da qualidade do ensino e de oferecer ambiente prazeroso e agradável ao aluno. Todo o trabalho pedagógico da escola é planejado no coletivo de professores, juntamente com as coordenadoras e com apoio e participação da equipe gestora, assim nosso regime de trabalho é anual, com 200 dias letivos, carga horária semanal: 20 horas.

Segundo Costa, (2005, p.13), (...) as deficiências dos alunos não deveriam ser impeditivas para o ingresso e permanência na escola pública, desde que essa esteja organizada com os recursos didático-pedagógicos específicos e profissionais da educação para lidar com a diversidade dos alunos, atuando na perspectiva da educação democrática e com possibilidades de autonomia para todos os alunos.

Existem algumas prioridades dentro da constituição da Escola Bilíngue e uma delas é a formação continuada dos professores, sendo importante destacar o que está previsto no Plano Nacional de Educação/2000/CNE - Lei n.º 10.172/2001 in: COSTA, (2009, p. 8). O referido Plano: Preconiza quanto à formação dos profissionais da educação, que 'A formação continuada de profissionais da educação, tanto docentes como funcionários, deverá ser garantida pela equipe dirigente das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, cuja atuação deverá incluir a coordenação e financiamento dos programas, a sua manutenção como ação permanente, e a busca de parcerias com universidades e instituições de ensino superior.

3.1.4 – CRONOGRAMA DO CURSO

Foram inscritos 56 participantes, sendo 02 (duas) crianças surdas 04 (quatro) ouvintes. Todos assinaram os termos de autorização do uso de imagem no qual encontra no (anexo 7.2.3, páginas 131 e 132). Porém as tarjas identificadas em fotos do anexo de três crianças ouvintes que participaram do jogo estão marcadas, devido não conseguir em tempo hábil a autorização de imagem. No dia 23 de agosto foi realizada uma palestra para ouvintes e surdos no qual houve um breve relato sobre a história dos surdos no Mundo e no Brasil, sua cultura e identidade. Havia 56 participantes, entre estudantes e professores ouvintes e surdos. Em seguida, foi falado como iniciou a educação de surdos no Brasil e quais barreiras passaram os surdos após o congresso de Milão. O desafio que a comunidade surda passou em suas trajetórias na educação, ocorreu uma interação entre alguns surdos presentes sobre sua vida na escola dentro do ensino fundamental, cada um expos a sua opinião durante o curso. A gramática de LIBRAS foi apresentada de modo superficial, no qual foram demonstrados alguns sinais de escritores que contribuíram para a cultura surda no mundo e o conceito de alguns termos gramaticais.

No dia 24 de agosto de 2019 a temática apresentada foi sobre: Gramática das LIBRAS; Expressão Facial e Corporal; Confeção de material e jogo pedagógico em LIBRAS e o uso da configuração de mão; O Aprendizado do aluno surdo e o ouvinte no processo de alfabetização: como o ouvinte aprende o alfabeto? É através do ouvir, ele memoriza a fala e apresentação da imagem do objeto e associa a imagem com a palavra e decora a letra através do recurso auditivo na soletração do alfabeto. Como o surdo aprende o alfabeto? É através da visão, tudo é visual para o processo de alfabetização, então o surdo pode usar a configuração de mão para aprender o alfabeto e os sinais, por exemplo: A - apagador, B - barco, para aprender o restante dos objetos ao seu redor e ficar mais fácil para memorizar.

3.1.5 – APRESENTAÇÃO DO PRODUTO “JOGO DA PROCURA”

Foi apresentado o jogo pedagógico didático, confeccionado especialmente para ensinar LIBRAS para alunos surdos, a regra do jogo e como ele funciona para o aprendizado do aluno, respeitando as etapas do seu desenvolvimento, através de sua idade e série chamado “**Jogo da Procura**”. O jogo acompanha os seguintes itens: O total de 78 cartas, dentre elas estão 26 cartas azuis, 26 cartas amarelas, 26

cartas cinzas. Também contém 10 cones coloridos, 01 tabuleiro, um relógio de areia, 01 faixa alfabética para ser usado na parede sala de aula e o manual de instrução.

O mesmo atinge a faixa etária a partir de 04 anos de idade e apresenta 03 níveis de aprendizado: as **cartas de cor cinza** são para alunos que não sabem LIBRAS, as **cartas de cor amarela** são para alunos que tem dificuldade em LIBRAS e as de **cartas de cor azul** são para alunos fluentes em LIBRAS.

3.1.5.1 Estrutura do “Jogo da Procura”

Figura 5: Layout da caixa.



Fonte: Arquivo do autor elaborado por Designer SilvAline Silva

Figura 6: Layout do tabuleiro



Fonte: Arquivo do autor elaborado por Designer SilvAline Silva

Figura 7: Layout de cartas azuis – para o usuário que é fluente em LIBRAS



Fonte: Arquivo do autor elaborado por Designer SilvAline Silva

Figura 8: Layout de cartas amarelas – para o usuário que está aprendendo LIBRAS ou tem dificuldade.



Fonte: Arquivo do autor elaborado por Designer SilvAline Silva

Figura 9: Layout de cartas cinzas – para o usuário que não sabe nada de LIBRAS



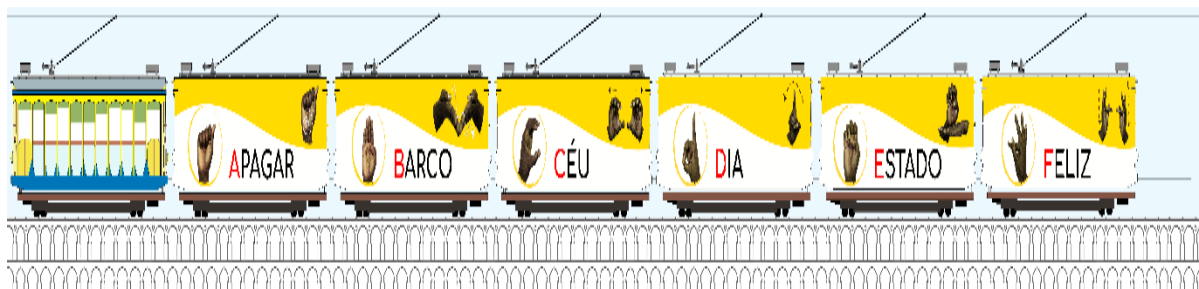
Fonte: Arquivo do autor elaborado por Designer SilvAline Silva

Figura 10: Manual de instruções “jogo da procura”



Fonte: Arquivo do autor elaborado por Designer Silvaline Silva

Figura 11: Alfabeto manual do bondinho de Santa Teresa com o uso da configuração de mão



Fonte: Arquivo do autor elaborado por Designer Silvaline Silva

Antes de iniciar apresentei a caixa do jogo as crianças surdas e ouvintes usuários de LIBRAS ali presentes no qual ficaram super animados. A reação ao abrir o tabuleiro em frente às crianças foi de espanto e, pois as mesmas ficaram

assustadas e falando em LIBRAS que era difícil, então falei que ia ensinar as regras do jogo.

Figura 12: Apresentação do Jogo Pedagógico ao público do curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho



Fonte: Arquivo do Autor

3.1.5.2 REGRAS DO “JOGO DA PROCURA”

É de suma importância que os jogos façam parte da cultura escolar e do dia a dia do aluno. O jogo pode conter ou não objetivos pedagógicos, mas se for usado em sala de aula para fins de ensino é necessário que o professor tenha em mente qual o conceito, habilidade e procedimento poderá ser desenvolvido por meio do jogo, e ter o domínio do mesmo para conduzi-lo em sala de aula. O jogo poderá ser conduzido em dupla, pequenos grupos ou em grupo de classe; com ou sem uso de recursos auxiliares – como lápis e papel, material manipulativo, relógio entre outros. Oferecendo assim, melhores condições de aprendizagem para os alunos. Será necessário também considerar a adequação do jogo por faixa etária dos alunos, para o conhecimento já consolidado pelos estudantes e os conceitos que se deseja desenvolver por intermédio dele, o tempo necessário para a atividade, o papel que os alunos e o professor desempenharão e, também como se dará a avaliação do efeito do jogo na aprendizagem. Assim como, explicar claramente as regras para que o aluno não tenha dúvidas durante as atividades. Podendo também usar como

atividade, a elaboração de regras junto com a turma, apresentando os itens que constituem o jogo e os alunos através deles estarem formulando as regras do jogo. Essas são estratégias que podem ser usadas em sala de aula, proporcionando ao aluno autonomia e dando ao professor elementos que o levem a novas avaliações. Tornando a partir do jogo o ensino da LIBRAS e da língua portuguesa mais prazeroso e certamente mais significativo para o aluno surdo e os demais alunos incluídos em sala de aula.

A princípio a faixa que acompanha o jogo é colocada acima do quadro negro, nela o aluno poderá ter acesso ao alfabeto em sua ordem natural com as configurações de mão e as figuras referentes. A faixa tem formato de bondinho fazendo referência à cidade do Rio de Janeiro, cidade natural do autor deste estudo.

Cada jogador recebe um cone e o mediador fica com as cartas de acordo com o nível dos alunos que irão participar, o nível é medido através das cores das cartas; Caso forem utilizadas as cartas amarelas, as cartas cinzas entram no jogo como auxiliaadoras, o professor mediador irá apresentar cada carta aos alunos onde estão os desenhos de cada objeto enumerados de A até Z e lhes apresentará o sinal correspondente à figura. O professor mediador deverá correlacionar o nome da figura com a letra do alfabeto e a configuração de mãos, pois houve o cuidado na escolha de cada objeto onde sua letra inicial faz parte do sinal (configuração de mãos). O tabuleiro contendo várias figuras distribuídas em um quarto bagunçado, fica aberto a frente dos jogadores, as cartas ficarão empilhadas de cabeça para baixo e o mediador abre uma carta e os jogadores têm que identificar a figura no tabuleiro, o mais rápido possível. Aquele que colocar o cone primeiro sobre a figura fica com a carta e assim sucessivamente. Caso nenhum jogador consiga identificar a figura no tempo estipulado, passa para a próxima carta. Quando todas as cartas acabarem o mediador pergunta a cada jogador quantas cartas tem na mão, o sinal dos objetos que tem nas cartas e a datilologia. Vencerá quem tiver o maior número de cartas.

Para continuar o jogo o mediador deverá perguntar qual o sinal e a datilologia de cada item na carta e depois pedirá para cada participante contar uma história utilizando os itens identificados nas cartas que tem nas mãos. Depois de

identificados os objetos e a história contada o mediador pedirá que transfiram para o papel a história que acabaram de contar.

Esse jogo pode ser utilizado para pré-alfabetização onde serão utilizadas as cartas amarelas e cinzas e não será utilizada a última regra de transpor à escrita, fazendo uso apenas do letramento e da LIBRAS Utilizado na alfabetização onde a criança passará para o papel apenas as palavras em português, utilizando assim a LIBRAS e o português escrito (bilinguismo) e nas series iniciais onde poderão ser utilizadas frases e textos em LIBRAS na escrita da língua portuguesa.

É um jogo simples e possui muitas variações que contribuirão para o desenvolvimento mental, cognitivo e social dos alunos. A memória visual é a capacidade de olhar para uma forma, objeto, letra, sinal e palavra e lembrar-se dela. Essa é uma habilidade importante para o desenvolvimento da aprendizagem e é afetada pela atenção, concentração e capacidade de observação. O objetivo dele é encontrar uma determinada figura em um grande desenho. Deve ser jogado em grupo e ganhará quem encontrar a imagem primeiro. O que o aluno poderá aprender:

- Desenvolver e ampliar a percepção visual e espacial;
- Aprimorar rapidez de reação;
- Validar os valores éticos (companheirismo e solidariedade) e a rapidez de reação;
- Interagir com os pares;
- Participar de jogos seguindo regras;
- Desenvolver habilidades de leitura e de escrita;
- Elaborar texto instrucional;
- Despertar a leitura e escrita através do jogo;
- Despertar criatividade;

- Desenvolver atitudes de interação e de colaboração em grupo;
- Respeitar e obedecer a regras;
- Novos sinais em LIBRAS;
- Configuração de mãos;
- Datilologia;
- Elaborar histórias
- Controlar o tempo;
- Distinguir cores;
- Desenvolver o raciocínio lógico.

Durante o curso de Extensão realizei o teste do jogo iniciando com a **carta azul** porque as crianças eram fluentes em LIBRAS, após explicar a regra elas ficaram animadas e entenderam as regras. Algumas falaram que o quarto estava uma bagunça, expliquei que parece com o próprio quarto quando sua mãe reclama da sua bagunça, uma criança falou em LIBRAS que aprendeu e não ia fazer mais. No jogo o participante procura o que está na carta e sinaliza no tabuleiro através do cone, colocando no local da figura que está indicada na carta, ao mesmo tempo o professor marca o tempo de 1 minuto na ampulheta. Também tem outras formas de jogar: o aluno procura na carta e olha para o tabuleiro colocando o cone no local da figura que está indicando na carta, enquanto o professor continua virando as cartas, quem acertar o sinal permanece com a carta até terminar as 26 cartas. Colocando o tempo de 1 minuto para sinalizar a carta o professor provoca o raciocínio lógico do aluno, fazendo com que ocorra o aprendizado contínuo da LIBRAS em diversos níveis de aprendizado. Para finalizar pede que as crianças formem frases com as cartas que estão em suas mãos.

Figura 13: Demonstração das Regras do Jogo Pedagógico ao público do curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho



Fonte: Arquivo do Autor

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a apresentação do jogo didático, para demonstrar a eficácia do jogo, foi realizado um teste com 03 ouvintes que não sabiam nada de LIBRAS. Chamado individualmente a olhar o tabuleiro foi entregue uma carta amarela, porque com a carta cinza poderia ser mais fácil por serem três ouvintes. O primeiro participante adulto, foi pedido que procurasse no tabuleiro e ele conseguiu achar, depois foi pedido para que ele fizesse o sinal da carta e ele apenas conseguiu fazer a primeira letra do sinal 'F' de 'feliz', mas não conseguiu fazer o sinal de feliz. O segundo participante adulto, também conseguiu achar a carta no tabuleiro, porém não sabia o sinal. O terceiro participante, criança, não conseguiu achar figura no tabuleiro, mas foi esperto, fez o sinal de feliz porque viu a dica, mas demorou quase um minuto pra descobrir que na carta estava o sinal de feliz.

Figura 14: Participação de 03 (três) ouvintes no jogo, que estavam no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. Obs.: Uma participante está com tarja no rosto devido os pais não apresentarem em tempo hábil a autorização de imagem)



Fonte: Arquivo do Autor

Contudo, observou-se que os participantes demonstraram empolgação e despertaram o interesse em aprender LIBRAS para que haja uma comunicação mútua entre ouvintes e surdos, promovendo desta maneira, acessibilidade à comunidade surda em todos os ambientes da sociedade. Todos demonstraram interesse em dar continuidade ao jogo, infelizmente não poderiam continuar devido o horário.

No dia 31 de agosto de 2019 a temática apresentada foi sobre: Tipos de Frases em LIBRAS usando o jogo didático. Não há maior barreira que a comunicação. Esse tema apresenta um questionamento sobre: Por que o professor e o interprete acham difícil ensinar LIBRAS? Talvez por ser mal traduzido. O professor precisa entender a própria criança, o aluno não tem culpa. Quem usa a Língua portuguesa precisa entender que o surdo usa a LIBRAS para aprender e ser alfabetizado. Por isso, acontece um desentendimento no aprendizado da L1 e L2 na educação de surdos, o ensino está fraco nas escolas públicas pela falta de capacitação da equipe pedagógica. Em algumas das escolas públicas não tem professores surdos ensinando alunos surdos. Por consequência, os alunos estão aprendendo errado a L1- LIBRAS, desenvolvendo assim, um aprendizado precário.

Foi relatado a experiência realizada na educação de surdos no ensino da LIBRAS para bebês, crianças e adultos e até idosos na EJA no Rio de Janeiro. Logo após falei que a fluência em LIBRAS nunca é alcançada em cursos de 20, 40 ou até 80 horas, a fluência acontece em 4 a 5 anos de aprendizado, houve comentários que isso ocorre também em cursos de idiomas e que por isso muitos não são fluentes em LIBRAS.

Para realização do teste e experiência com o jogo pedagógico didático, no terceiro dia do curso foram convidadas várias crianças, alunos da escola bilíngue e um irmão de uma aluna da escola bilíngue para participar do jogo. Os dois primeiros alunos que chegaram eram crianças ouvintes e foi pedido que se apresentassem para todos, e eles sinalizaram seus nomes e mostraram seus sinais batizados pela comunidade surda e a série que estavam cursando na escola bilíngue e logo após me apresentei com meu sinal e meu nome.

Para ensinar os alunos primeiro é preciso conversar com eles e deixá-los à vontade para tirarem suas dúvidas. A maioria eram alunos do 5º Ano e um do 4º Ano e perguntaram por que do meu sinal ser o W no rosto, então expliquei que é devido à letra do meu nome iniciar com W de Wendel e ser ao lado da pele fina devido à cicatriz que tenho. Portanto, o sinal faz parte de sua identidade na comunidade surda, quando não gostar mais do sinal que foi batizado tem avisar logo os surdos que não gostou porque senão pode espalhar o seu sinal e todos já conhecerem quem de fato é pelo sinal batizado. Mas ele pode ser mudado nos casos em que a pessoa que recebeu o sinal, não gostar dele ou for um sinal que o envergonhe.

Após alguns minutos de início do curso começaram a chegar outras crianças, dentre elas ouvintes e duas alunas surdas, no total de 07 crianças. Então, apresentei o jogo didático a todos novamente, em especial as crianças que chegaram interrogando se gostariam de brincar, tendo como positiva a resposta.

O teste de avaliação do material educacional vem ser uma atividade reconhecida como fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois é necessário avaliar se um produto educacional consegue cumprir aquilo que foi planejado para ele de forma consciente. Alguns materiais podem não funcionar da maneira que foi projetado, pois existem conflitos entre pensamentos e atos, desta

forma os testes existem para analisar a sua veracidade. Assim como, durante os testes podem surgir novas formas ou regras de se estabelecer o material avaliado criando novas estratégias e meios de utilização.

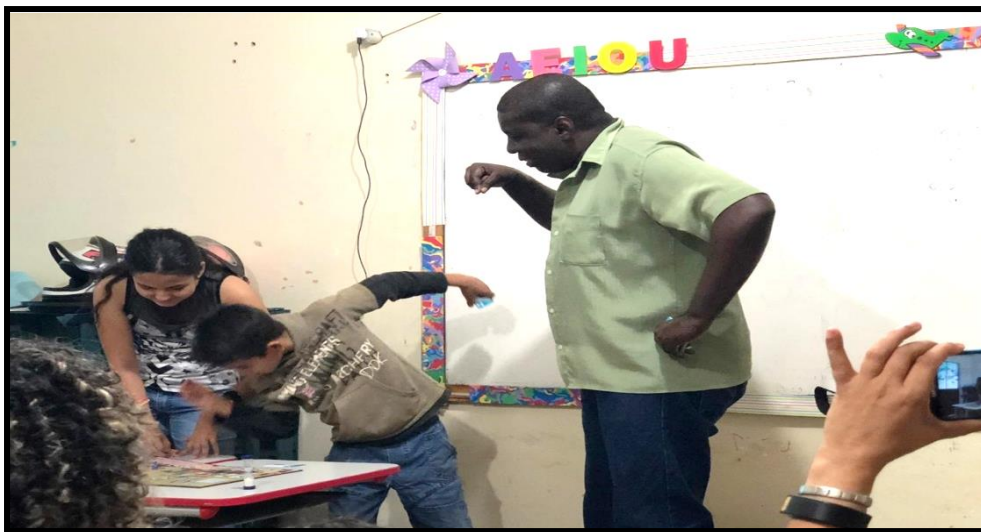
De acordo com Padrón, Díaz, Aedo, et. al, (2007, p.312) de que: A avaliação subsidia os desenvolvedores com informações sobre a utilidade do material. Mas apesar de sua importância, a avaliação é negligenciada na criação de muitos materiais didáticos.

Isto pode ser preocupante porque segundo Romiszowski (2004), o pouco uso de avaliação no projeto de materiais educacionais pode fazer com que não se perceba os problemas não só do material que está sendo testado, como também do aluno avaliador, dando uma falsa impressão de sucesso para algo que no futuro não terá utilidade. É na prática que se avalia a eficácia de um material, projeto ou jogo pedagógico, a utilização do jogo por crianças da faixa etária pré-estabelecida, além de legitimar o material e abrir novos caminhos para a sua utilização. Procuramos desenvolver um modelo de avaliação para o jogo que busque obter a percepção dos alunos sobre o nível de motivação proporcionado por ele, a experiência de interação e o impacto na aprendizagem. Esperamos que o uso deste modelo de avaliação venha trazer contribuições para a qualidade do jogo e a orientação necessária aos professores no uso deste material. No entanto, é necessário salientar que agora está proposta precisa ser validada na prática e entrará numa fase de aplicação e testes.

A primeira equipe a realizar o teste com o jogo pedagógico foi um aluno ouvinte e uma aluna surda, os dois alunos da Escola Municipal do Ensino Fundamental Bilíngue. O menino com 10 anos de idade do 4º Ano e a menina com 16 anos de idade do 5º Ano do Ensino Fundamental I. Foi demonstrado as regras do jogo e mostrado seu funcionamento. A primeira impressão dos alunos quando viram o tabuleiro foi uma expressão de espanto, acharam difícil. Depois perceberam que seria legal, pois se tratava de um jogo de aprendizado e estratégias através de 03 níveis de LIBRAS através das cartas de cor: azul, amarelo e cinza. Quando foi pedido para procurarem a carta no jogo o menino ouvinte logo a encontrou rápido, mas não conseguiu sinalizar em 1 minuto. Ele apenas fez a soletração do objeto e

ao passar 1 minuto respondeu que não sabia. Passando a vez para a aluna surda e ela conseguiu fazer o sinal no tempo solicitado e recebeu a carta. Quando a aluna recebeu a carta o aluno ficou mais atento e muito sério, ganhando no próximo no tempo solicitado, mas a aluna foi mais atenta e ganhou do aluno.

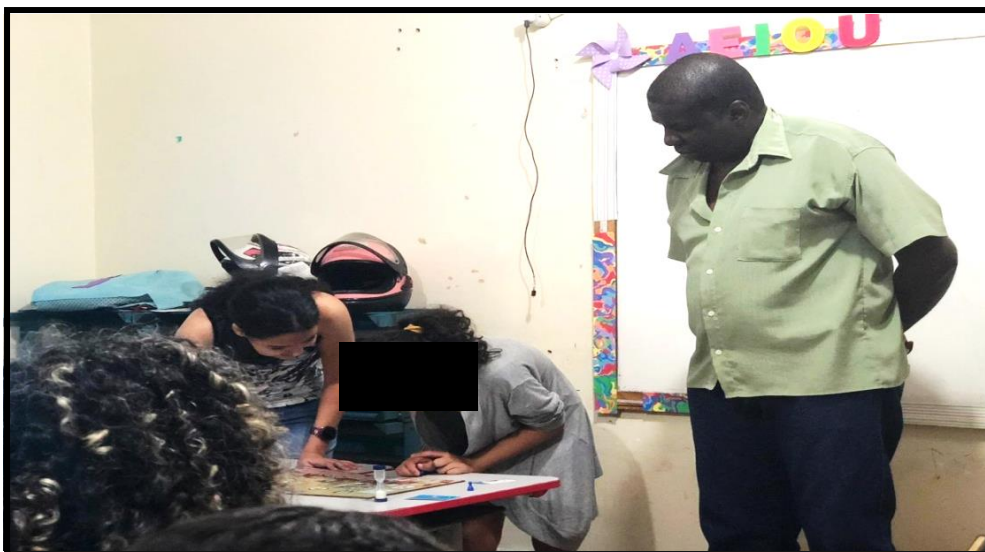
Figura 15: Participação de um aluno ouvinte e uma aluna surda no jogo pedagógico, no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos – E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho



Fonte: Arquivo do Autor

A segunda equipe a realizar o teste com o jogo didático, eram de 02 alunas surdas, alunas também da escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue, uma do 5º Ano que já havia participado e a outra do 4º Ano, idade de 10 anos. Foi solicitado que as duas procurassem as cartas juntas, e rapidamente a encontraram no tabuleiro, depois foi dado o tempo de 01 minuto para elas sinalizarem o sinal, então conseguiram fazer o sinal das cartas de cores amarelo para quem tem dificuldade em LIBRAS e azul que é o nível de fluência em LIBRAS. E assim, foi repetido o jogo com quatro cartas de sinais diferentes e todas as duas conseguiram, tanto achar a carta quanto sinalizar. Com isso foi observado em que nível de ensino em LIBRAS estavam às alunas surdas.

Figura 16: Participação de 02 (duas) alunas surdas no jogo pedagógico, no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. Obs.: Uma aluna está com tarja no rosto devido os pais não apresentarem em tempo hábil a autorização de imagem)



Fonte: Arquivo do Autor

A terceira equipe a realizar o teste com o jogo didático, era composta por 02 alunos ouvintes, que sabiam um pouco de LIBRAS e participaram com cartas de cor amarela de nível difícil em LIBRAS. Foi pedido para eles procurarem as cartas no jogo dois vezes e a encontraram rapidamente. Logo após foi dado o tempo de 1 minuto para sinalizarem o objeto da carta e conseguiram dentro do tempo solicitado.

A quarta equipe era composta por 02 alunos ouvintes, a menina do 5º Ano com 10 anos de idade estudante da escola Bilíngue e o menino no 2º ano que estudava em outra escola, com apenas 06 anos de idade. Eles não sabiam nada de LIBRAS, contudo, foi solicitado apenas que procurassem as cartas no tabuleiro, e conseguiram encontrar. No entanto, não sabiam o sinal. O menino de 06 anos de idade é muito visual e foi o primeiro a encontrar a carta no “Jogo da Procura”.

Figura 17: Participação de 02 (dois) alunos ouvintes no jogo pedagógico, no curso de Extensão: Estratégia do Ensino de LIBRAS durante o jogo educacional para alunos surdos - E.M.E.I.E.F Bilíngue Porto Velho. Obs.: Os dois estão com tarja no rosto devido os pais não apresentarem em tempo hábil a autorização de imagem.



Fonte: Arquivo do Autor

Depois que todos os alunos participaram do jogo eles foram liberados, pois a participação do jogo foi realizada somente no período da manhã. Entretanto, as crianças gostaram tanto do jogo que queriam retornar no período da tarde para aprender mais sobre o jogo.

Contudo, foi observado que a expectativa do jogo foi alcançada nos 03 níveis de ensino e foi gratificante a participação dos alunos surdos e ouvintes no curso para avaliar o jogo.

No segundo momento, do período da tarde expliquei sobre o ensino de LIBRAS na escola que tem somente surdos na sala de aula e alunos surdos com outras deficiências no qual eu como professor ministrava as aulas. Nessa observação, falei que nunca poderão dizer a uma criança surda que ela está errada. Pois criança odeia errar e principalmente perder, então, o professor não pode rir do aluno em sala de aula, por ser muito sofrido pra eles. Não sabemos como eles vivem fora da escola, sendo assim, não devemos mimar os alunos e muito menos achá-los incapazes. Vygotsky, (1989) concluiu então que a criança surda deve adquirir a linguagem da mesma forma que as crianças ouvintes, seguindo as mesmas etapas.

Ele valoriza a educação pré-escolar como o ambiente propício para a estimulação da língua oral e como meio de incorporar a criança surda à comunidade ouvinte.

Uma participante do curso de extensão falou que LIBRAS deveria ser ensinada nas escolas públicas e particulares desde a educação infantil, seria o ideal, no entanto, a lei é favorável ao ouvinte e não para o surdo. Deveria ser regra específica e ter na grade curricular no ensino de LIBRAS aqui no município de Porto Velho-RO. Na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, os professores ouvintes usam a lei de LIBRAS e sinaliza aos alunos, e assim respeitam as regras impostas.

Um ouvinte que estava presente perguntou se uma criança tem mais facilidade de aprender LIBRAS do que um adulto? Foi respondido que sim, porque já existem pesquisas que comprovam que a sinapse e a coordenação motora são mais eficazes para o aprendizado, porém deve ser estimulada constantemente.

Foi comentado também que na região norte existem muitos surdos, no qual, a pesquisa realizada pelo censo do IBGE comprova a existência de 8.000 surdos só em Porto Velho, porém sabemos que nesta pesquisa entram todos que tem deficiência auditiva – DA e também surdos que não tem identidade surda e que não sabem LIBRAS.

Ao final do curso foi entregue aos presentes um questionário avaliativo com questões sobre o curso, que seguia com os questionamentos (anexo 7.2.2 páginas 115 a 130) acerca da apresentação do palestrante, material didático utilizado e organização do evento, através de uma pesquisa escrita. No próximo capítulo, verão os resultados.

4.1 Resultados da ficha de avaliação dos participantes do curso de extensão em relação ao palestrante e ao curso

4.1.1 Itens a serem avaliados: Apresentação do Palestrante

Nessa parte do questionário, 16 participantes do curso responderam as informações relativas ao conhecimento do assunto, Administração do tempo, esclarecimento de dúvidas, linguagem clara e objetiva, apresentação e conteúdo em sequência lógica e relacionamento com o grupo, conforme gráficos a seguir. O

Gráfico 1 apresenta os dados correspondentes da análise das questões relativas à apresentação do palestrante. Além desses resultados expostos no gráfico, alguns participantes fizeram comentários e sugestões para haver mais cursos voltados ao conhecimento da LIBRAS, pois enfatizaram sobre a importância desse ensino ser disseminado em escolas regulares.

Porém, percebe-se que o ensino da LIBRAS precisa ser melhorado nas escolas, para que a inclusão de fato seja efetivada. Portanto, entende-se que essa melhoria do ensino, só vai ocorrer quando houver uma obrigatoriedade do ensino na grade curricular incluindo a disciplina de LIBRAS em toda rede de ensino regular do Brasil.

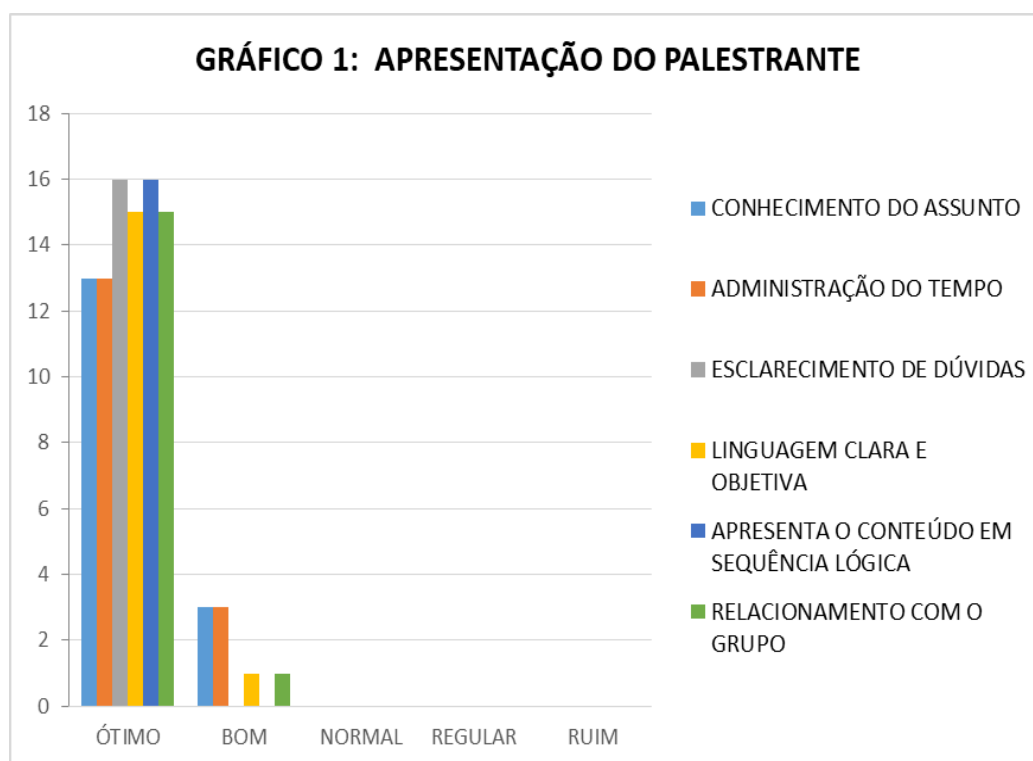


Gráfico 1 - Apresentação do Palestrante.

4.1.2 Itens a serem avaliados: Material didático

Nessa parte do questionário, 16 participantes do curso responderam as informações relativas à qualidade do material em relação ao conteúdo e a qualidade

em relação à quantidade. O Gráfico 2 apresenta os dados correspondentes à análise das questões relativas ao material didático.

Aos dados analisados no gráfico percebe-se que houve uma qualidade significativa do material em relação ao conteúdo apresentado e também uma qualidade em relação a quantidade, atendendo dessa forma ao público presente no curso.

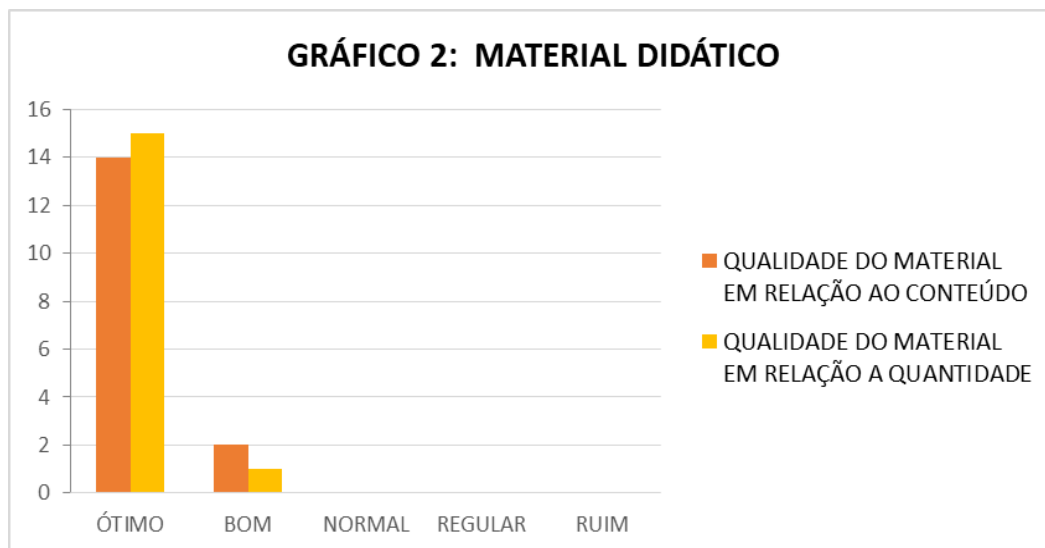


Gráfico 2 – Material didático

4.1.3 Itens a serem avaliados: Curso/Organização

Nessa parte do questionário, 16 participantes do curso responderam as informações relativas à qualidade dos equipamentos utilizados, a carga horária em relação ao conteúdo, local do evento (ambiente) e assistência durante o evento. O Gráfico 3 apresenta os dados correspondentes da análise das questões relativas ao Curso/Organização.

Sobre a qualidade dos equipamentos utilizados, a carga horária em relação ao conteúdo e assistência durante o evento, os objetivos propostos foram atendidos conforme previsto na organização do evento. Mas o local do evento foi relativamente pequeno, devido ser realizado em sala de aula, onde não comportou confortavelmente a demanda de participantes.

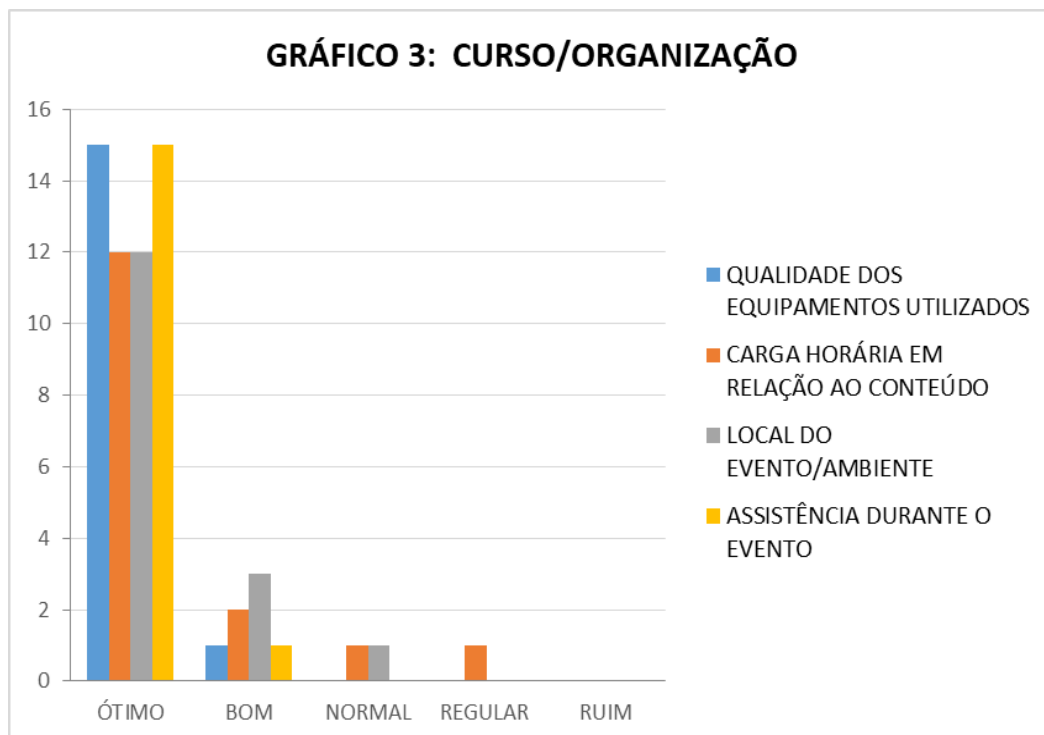


Gráfico 3 – Curso/Organização

4.1.4 Itens a serem avaliados: Expectativas do Evento

Nessa parte do questionário, 16 participantes do curso responderam as informações relativas expectativas do evento. O Gráfico 4 apresenta os dados correspondentes da análise das questões relativas expectativas do evento.

Resposta positiva: A expectativa do Evento foi muito esperada e houve receptividade, pois se tratava de um jogo pedagógico para alunos surdos. Por isso, os participantes e os alunos ficaram animados em conhecer um jogo que ensinava para eles LIBRAS de maneira prática, os incentivando ao método de leitura e escrita do português de forma lúdica. Além do mais, a primeira impressão de felicidade e espanto, foi quando viram que o jogo foi criado por um professor surdo, sendo eu o próprio palestrante.



Gráfico 4 – Expectativas do Evento

4.1.5 Itens a serem avaliados: Expectativas foram atendidas

Nessa parte do questionário, 16 participantes do curso responderam as informações relativas se a expectativa foi atendida com relação ao curso. O Gráfico 5 apresenta os dados correspondentes à análise das questões relativas às expectativas. Portanto, percebe-se que as expectativas do evento foram na maioria atendidas. No entanto, alguns em partes e um não atendeu, devido o curso ser em poucas horas e o conhecimento dos participantes na área de LIBRAS ser pouco ou nenhum. Pois se tratava de um público eclético, dentre eles, professores, estudantes, pais, visitantes que não sabiam nada de LIBRAS, alunos que estudavam na escola e outros de outra instituição de ensino



Gráfico 5 – Expectativas foram atendidas

4.1.6 Itens a serem avaliados: Você consegue aplicar o conteúdo na prática?

Nessa parte do questionário, 16 participantes do curso responderam as informações relativas ao conteúdo ministrado. O Gráfico 6 apresenta os dados correspondente à seguinte pergunta: você consegue aplicar o conteúdo na prática?

Resposta: Sim. Essa pergunta foi justificada por alguns que teceram comentários do tipo; esse jogo é inovador! Realmente o jogo é inovador, porém a secretaria de ensino, deve proporcionar incentivo ao profissionais da educação, com cursos de capacitação, com profissionais surdos e interpretes fluentes na LIBRAS, para haver uma melhor qualidade do ensino em todas as escolas. Com isso, melhorando a fluência da Língua de sinais dos alunos acerca dos conteúdos propostos pelo Ministério da Educação.



Gráfico 6 – Você consegue aplicar o conteúdo na prática?

4.2 ANÁLISE DE DADOS

4.2.1 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DESTACADOS NO “JOGO DA PROCURA”

4.2.1.1 PONTOS POSITIVOS

É um jogo que fornece integração entre aluno e o professor, pois proporciona o aprendizado da língua de sinais através do uso do alfabeto manual, ilustrado em objetos que utilizam a configuração de mão. (Parâmetro da LIBRAS). O mesmo incentiva os participantes no aprendizado de diversos sinais em vários níveis entre o básico ao avançado. Como por exemplo: quando ele não sabe LIBRAS usa as cartas de cor cinza visualizando a imagem que está no tabuleiro, quando sabe pouco a LIBRAS usa as cartas de cor amarela porque mostra a dica do sinal que está no tabuleiro e quando o mesmo é fluente na LIBRAS utilizam-se as cartas de cor azul. Logo após, o jogo permite usar os mesmos sinais escolhidos, fazer frases ou criar histórias de sua escolha no final do jogo quando acabar as cartas que o professor utilizou usando a L2 escrita do Português, isso quando o aluno sabe ler.

Porem quando ele não sabe ler o jogo também permite que o mesmo crie frases ou história livres em LIBRAS.

Vygotsky (1998, apud Campos, 2009, p. 18) define a brincadeira como:

[...] uma 'situação imaginária', na qual a criança cria relações com o pensamento e a realidade, podendo ser considerada como um recurso de construção do seu conhecimento, pois ao agir sobre os objetos, a criança vai estruturando seu tempo e espaço, desenvolvendo noções de causalidade, passando pela representação e, finalmente, à lógica.

Grassi (2008, p. 98), afirma que “jogar faz parte da vida do homem e tem como função propiciar à assimilação da realidade, expressão do pensamento, a facilitação do desenvolvimento e da aprendizagem, a elaboração de sentimentos, a criação de teorias”, pode-se assim compreender que através do jogo a criança assimila sua realidade, seu pensamento, facilitando dessa forma o seu pleno desenvolvimento e aprendizagem, pois o aluno sente prazer nessa pratica não havendo dessa forma uma pressão sobre o mesmo. Ele aprende sem menos perceber porque faz parte do seu cotidiano e sente prazer na realização da atividade proposta pelo professor.

A autora acima citada (2008, p. 98) destaca ainda que “jogar se caracteriza pelo prazer e pelo esforço espontâneo. O jogo prende a atenção do jogador, cria uma atmosfera de tensão, desafio, entusiasmo, alegria e prazer”. Jogar proporciona prazer ao jogador, mas exige do mesmo um esforço físico, mental e emocional, facilitando dessa forma o desenvolvimento infantil e aprendizagem dos mesmos.

Segundo Grassi (2008, p. 124) durante o processo de jogar:

Os participantes são incentivados a jogar bem e a se aperfeiçoar; as funções mentais superiores são colocadas em movimento, são estimuladas, exercitadas desenvolvem – se e se aperfeiçoam na busca por melhores resultados; disciplina, a concentração, a perseverança e a flexibilidade são valorizadas; aperfeiçoam-se esquemas de ação, criam – se e se descobrem estratégias mais eficientes para o jogo.

Portanto, durante o processo de jogar a criança está em pleno desenvolvimento, aprendendo a desenvolver a disciplina, a concentração, as funções mentais, descobrindo novas estratégias para continuar jogando e ganhar o jogo.

O Jogo Educativo oportuniza uma intencionalidade pedagógica associada ao prazer e a ludicidade que o jogo oferece, independente da faixa etária do público, permitindo um aprendizado mais significativo e aliado a outras metodologias.

4.2.1.2 PONTOS NEGATIVOS

Durante a brincadeira com qualquer jogo voltado para o lado educativo poderá ocorrer dispersão do objetivo, quando não for orientado pelo professor. Também constituir um estudo desapoiado quando não estão devidamente enquadrados numa estratégia pedagógica e quando não estipular regras, pode-se tornar cansativo e desestimular aos participantes. No entanto, existe um lado negativo quando o professor não tem o entendimento que “[...] com o lúdico, a criança aprende tão bem ou até melhor do que qualquer atividade tradicional limitada a livros e cadernos. O fato de estar numa brincadeira não representa um momento de lazer, e sim uma forma alternativa de aprender” (SANTOS, 2008, p. 18).

Dessa forma, podemos concluir que os jogos, brinquedos e brincadeiras “[...] não devem ser utilizados ao acaso, mas sim como meios para se alcançar determinados objetivos didáticos” (SANTOS, 2008, p.18). Isto é, para fazer uso dos jogos, brinquedos e brincadeiras é necessário que o educador tenha um planejamento e objetivos claros para que assim os resultados sejam positivos e prazerosos para todos.

Savi (2011, p. 56) enfatiza que:

“Os jogos educacionais devem atender a requisitos pedagógicos, mas também é preciso tomar cuidado para não tornar o jogo somente um produto voltado para o ensino didático, fazendo-o perder seu caráter prazeroso e espontâneo.”

Diante à colocação do autor, percebe-se a necessidade de um olhar atento ao elaborar e desenvolver um jogo, para que este, não perca o caráter de lúdico e divertido, tornando-se tedioso, ao mesmo tempo em que, perca o requisito pedagógico. Portanto, é necessário que o professor garanta aos alunos estratégias que possibilite o ensino com métodos lúdicos e que estimulam o prazer na brincadeira.

Diante da observação e aplicação do exposto questionário, os dados obtidos foram analisados e compreendidos sobre as perspectivas do professor de educação inclusive bilíngue e dos alunos surdos e ouvintes. Conforme as respostas obtidas no questionário, o professor destaca que: Os jogos educativos são ferramentas primordiais no processo de ensino aprendizagem, por trazer uma abordagem lúdica à prática enraizada durante o tempo que foge, algumas vezes do contexto em relação ao aluno surdo; O jogo praticado de forma construtiva e com objetivos claros e sistematizados potencializa o aprendizado, trazendo uma abordagem concreta facilitando a assimilação dos conceitos trabalhados pelo professor em sala de aula; Algumas escola até possuem elementos para o trabalho com a ludicidade, mas fica devendo na diversidade de materiais específicos e na disponibilidade de professor especializados e fluentes em LIBRAS.

Falta de materiais diversos, que algumas vezes são adquiridos com recursos próprios e a falta de preparo para lidar com os materiais que a escola dispõe. Não existe, ainda, na escola um trabalho em equipe voltado ao atendimento educacional especializado em LIBRAS.

Diante o questionamento sobre a definição dos jogos educativos, o professor se posiciona como uma ferramenta importante para o processo de ensino aprendizagem, sendo o jogo uma forma descontraída de abordagem dos conteúdos e, principalmente, da comunicação bilíngue.

Segundo ABRANTES, (2010, p.2), de que o jogo é uma atividade interativa, social, cultural e construtiva na formação do indivíduo, tornando-o capaz de tomar decisões, descobrir, escolher, pensar e experimentar novas situações de aprendizagem.

A importância dos jogos na aprendizagem do aluno surdo evidencia, a potencialização do aprendizado, relatando uma abordagem concreta que facilita a assimilação dos conceitos que foram trabalhados no jogo e propiciando uma aprendizagem lúdica e de forma agradável.

Assim, segundo Abrantes (2010, p.2):

É por meio das atividades lúdicas que o aluno com deficiência passa a interagir com os aspectos mais íntimos da sua personalidade, explorando objetos que o cercam, experimentando seus sentidos, melhorando sua agilidade, desenvolvendo seus pensamentos, trabalhando sua autoestima – algumas vezes sozinho, outras

conhecendo a si mesmo, podendo até se auto avaliar, e, em outras vezes, aprendendo a conviver em grupo e a socializar suas ideias.

A instituição em que foi realizada a pesquisa disponibiliza um espaço bom para trabalhar com a ludicidade, foi observado que a escola possui uma estrutura física adequada, porém ainda deixa a desejar quanto à diversidade dos materiais.

Dessa maneira, não só o professor da sala de recursos deve apresentar um bom trabalho com os alunos surdos, mas também o professor deverá se comprometer com a abordagem lúdica, na forma de construir atividades e materiais que se enquadrem na concepção e necessidade do aluno surdo, assim como se especializar na linguagem de sinais. O professor não pode ficar à mercê somente da disponibilidade da escola quanto à diversidade dos materiais, mas também deve buscar a sua criatividade para minimizar os seus problemas, intensificando dessa forma o seu trabalho e o desenvolvimento de seus alunos.

Quanto às dificuldades enfrentadas ao utilizar os jogos como mecanismo de aprendizagem, alguns professores ressaltaram a falta de materiais diversos e principalmente de jogos que possuam a configuração de mãos que é algo fundamental na aquisição da LIBRAS.

Segundo Barros (2002, p.65 apud Neto, 1999) “os fatores materiais também desempenham influências sobre o comportamento lúdico. Muitas vezes aspectos financeiros privam a criança da aproximação do material lúdico. Como consequência disso, no momento em que estas crianças têm acesso a este material, raramente o utilizam de modo mais elaborado, limitando-se a jogos exploratórios e manipulativos”.

Segundo Teixeira (1995, p.49), “o jogo é um fator didático altamente importante: mas do que um passatempo, ele é elemento indispensável para o processo de ensino aprendizagem. A educação pelo jogo deve ser a preocupação básica de todos os professores que tem a intenção de motivar seus alunos ao aprendizado.

Podemos evidenciar que toda criança tem um despertar maior para os jogos, sejam elas surdas ou não, pois o lúdico faz parte do cotidiano da infância de toda criança e também do ambiente escolar. Os jogos pedagógicos exprimem um ar de descontração, fazendo com que as aulas fiquem mais atrativas e interessantes.

Segundo Abrantes (2010, p. 8), “o jogo é uma atividade inerente ao ser humano que infelizmente, na maioria das vezes, é esquecido ou não praticado no processo de aprendizagem.”

Através dos jogos o professor poderá alcançar os objetivos do ensino ao educando surdo com mais eficácia, utilizando-se também dos conhecimentos prévios do aluno em uma visão colaborativa na construção do conhecimento. Por fim foi perguntado aos professores participantes se a escola apoia a prática dos jogos como metodologia, alguns participantes desconheciam e outros falaram que certamente há o apoio escolar.

Considerando que os jogos são de fundamental importância procuramos refletir sobre a importância da ludicidade no processo de inclusão de alunos portadores de necessidades especiais no âmbito escolar, sem esquecer as problemáticas que cercam o processo de ensino/aprendizagem do aluno surdo.

Considerando as leituras e pesquisas realizadas percebemos o conteúdo significativo e interesse por parte da sociedade em reconhecer o indivíduo com seu único e cheio de possibilidades, trazendo o jogo como instrumento de aprendizagem e aquisição de uma segunda língua que seria português no caso do aluno surdo e LIBRAS no caso do aluno ouvinte. Diante disso os autores estudados mostraram em suas pesquisas que é possível incluir o indivíduo surdo em ambiente escolar utilizando a ludicidade com instrumento importante para essa conquista, mais também poder público tem um papel fundamental para alcançar esses anseios, investindo mais em estrutura física das escolas e formação dos profissionais para atender a demanda. Mediante isso, ainda se faz necessário a quebra de alguns paradigmas que venham demonstrar a todos que cada indivíduo independente de ser surdo ou não deve ter seus direitos respeitados. Enfatiza-se ainda que a ludicidade possa ajudar tanto no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo quanto os outros alunos considerados "normais", principalmente na aquisição de uma segunda língua. Portanto o lúdico deva ser valorizado e divulgado em todas as escolas como instrumento facilitador e construtor de conhecimentos dentro do processo inclusão para todos os alunos com ou sem deficiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns professores da escola bilíngue e de escolas do interior que participaram do curso demonstraram interesse em adquirir o jogo, porém ainda não pode ser comercializado. A avaliação do palestrante também foi positiva e receptiva, ocorrendo convites para um próximo evento.

Enfim, o curso foi concluído com sucesso e atingiu as expectativas programadas, todos os resultados foram esperados e analisados de forma pedagógica. A apresentação do jogo foi inusitada e inovadora, causando impacto não só ao aluno do ensino fundamental que participou da experiência como também aos professores e alunos universitários que participaram do curso.

5.1. CONCLUSÃO

Diante das literaturas pesquisadas e da pesquisa de campo concluímos a importância dos jogos como prática pedagógica na educação inclusiva e sua função é evidenciada como estimulador e motivador do processo de aquisição de novos conhecimentos e vem propiciando também um ambiente favorável e atrativo para os alunos surdos.

A literatura pesquisada trata especificamente as questões específicas da ludicidade e do trabalho com o jogo na sala de aula, onde observamos que o currículo escolar necessita ser redimensionado, criando espaços de tempo para os jogos, fazendo com que sejam respeitados e assumidos como uma possibilidade metodológica ao processo de ensino-aprendizagem.

Observamos que ao se tratar de jogos e ludicidade em seu sentido mais amplo, o tipo de jogo que se destaca são os jogos de tabuleiro, por promoverem a interação direta entre o grupo de participantes. Esse tipo de jogo não exige meios eletrônicos como mediadores para que ocorra a interação, favorecendo assim a ação do professor como facilitador do processo de criação do ambiente lúdico.

Dentro dos jogos de tabuleiro estão surgindo os jogos modernos, que vem se contrapor aos jogos clássicos, principalmente pela pouca influência da sorte, fator

que permite ao aluno a análise ampla de possibilidades e diferentes estratégias em torno da busca por um objetivo dentro do jogo, seja ele competitivo ou cooperativo.

Observamos que a cooperação é outro ponto que diferencia os jogos modernos de tabuleiro, na qual o trabalho em equipe é evidenciado e as competências como liderança e uso de habilidades especiais vem em prol do coletivo e os planejamentos de metas são aprimoradas.

O importante a se evidenciar com o ato de jogar é que o erro é evidenciado, para que venha a ser corrigido, contudo não é tratado de forma depreciativa. A constatação sobre o conjunto de jogadas mal realizadas, ao final de um jogo em que o sujeito perde para o adversário, pode levá-lo a refletir sobre ações realizadas e elaborar novas rotas a fim de resolver o problema e talvez vencer a próxima partida. No caso do jogo em questão, o participante se empenha em aprender com rapidez os sinais em LIBRAS e sua respectiva escrita em português. Fazendo assim, com que o erro que foi executado seja constatado e analisado pelo próprio jogador, permitindo com que busque outros caminhos e conseqüentemente o questionamento sobre novas estratégias a serem exploradas, tornando o acesso mais fácil à construção do conhecimento.

Não importa se o jogo é competitivo ou cooperativo, podemos concluir que todo o jogo de regras promove um ambiente desafiador que exige do aluno concentração e desejo voluntário no aprender. Esse tipo de ambiente cria diversas habilidades e competências, desde as competências sociais, promovidas na interação direta entre os jogadores, até absorção facilitada dos conteúdos escolares.

Levamos também em consideração, que uma das orientações mais recorrentes durante o processo dos jogos é que o professor não se isole, mas que se torne elemento integrante e facilitador, enriquecendo o jogo e seu conteúdo. Evitando interferir no seu desenrolar e nas decisões feitas pelos alunos, corroborando para a eficaz construção de uma metodologia ativa, na qual o educando constrói seu próprio conhecimento diante dos desafios propostos.

Por fim, observou-se a eficácia do modelo de aula A-P-P-E (Apresentação, Prática, Produção e Escrita), que corresponde à organização do processo de ensino através do processo estabelecido e realizado durante a pesquisa de campo. Em

que, foi desenvolvida através de testes com o “Jogo da Procura”, que é um jogo que promove práticas didáticas de aprendizado do aluno na LIBRAS como L1 e aquisição do Português escrito como L2. A partir, dos níveis de fluência que o jogo oferece, promovendo desta forma que o aluno desenvolva conforme seus níveis de aprendizado.

5.2 Perspectivas

A proposta inicial é que tais estratégias possam ser desenvolvidas através de abordagens que desenvolvam as competências gramaticais e comunicativas das crianças surdas por meio da proposta de aula A-P-P-E (**A**presentação, **P**rática, **P**rodução e **E**scrita), através do método da mãozinha, usando o “Jogo da Procura”, no qual utiliza a configuração de mão, parâmetro essencial na LIBRAS, contribuindo dessa maneira com a alfabetização de crianças da Educação infantil e do primeiro seguimento do ensino fundamental.

Por fim, propõe-se a utilização do “Jogo da Procura” na sala de Recursos Multifuncionais, para o Atendimento Educacional Especializado – AEE. Sendo o AEE um conjunto de atividades e recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente para atender exclusivamente alunos com algum tipo de necessidade especial no contra turno escolar, que pode ser realizado em sala de recursos especiais, na própria escola regular ou em instituições especializadas que fazem o atendimento a alunos surdos de níveis diferentes de escolaridade e principalmente com dificuldades de aprendizagem. Portanto, o “Jogo da Procura” entra como um recurso pedagógico para auxiliar o aluno, para isso, ele traz em sua estrutura a configuração de mão que é fator primordial para a aquisição da LIBRAS, com sinais básicos referente a cada letra do alfabeto respeitando a configuração da mesma, o que facilita o aluno surdo na aquisição não só dos sinais em LIBRAS com o próprio alfabeto e escrita em português, substituindo assim, o método da abelhinha para o método da mãozinha do bondinho de Santa Tereza, para o aprendizado de crianças surdas e ouvintes, para o AEE usar como recurso pedagógico, auxiliando o aluno com dificuldade de aprendizagem.

Entretanto, esse jogo didático, também pode ajudar as crianças que tem dificuldade na fala à aprender se comunicar através da soletração do alfabeto manual que está no “Jogo da Procura” com o uso da configuração de mão usando os sinais e a escrita que está no jogo. Facilitando assim, a comunicação entre as crianças surdas com as demais crianças que estão na mesma escola. Isso é importante para as crianças surdas serem livres e conversar com qualquer criança deficiente no mesmo ambiente escolar.

Contudo, é imprescindível que os profissionais do AEE sejam especializados e fluentes em LIBRAS, para o jogo se tornar uma ferramenta fundamental na mão desse profissional que faz com que o aluno supere sua dificuldade atingindo assim a aprendizagem de forma mais lúdica. Mas por que o profissional na sala de recursos deve ser fluente? Para que tenha uma boa comunicação com o aluno surdo. Assim, como o professor que ensina o português para o aluno ouvinte deve entender e falar bem o português. O profissional do AEE deve também ser excelente no ensino da LIBRAS, porque é outra língua. Isso, evita que haja falhas no aprendizado e o aluno consiga entender o que o professor está ensinando.

Enfim, diante do exposto, acredito que a experiência e a pesquisa abrem caminho para a realização do curso de doutorado sobre o método APPE e seu uso com o “Jogo da Procura”.

6. REFERÊNCIAS

6.1 Obras citadas

ABRANTES, Karla. A importância dos jogos didáticos no processo de ensino aprendizagem para deficientes intelectuais. Campina Grande, 2010.

ALBRES, Neiva de Aquino. De sinal em sinal: comunicação em LIBRAS para educadores. São Paulo, SP: Editora Duas Mãos – Apoio FENEIS/SP, 2008.

ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de LIBRAS como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. REVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br], 22/10/2018.

ALMEIDA, Elomena Barbosa. O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e interprete de língua brasileira de sinais. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba - Faculdade de Ciências Humanas Piracicaba – Programa de Pós-graduação em Educação, 2010.

BARROS, J.M.G. Jogo Infantil e Hiperatividade. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira. Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de língua de sinais, reimpr. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995].

CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C. Alfabetização: método fônico. 4. Ed. São Paulo: Memnon, 2007.

FARIA, Evangelina Maria Brito de.; ASSIS, Maria Cristina de. Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas 5. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FELIPE, Tanya. A. LIBRAS em Contexto: curso básico, 9ª ed, Rio de Janeiro: Wallprint Gráfica e Editora, 2009.

FERREIRA, Andrea Tereza Brito; Rosa, Ester Callad de Sousa; TELES, Rosinalda. Atividades lúdicas hora de aprender, hora de avaliar? In; Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão

Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Vamos brincar de reinventar histórias. Brasília: MEC, SEB. Ano 3. Unidade 4, p. 28-31, 2012.

GESSER, Audrei. Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2. UFSC: Florianópolis, 2010.

GESSER, Audrei. LIBRAS? que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRASSI, Tania Mara. Oficinas Psicopedagógicas. 2º ed. Curitiba: Ibepex, 2008.

GOES, Maria Cecília Rafael e LACERDA, Cristina B. Feitosa. Surdez: Processos Educativos e Subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000.

GOLDFELD, M. A criança surda - Linguagem e Cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo. Plexus Editora, 2002.

KARNOFF, L.B. Língua de Sinais na Educação dos Surdos. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz: EDUNISC, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). O jogo e a educação infantil. In:_____. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.15-48.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998. Cap. 2. p.13-22.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (organizadoras) Tenho um aluno surdo e agora? (ed.1º 2013) editora UFSC, São Carlos. Cap. 4 P.74.

LEAL, Telma Ferraz. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.45.

LIBÂNIO, José C. Didática. São Paulo, Cortez, 1994.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. Aprender com jogos e situações-problema. Porto Alegre: Artes Artmed, 2000.

NEVES, Sylvia Lia Grespan. Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de Língua Brasileira de Sinais para ouvintes. Dissertação de mestrado em educação. São Paulo: Universidade Metodista de Piracicaba, 2011.

NETO, C. Jogo e desenvolvimento da criança. Lisboa: FMH, 1997.

OLIVEIRA, P. C. F.; WALTER, C., C., F. Educação bilíngue; sua importância na aprendizagem e inclusão escolar de alunos surdos. Cadernos de Pesquisa. São Luís, v. 23, nº 2, p. 31-45, mai./ago. 2016.

ORTEGA Y GASSET, José. O livro das Missões. Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano, 1961.

PADRÓN, C.; DÍAZ, P.; AEDO, I. Towards an Effective Evaluation Framework for IMS LD-Based Didactic Materials: Criteria and Measures. In: HUMAN-COMPUTER INTERACTION APPLICATIONS AND SERVICES, 2007, p.312-321.

PENTEADO, J. A técnica da comunicação humana. (13ª ed.). São Paulo: Pioneira, 2013.

PEREIRA, Maria Cristina da C.(org.) Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil e Ensino Fundamental. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2008.

PIAGET, J. O. Nascimento da inteligência na criança. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de LIBRAS 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. RALLO, Rose Mary Petry; QUEVEDO Zeli Rodrigues de. A magia dos jogos na alfabetização. 3. ed. Porto Alegre: Kuarup, 1994.

QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RIBEIRO, Katiuce Lucio. *Jogos na Educação Infantil*. / Katiuce Lucio Ribeiro, Selma Pereira de Souza. Serra: Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira, 2011.

ROCHA, Solange. *O INES e a Educação de Surdos no Brasil*. Periódicos. I. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Brasil) II. Aspectos da trajetória do Instituto de Educação de Surdos em seu percurso de 150 Anos. 2ª Ed. Rio de Janeiro: INES/2008.

ROMISZOWSKI, H. P. *Avaliação no Design Instrucional e Qualidade da Educação a Distância: qual a relação?* Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, v. 03, 2004.

RICHARDS, Jack C. *O ensino comunicativo de língua estrangeira*. São Paulo: SBS Editora, 2006.

ROSA, Adriana Padilha; NISIO, Josiane di. *Atividades Lúdicas: Sua importância na alfabetização*. 1. ed. Curitiba - PR: Juruá, 2006.

SANCHÉZ, 1990. In: ALVES, Marlene Rodrigues. *Inclusão do Aluno Surdo Num Mesmo Espaço Escolar, Com Alunos Ouvintes do Ensino Regular da Rede Particular*. Maringá/PR: Revista Eficaz, 2011.

SANTOS, Santana Marli Pires dos, *Brinquedoteca: sucata vira brinquedo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SANTOS, Luciana Alves Dos. *As Brincadeiras no Âmbito Escolar: um estudo sobre o papel do brincar no desenvolvimento cognitivo de crianças da educação infantil de uma escola privada do Paraná*. Brasília: 2008.

SAVI, R. Avaliação de jogos voltados para a disseminação do conhecimento. Florianópolis, SC, 2011. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do conhecimento) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Disponível em: Acesso em: 14 Nov. 2019.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: Leitura: perspectivas interdisciplinares. ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs.). – 5ª Ed. – São Paulo: Ática, 1999.

STOKOE, W. 1960. Estrutura da linguagem de sinais: Um esboço dos sistemas de comunicação visual dos surdos americanos. Estudos em Linguística, nº 8. Universidade de Buffalo.

TEIXEIRA, Carlos E. J. **A ludicidade na escola**. São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, Lev. Semenovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Vygotsky, Lev 1988, 1987, 1982, apud, KISHIMOTO, Tizuko Morchiba (ORG.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phillis Perrin. Aprender a ver. Editora Arara Azul: Rio de Janeiro, 2005. (Coleção Cultura e diversidade)

6.2 Obras consultadas

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, no 3, 2o sem./1996 .

Escolas Paulo Freire. Disponível em: <<https://www.escol.as/186591-e-m-paulo-freire> 12/07/2019>. Acesso em 13/07/2019.

Instituto Nacional de Educação de Surdos. Conheça o INES. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>>. Acesso em: 31/10/2018

Ministério da Educação. MEC. Formação ano 3, unidade 4, Miolo. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_4_MIOLO.pdf>. Acesso em: 22/02/2019

Portal Educação. Barreiras a comunicação, o que é. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/barreiras-a-comunicacao-o-que-e/55163.htm>>. Acesso em: 31/10/2018

SABONAI, Noriko Lúcia. A evolução da educação entre e com surdos no Brasil. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/92-a-evolucao-da-comunicacao-entre-e-com-surdos-no-brasil>>. Acesso em: 01/04/2019

7. Apêndices e Anexos

7.1 TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

FILMAGEM E FOTOGRAFIA

Venho por meio deste documento autorizar ao mestrando **WENDEL DE OLIVEIRA**, ou o(s) representantes(s) designado(s) pela **Dra. Ana Regina e Souza Campello (orientadora)** a produzir, reproduzir ou multiplicar fotografias, vídeos, filmes ou transparências, podendo ser coloridas ou em preto e branco, em que _____, participe e apareça, sendo estas feitas somente durante as atividades do projeto em sala de aula ou na Instituição em que ele(a) estiver sob o meu total conhecimento e consentimento.

Estas fotografias, vídeos, filmes ou transparências só poderão ser utilizados para fins de pesquisa, informação ou divulgação, para educação da docência, publicados em periódicos ou em outros meios de divulgação científica. A reprodução e multiplicação dessas imagens podem ser acompanhadas ou não de texto explicativo sem qualquer conceito negativo que possa denegrir a imagem, e abro mão de qualquer direito de pré-inspeção e pré-aprovação do material, assim como de qualquer compensação financeira pelo seu uso, sendo este publicado sempre preservando o nome do estudante e do professor, assim garantindo-lhe sua privacidade.

Tenho ciência de que este trabalho faz parte da dissertação do mestrando **WENDEL DE OLIVEIRA**, no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, visando estritamente a ampliação das possibilidades educacionais das escolas públicas e privadas, de forma que estas se adaptem e possam receber os professores e os estudantes surdos com as melhores condições possíveis.

Entendo que não haverá qualquer despesa para que o estudante ou professor participe desta pesquisa, bem como não haverá qualquer tipo de recompensa para o participante e/ou responsáveis, a não ser aquela de ter contribuído para a tentativa de melhoria da prosódia em/de LIBRAS.

Expresso que tenho ciência de que toda a informação obtida com este estudo ficará armazenada na UFF, juntamente com outros documentos relativos ao projeto e não serão, em hipótese alguma, fornecidos a terceiros sem sua expressa autorização e conhecimento. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFF - poderá ter acesso aos dados coletados.

Essa pesquisa não oferece qualquer dano ou risco aos participantes, visto que os materiais utilizados são inócuos e eles serão oferecidos à criança e não impostos a ela. Assim, os alunos ou professores só participarão caso demonstrem interesses e o desejo em fazê-lo.

Como responsável, sei que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, assim como os alunos e professores, sem quaisquer penalizações ou prejuízos, só bastando comunicar o fato via e-mail para **WENDEL DE OLIVEIRA** (wendelmel@hotmail.com) ou a Dra. Ana Regina e Souza Campello (acampello@ines.gov.br) como orientadora deste projeto da UFF.

Deixo expresso, ainda, que esta autorização:

() permite que apareça o meu rosto no material gráfico sem as tarjas ou técnicas usualmente empregadas para dificultar a identificação.

() permite que apareça o meu rosto no material gráfico somente se houver o uso de tarjas ou técnicas usualmente empregadas para dificultar a identificação.

() não permite que apareça o meu rosto no material gráfico final, sendo este totalmente encoberto com a cor preta.

Declaro estar plenamente ciente do inteiro teor desta autorização.

Data: _____ de _____ de _____.

(Nome legível e N° de Identidade do responsável)

(Assinatura do responsável)

UFF - Instituto de Biologia – Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.

Outeiro São João Batista, Centro Niterói/RJ – CEP: 24210130

Pesquisador Responsável Executivo: WENDEL DE OLIVEIRA

Contato: wendelmel@hotmail.com

Ficha Técnica:

Autor e apresentador

Wendel de Oliveira

Ilustrações

Aline Silva

Produtora

Designer SilvAline Silva

Voz

Jaqueline Luna de Oliveira

Tradutores e Intérpretes de LIBRAS

Rosilene Vilarinho Pereira Alonso Costa
Ozineide Alves Miranda Oliveira

Diagramação

Aline Gomes da Silva

Revisão

Profa. Dra. Neuza Rejane Wille Lima - UFF


Equipe de Pesquisa

Wendel de Oliveira – Mestrando CMPDI-UFF

7.2 ANEXOS

7.2.1 Formulários do Curso de Extensão/Autorização da UNIR

13/10/2019 SEI/UNIR - 0204830 - Despacho




MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO ACADEMICO DE LIBRAS - PORTO VELHO


DESPACHO


Processo nº 9991196203.000067/2019-21
Interessado: WENDEL DE OLIVEIRA, GREICE KELLY NASCIMENTO SANTOS COSTA

Senhora chefe,

Encaminho Projeto de Extensão " CURSO DE ESTRATÉGIA DO ENSINO DE LIBRAS DURANTE O JOGO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS", para parecer e aprovação na reunião de colegiado.

 Documento assinado eletronicamente por **WENDEL DE OLIVEIRA, Docente**, em 13/08/2019, às 23:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

 Documento assinado eletronicamente por **GREICE KELLY NASCIMENTO SANTOS COSTA, Docente**, em 12/09/2019, às 03:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

 A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0204830** e o código CRC **8BC1625C**.

Referência: Processo nº 9991196203.000067/2019-21 SEI nº 0204830

https://sei.unir.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=223972&infra_sistemas=1... 1/1/1

7.2.1 Formulários do Curso de Extensão/Autorização da UNIR

13/10/2019	SEI/UNIR - 0228508 - Anexo	SEI nº 0228508
Referência: Processo nº 9991196203.000067/2019-21		
13/10/2019	SEI/UNIR - 0228508 - Anexo	

Porto Velho, 09 de setembro de 2019.

À quem interessar.

I. RELATÓRIO

Trata-se da análise e parecer do Projeto de Extensão “1º CURSO DE ESTRATÉGIA DO ENSINO DE LIBRAS DURANTE O JOGO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS”.

II. FUNDAMENTAÇÃO


O referido projeto, intitulado “CURSO DE ESTRATÉGIA DO ENSINO DE LIBRAS DURANTE O JOGO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS”, sob a coordenação do Prof. Esp. Wendel de Oliveira e da Profª Esp. Greice Kelly Nascimento Santos Costa, Esse curso tem por objetivo de oferecer as estratégias, pesquisar, analisar e desenvolver recursos didáticos para o ensino da Língua Brasileira de Sinais associada concomitantemente aos signos da Língua Portuguesa - para crianças surdas do primeiro ano do Ensino Fundamental. O público alvo se constituiu-se de Comunidade acadêmica, comunidade em geral ouvinte, surdo e familiares de surdos.

A proposta apresentada, objetivou-se em Analisar e utilizar os recursos didáticos para o ensino da Língua Brasileira de Sinais associada concomitantemente aos signos da Língua Portuguesa - para crianças surdas do primeiro ano do Ensino Fundamental. O projeto de extensão justifica-se, porque muitas crianças surdas, quando não mantêm contato com outros surdos, têm chegado à escola com pouco ou nenhum conhecimento da Libras, usando apenas gestos e basicamente nenhum conhecimento dos signos escritos da Língua Portuguesa. A problemática do estudo busca responder a algumas perguntas apoiadas em hipóteses, tais como: o aprendizado de Libras pode possibilitar uma melhor compreensão do mundo por crianças surdas, assim como os jogos pedagógicos dirigidos especificamente para o ensino de Libras destinado a alfabetização. Com base nos estudos linguísticos sobre a Libras (BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004), sobre o ensino de língua de sinais (ALBRES, 2008; 2012; ALMEIDA, 2010; FELIPE, 2009; GESSER, 2010; NEVES, 2011; WILCOX E WILCOX, 2005) sobre recursos didáticos para o ensino (LIBÂNEO, 1994). O curso propõe caminhos para o estudo e o desenvolvimento de atividades didáticas que possam contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de Libras e dos signos da escrita da Língua Portuguesa por crianças surdas através de jogos pedagógicos. Encontros de aulas três dias: (23/08 - 18:30 as 22h) ,(24/08 - 08h á 18h) ,(31/08 – 08h as 22h).


III. CONCLUSÃO

Considerando que a proposta de extensão atende a resolução nº 226/CONSEA, 17/12/2009, e diante da importância do Seminário em Comemoração ao Dia Nacional da Libras na UNIR/RO para a consolidação do ensino da pesquisa e da extensão na Universidade, **SOU DE PARECER FAVORÁVEL** à institucionalização do Projeto.

Atenciosamente.






Documento assinado eletronicamente por **LEONI RAMOS SOUZA NASCIMENTO, Docente**, em 09/09/2019, às 18:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0228508** e o código CRC **34D774AC**.

7.2.2 CÓPIA DOS QUESTIONÁRIOS

FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante:

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: Wendel de Oliveira
 Apresentação do palestrante: Curso de Extensão
 Local: Escola Bilíngue
 Data: 31/08/2019 Horário: 08:00 as 18:00 Carga Horária:

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Conhecimento do Assunto	X				
Administração do tempo	X				
Esclarecimento de dúvidas	X				
Linguagem clara e objetiva		X			
Apresenta o conteúdo em seqüência lógica	X				
Relacionamento com o grupo	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade do material em relação ao conteúdo	X				
Qualidade do material em relação a quantidade	X				

Curso / Organização:	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade dos equipamentos utilizados	X				
Carga horária em relação ao conteúdo	X				
Local do Evento (ambiente)		X			
Assistência durante o evento	X				

Expectativa antes do evento Muita (X) Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você conseguiu aplicar o conteúdo na prática? Sim () Não (X) Em parte ()

Justifique sua resposta.
 Sobre a expectativa: buscar aprender mais sobre livros
 Expectativas sobre o atendimento: ótimo
 Sobre a aplicação: Não pôde que sou ouvinte.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Comentários
Palestrante nota 10 os professores que
estão trabalhando na interrelação todos
nota 10.

Sugestões
local de estudo poderia ser espaço
maior.

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: *Prof: Wendel*
 Apresentação do palestrante: *Bilingue - libras (Sages)*
 Local: *Escola Bilingue PUM*
 Data: *31.0.19* Horário: *29h 08' 13h* Carga Horária: *29h*

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	☺☺	☺	☺	☺	☹☹
Conhecimento do Assunto	X				
Administração do tempo	X				
Esciarcimento de dúvidas	X				
Linguagem clara e objetiva	X				
Apresenta o conteúdo em seqüência lógica	X				
Relacionamento com o grupo	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	☺☺	☺	☺	☺	☹☹
Qualidade do material em relação ao conteúdo		X			
Qualidade do material em relação a quantidade		X			

Curso / Organização:	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	☺☺	☺	☺	☺	☹☹
Qualidade dos equipamentos utilizados	X				
Carga horária em relação ao conteúdo	X				
Local do Evento (ambiente)	X				
Assistência durante o evento	X				

Expectativa antes do evento Muita () Normal (X) Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim (X) Não () Em parte ()

Justifique sua resposta.

*pretendo dar continuidade
 próximo curso.*

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 (X)

Comentários
*Conhecimento excelente, bom para
 prática e teoria.*

Sugestões
Continue sempre assim!!

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: *Wendel Oliveira*
 Apresentação do palestrante:
 Local: *Escola Bilingue*
 Data: *23/08 - 24/08 e 31/08* Horário: *18:30h - 22:00h* Carga Horária:
08:00h - 18:00h

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	☺☺	☺	☺	☺	☺☺
Conhecimento do Assunto	X				
Administração do tempo	X				
Esclarecimento de dúvidas	X				
Linguagem clara e objetiva	X				
Apresenta o conteúdo em seqüência lógica	X				
Relacionamento com o grupo	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	☺☺	☺	☺	☺	☺☺
Qualidade do material em relação ao conteúdo	X				
Qualidade do material em relação a quantidade	X				

Curso / Organização:	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	☺☺	☺	☺	☺	☺☺
Qualidade dos equipamentos utilizados	X				
Carga horária em relação ao conteúdo	X				
Local do Evento (ambiente)	X				
Assistência durante o evento	X				

Expectativa antes do evento Muita (X) Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim (X) Não () Em parte ()

Justifique sua resposta.
Os conteúdos foram explicados de forma bem clara, a utilização do material foi muito bom e estimulou a curiosidade em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
									X

Comentários
Os conhecimentos adquiridos contribuiu muito para meu crescimento pessoal, as técnicas de ensino do professor são muito importantes e claras, contribuiu muito para o conhecimento e assimilação do aluno sendo.

Sugestões
Podria ter mais cursos.

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: WENDELL DE OLIVEIRA
 Apresentação do palestrante:
 Local: Escola Bilingue
 Data: 31/08/2019 Horário: Carga Horária: 20h

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Conhecimento do Assunto	X	X			
Administração do tempo	X	X			
Esclarecimento de dúvidas	X	X			
Linguagem clara e objetiva	X	X			
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	X	X			
Relacionamento com o grupo	X	X			

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade do material em relação ao conteúdo	X				
Qualidade do material em relação a quantidade	X				

Curso / Organização:	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade dos equipamentos utilizados	X	X			
Carga horária em relação ao conteúdo		X			
Local do Evento (ambiente)					
Assistência durante o evento	X				

Expectativa antes do evento Muita (X) Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim () Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim () Não () Em parte (X)

Justifique sua resposta.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 X 10

Comentário
 O professor é extremamente comprometido e domina muito bem os assuntos ensinados

Sugestões
 Sugiro que seja estendido esse curso em todas as escolas e municípios do estado de Rondônia.
 SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: Wendel de Oliveira
 Apresentação do palestrante:
 Local: Escola de Bilingue
 Data: 31/08/2019 Horário: 8h-18h Carga Horária: 20h

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	☺☺	☺	☺	☹	☹☹
Conhecimento do Assunto	X				
Administração do tempo	X				
Esclarecimento de dúvidas	X				
Linguagem clara e objetiva	X				
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	X				
Relacionamento com o grupo	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	☺☺	☺	☺	☹	☹☹
Qualidade do material em relação ao conteúdo	X				
Qualidade do material em relação a quantidade	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	☺☺	☺	☺	☹	☹☹
Qualidade dos equipamentos utilizados	X				
Carga horária em relação ao conteúdo	X				
Local do Evento (ambiente)	X				
Assistência durante o evento	X				

Expectativa antes do evento Muita () Normal () Pouca (X) Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim (X) Não () Em parte ()

Justifique sua resposta.
Muito interessante, sua apresentação foi ótima, me informou vários que eu aprendi muito.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 (X)

Comentários
Gostei que você criou fogos, quero você explicar mais p/ professores ouvintes, conteúdo e adaptar p/ surdos.

Sugestões
Minha opinião, importante a teoria e também prática compare com assunto p/ ajuda mais p/ entender.

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: Wendel de Oliveira
 Apresentação do palestrante: durante o jogo Educacional para alunos surdos
 Local: Escola Bilingue
 Data: 31.08.19 Horário: 08:00 Carga Horária: 12:00

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😞	😞😞
Conhecimento do Assunto	X				
Administração do tempo	X				
Esclarecimento de dúvidas	X				
Linguagem clara e objetiva	X				
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	X				
Relacionamento com o grupo	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😞	😞😞
Qualidade do material em relação ao conteúdo	X				
Qualidade do material em relação a quantidade	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	😊😊	😊	😊	😞	😞😞
Qualidade dos equipamentos utilizados	X				
Carga horária em relação ao conteúdo	X				
Local do Evento (ambiente)	X				
Assistência durante o evento	X				

Expectativa antes do evento Muita () Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim (X) Não () Em parte ()

Justifique sua resposta.

Otimel e a pratica muito.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
									X

Comentários

Sugestões
o bom professor Wendel ensina alunos para as crianças e tem sempre uma coisa diferente desenvolver para crianças, também adultos surdos e surdos.

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: WENDEL DE OLIVEIRA
 Apresentação do palestrante: MARACUJÃO
 Local: ESCOLA BILÍNGUE
 Data: 31/08/19 Horário: MANHÃ 10HS. Carga Horária: 20 HS

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😞	😞😞
Conhecimento do Assunto	X				
Administração do tempo	X				
Esclarecimento de dúvidas	X				
Linguagem clara e objetiva	X				
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	X				
Relacionamento com o grupo	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😞	😞😞
Qualidade do material em relação ao conteúdo	X				
Qualidade do material em relação a quantidade	X				

Curso / Organização:	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Qualidade dos equipamentos utilizados	X				
Carga horária em relação ao conteúdo			X		
Local do Evento (ambiente)		X			
Assistência durante o evento		X			

Expectativa antes do evento Muita () Normal (X) Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim () Não () Em parte (X)

Justifique sua resposta.

SIM, UMA MICROLOGIA NÃO NECESSITA DE EMPOLHO DOS FUTUROS PROFESSORES PARA QUE OCORRA O DESENVOLVIMENTO.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 (X)

Comentários

Sugestões

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: Wendel de Oliveira
 Apresentação do palestrante: através o jogo educacional PLANO SUPERNO
 Local: ESCOLA BILÍNGUE
 Data: 31/08/19 Horário: MANHÃ / TARDE Carga Horária: 20hs

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😊	😞😞
Conhecimento do Assunto	✓				
Administração do tempo		✓			
Esclarecimento de dúvidas	✓				
Linguagem clara e objetiva	✓				
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	✓				
Relacionamento com o grupo	✓				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😊	😞😞
Qualidade do material em relação ao conteúdo	✓				
Qualidade do material em relação a quantidade		✓			

Curso / Organização:	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Qualidade dos equipamentos utilizados	✓				
Carga horária em relação ao conteúdo	✓			✗	
Local do Evento (ambiente)					
Assistência durante o evento	✓				

Expectativa antes do evento Muita (✓) Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (✓) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim () Não () Em parte (✓)

Justifique sua resposta.

Por muito maravilhoso pelo domínio do assunto

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
									✗

Comentários

Sugestões

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Crisina Juliana

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: Wendell
 Apresentação do palestrante:
 Local: Bilíngue
 Data: 31/08/2019 Horário: Carga Horária: 20h

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Conhecimento do Assunto		✗			
Administração do tempo		✗			
Esclarecimento de dúvidas	✗				
Linguagem clara e objetiva	✗				
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	✗				
Relacionamento com o grupo	✗				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade do material em relação ao conteúdo	✗				
Qualidade do material em relação a quantidade	✗				
Curso / Organização:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade dos equipamentos utilizados	✗				
Carga horária em relação ao conteúdo	✗				
Local do Evento (ambiente)			✗		
Assistência durante o evento	✗				

Expectativa antes do evento Muita (✗) Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (✗) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim (✗) Não () Em parte ()

Justifique sua resposta.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ✗

Comentários

Sugestões

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



criança 1

FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante: Wendel
 Apresentação do palestrante: Durante o Jogo Educacional / Alunos surdos
 Local: Bilíngue PVH
 Data: 31/08/2019 Horário: 08:00hs à 18:00hs Carga Horária:

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Conhecimento do Assunto	X				
Administração do tempo	X				
Esclarecimento de dúvidas	X				
Linguagem clara e objetiva	X				
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	X				
Relacionamento com o grupo	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade do material em relação ao conteúdo	X				
Qualidade do material em relação a quantidade	X				

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade dos equipamentos utilizados	X				
Carga horária em relação ao conteúdo	X				
Local do Evento (ambiente)	X				
Assistência durante o evento	X				

Expectativa antes do evento Muita (X) Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim (X) Não () Em parte ()

Justifique sua resposta.

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Comentários

Sugestões

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA



criança

FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO AO PALESTRANTE E AO CURSO

Senhor(a) participante;

Com o objetivo de melhorarmos cada vez mais o curso de extensão, solicitamos que preencha a avaliação abaixo, assinalando com "X", o ponto que mais se aproxima de sua opinião.

Nome do Palestrante:		
Apresentação do palestrante:		
Local:		
Data:	Horário:	Carga Horária:

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Apresentação do Palestrante:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Conhecimento do Assunto	✓				
Administração do tempo	✓				
Esclarecimento de dúvidas	✓				
Linguagem clara e objetiva	✓				
Apresenta o conteúdo em sequência lógica	✓				
Relacionamento com o grupo		✓			

ITENS A SEREM AVALIADOS	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Material Didático:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade do material em relação ao conteúdo	✓				
Qualidade do material em relação a quantidade	✓				

Curso / Organização:	Ótima	Bom	Normal	Regular	Ruim
Curso / Organização:	😊😊	😊	😊	😊	😊😊
Qualidade dos equipamentos utilizados	✓				
Carga horária em relação ao conteúdo	✓				
Local do Evento (ambiente)	✓				
Assistência durante o evento	✓				

Expectativa antes do evento Muita (X) Normal () Pouca () Nenhuma ()
 Expectativas foram atendidas Sim (X) Não () Em parte ()
 Você consegue aplicar o conteúdo na prática? Sim (X) Não () Em parte ()

Justifique sua resposta.

novador material

Marque com X uma nota de 1 a 10 para o evento:




1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Comentários

Sugestões

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO DA FOLHA

7.2.3 CÓPIA DAS AUTORIZAÇÕES DOS PAIS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM CRIANÇA

CURSO DE ESTRATÉGIA DO ENSINO DE LIBRAS DURANTE O JOGO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS, OCORRIDO NOS DIAS 23,24 e 31 DE AGOSTO DE 2019, MINISTRADO PELO PROFESSOR MESTRANDO WENDEL DE OLIVEIRA

Eu, Pedro Emanuel Jo Santos, nacionalidade _____, menor de idade neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal), _____, nacionalidade Brasileiro, estado civil, solteiro, portador da cédula de identidade RG n.º _____, inscrito no CPF/MF sob n.º _____, residente na Av./rua _____, n.º _____, município de _____/Rondônia. AUTORIZO o uso de imagem de Paulo Miguel, em todo e qualquer material em fotos, vídeos e documentos, para se realizada em campanhas promocionais e institucional da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Bilingue Porto Velho, com sede na Av. Litorânea, 2.621, Flodoaldo Pontes Pinto. CEP: 76.820-552 Porto Velho - RO, sejam estas destinadas a divulgação ao público em geral. A presente Autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) outdoor, (II) busdoor, folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home Page; (VI) Cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, programa para radio, entre outros). Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso a cima descrito sem que nada haja a ser declamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Porto Velho dia 19 de Setembro de 2019.

Rev. Santos
Assinatura Responsável

Nome da Criança: Paulo Miguel
Por seu Responsável legal: Evanielson dos Santos
Telefone p/ contato: 9.9206-4256



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM CRIANÇA

CURSO DE ESTRATÉGIA DO ENSINO DE LIBRAS DURANTE O JOGO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS, OCORRIDO NOS DIAS 23,24 e 31 DE AGOSTO DE 2019, MINISTRADO PELO PROFESSOR MESTRANDO WENDEL DE OLIVEIRA

Eu, Yasmin Courcia Abreu, nacionalidade Brasileira menor de idade neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal), Edionéia Jaqueline S. Courcia, nacionalidade Brasileira, estado civil, separada, portador da cédula de identidade RG n.º 990-781, inscrito no CPF/MF sob n.º 943.403.822-72, residente na Av./rua R. Duobro Alboniz, n.º 7012, município de Porto Velho/Rondonia. AUTORIZO o uso de imagem de Yasmin Courcia Abreu, em todo e qualquer material em fotos, vídeos e documentos, para se realizada em campanhas promocionais e institucional da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Bilingue Porto Velho, com sede na Av. Litorânea, 2.621, Flodoaldo Pontes Pinto. CEP: 76.820-552 Porto Velho - RO, sejam estas destinadas a divulgação ao público em geral. A presente Autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) outdoor, (II) busdoor, folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home Page; (VI) Cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, programa para radio, entre outros). Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso a cima descrito sem que nada haja a ser declamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Porto Velho dia 19 de setembro de 2019.

Edionéia Jaqueline Silva Courcia
Assinatura Responsável

Nome da Criança: Yasmin Courcia Abreu
Por seu Responsável legal: Edionéia Jaqueline S. Courcia
Telefone p/ contato: (69) 99243.4432

7.2.4 CÓPIA DO CERTIFICADO

